

Manuel Sanz Benito

A Ciência Espírita



MANUEL SANZ BENITO
A CIÊNCIA ESPÍRITA

Lançamento original do espanhol:

MANUEL SANZ BENITO
LA CIENCIA ESPÍRITA

Imprenta de Daniel Cortezo Y C.^a - Editores
Calle Pallars (Salón de S. Juan)
Barcelona, 1890.

Tradução: Teresa da Espanha
Prefaciado por Jorge Hessen
Revisão: Irmãos W. e Ery Lopes
Formatação: Alexandre R. Distefano

Versão digitalizada:

© 2022

Distribuição gratuita:

Portal Luz Espírita

Autores Espíritas Clássicos



Estudos Espíritas

MANUEL SANZ BENITO

A CIÊNCIA ESPÍRITA

Prólogo

Vizconde de Torres-Solanat

**Imprenta de Daniel Cortezo Y C.^a - Editores
Calle Pallars (Salón de S. Juan)
Barcelona, 1890.**



Manuel Sanz Benito (1860 - 1911)

O filósofo Manuel Sanz Benito foi um destacado espírita, ligado desde a juventude à revista *O Critério Espírita* e a Alverico Perón. Publicou notáveis obras filosóficas como *A Ciência Espírita* ou *A Psique*. Foi professor de Metafísica e Lógica nas universidades de Barcelona, Valhadolid e Madri.

Liberal, também esteve ligado à corrente filosófica krausista de Julián Sanz del Río, como Francisco de Paula Canalejas (a quem Alverico Perón dedicou sua *Carta de um Espírita*). Por suas profundas convicções espíritas, teve de suportar a intolerância e o fanatismo de alguns setores para poder exercer sua cátedra em Barcelona.

Os anos de juventude e seu compromisso social

Manuel Sanz Benito nasceu na província de Madri em 15 de fevereiro de 1860. Conheceu muito cedo a filosofia espírita, pois em 1877, aos 17 anos, publicou o artigo "*A dúvida na sociedade*" no *O Critério Espírita*. Sua colaboração na revista criada por Alverico Perón e com a Sociedade Espírita Espanhola foi muito frutífera, e se prolongou até 1889.

Recebeu seu doutorado pela Faculdade de Filosofia e Letras e ganhou em concurso uma cátedra de Filosofia. No Instituto de Lugo permaneceu por espaço de 3 anos. A partir daí tornou-se professor de Filosofia em

Guadalajara, onde desenvolveu uma importante atividade cultural. Nesta cidade foi um destacado membro do Ateneu Caracense, que presidiu em 1891. E ali proferiu o discurso *Determinismo e liberdade*. Além disso, na cidade alcarrense, foi diretor da Revista *Ateneu Escolar* e participou do encontro do Centro Volapukista (língua artificial, concorrente do Esperanto).

Entre seus trabalhos sociais, deve-se destacar que foi o promotor da *Caridade Escolar*, uma sociedade benéfica fundada em 1889 em Guadalajara. O seu objetivo era fornecer vestuário e calçado aos filhos de famílias trabalhadoras que se distinguissem em aplicação nos estudos e conduta exemplar.

As obras filosóficas e espíritas

Durante seus anos como professor em Guadalajara, tornou-se um dos principais defensores do espiritismo na Espanha. Participava de congressos internacionais e publicava artigos no *O Critério Espírita* e na *Revista de Estudos Psicológicos*.

Em 1890 Manuel Sanz Benito publicava *A Ciência Espírita*, com prólogo do Vizconde Torres-Solanot, e em 1891 presidiu o Ateneu Caracense em Guadalajara, onde proferiu o discurso *Determinismo e Liberdade*.

No alvorecer do século XX, em 1900 publicou *A psique*, obra onde trata do estudo da alma ou espírito, onde afirma:

“Pelo contrário, o espiritismo sustenta a existência da alma como realidade palpável perante a consciência, da mesma forma que os objetos materiais são percebidos perante os sentidos. E enquanto o materialismo nega a existência do Eu e da personalidade humana idêntica em cada momento do tempo, o espiritualismo racional faz dessa identidade pessoal o primeiro princípio de prova para suas elucubrações. Ele afirma, também, não apenas a existência da alma, a Psique, como entidade não emanada de forças orgânicas, mas possuindo características próprias de espontaneidade e liberdade em seu modo de agir, e como resultado de tudo, a persistente individualidade fora da carne, a transcendência da vida do ser”.

O magistério na universidade

Em 22 de março de 1893, ele ganhou em concurso a cátedra de Metafísica da Universidade de Barcelona. Este fato parecia provar que na Espanha era

possível existir um Espiritismo de cátedra, rigoroso e científico. No entanto, logo a reação de clericalistas e carlistas desencadeou um ataque furibundo contra o novo professor, como evidenciado por inúmeras altercações que podem ser acompanhadas na imprensa contemporânea, como *O Dilúvio*.

Este fato não era novo, já fora sofrido por outros professores como o krausista Julián Sanz del Río em 1865 na Universidade Central de Madri. Como consequência desta perseguição, Manuel Sanz Benito permutou a cátedra em Barcelona pela de Valhadolid. E mais tarde, por concurso, ocupou a cátedra de Lógica Fundamental na Universidade de Madri. Desencarnou em Madri em 1911 e, como Sanz del Río ou González Soriano, foi sepultado no cemitério livre.

Bibliografia de Manuel Sanz Benito

1890. A ciência espírita, Barcelona: Imprensa de Daniel Cortezo e Companhia, 199 págs. (com um prefácio do Vizconde de Torres-Solanot)

1891. Determinismo e liberdade. Discurso pronunciado no Ateneu Caracense pelo presidente do centro Sr. Manuel Sanz Benito, Valhadolid: Imprensa de Jorge Montero, 19 págs.

1893. Programa vigente na área de Metafísica. Barcelona: F. Giró, 35 págs.

1897. Programa de Metafísica. Valhadolid: Sucessores Hijos de Rodríguez, 36 págs.

1900. A psique, Valhadolid: Imprensa de Jorge Montero, 167 págs.

1900. Propedêutica lógica. Valhadolid: Imprensa de Jorge Montero, 36 págs.

[s.a.] Filosofia popular: palestra dada na Sociedade *El Fomento de las Artes* de Madrid. Valhadolid: Imprensa de Jorge Montero, 30 págs.

Artigos no *O Critério Espírita*

1877. «A dúvida na sociedade», *O Critério Espírita*, 10, págs. 101-104.

1882. «Dúvida ou realidade. O que é a verdade?», *O Critério Espírita*, 15, págs. 113-115.

1883. «O que é o homem?», *O Critério Espírita*, 16, págs. 1-4.

1884. «Discurso na comemoração do aniversário de Allan Kardec», *O Critério Espírita*, 16, págs. 50-53.

1884. «Discurso sobre Allan Kardec», *O Critério Espírita*, 17, págs. 64-67.

1885. «Ao espírito de Allan Kardec. A morte», *O Critério Espírita*, págs. 52-ss.
1886. «Recordando Kardec», *O Critério Espírita*, 19, págs. 56-ss.
1886. «A liberdade iluminando o mundo», *O Critério Espírita*, 19, págs. 146-148.
1887. «Idealidade na vida», *O Critério Espírita*, 20, págs. 142-144.
1888. «O impossível», *O Critério Espírita*, 21, págs. 45-47.
1888. «Trabalhemos com Kardec», *O Critério Espírita*, 21, págs. 76-ss.
1888. «Resumo do discurso pronunciado no Congresso Internacional Espírita», *O Critério Espírita*, 21, págs. 166-ss.
1889. «Positivismo e espiritismo», *O Critério Espírita*, 22, págs. 87-89.
1889. «O raciocínio, sinal de pouco entendimento: os bons e os sábios», *O Critério Espírita*, 22, págs. 103-ss.
1889. «O Espiritismo do ponto de vista vulgar», *O Critério Espírita*, 22, págs. 118-ss.
1889. «Congresso Espírita de Paris. Discurso pronunciado nesse Congresso», *O Critério Espírita*, 22, págs. 161-164.
1889. «O Espírito: sua realidade, sua imortalidade e progresso indefinido», *O Critério Espírita*, 22, págs. 181-185.

Outras colaborações

1889. *Discours dans le Congrès Spiritualiste International tenu à Paris a l'occasion de l'Exposition Universelle de 1889*. Valhadolid.
1893. «O Espírito: sua realidade, sua imortalidade e progresso indefinido», *Revista de Estudos Psicológicos*, 25, págs. 163-169.
1893. «Discurso (sobre espiritismo)», *Revista de Estudos Psicológicos*, 25, págs. 292-297.

Fontes

- O Critério Espírita* (1868-1878) (Na Biblioteca Digital Hispânica podem ser consultados alguns anos desta revista 1868, 1869 y 1878)
1927. MÉNDEZ BEJARANO, M. *História da Filosofia na Espanha até o século XX*. Madri: Renascimento.
1934. *V Congresso Espírita Internacional. Livro resumo*.

Dedicatória

Ao

Espírito de Luís

As ideias derramadas neste livro foram aprendidas de você que, com suas luzes, iluminou as profundezas de nossa alma, mostrando a ela os caminhos pelos quais se avança para a perfeição infinita.

Receba-o como uma pequena amostra do quanto seu irmão e discípulo o ama.

Manuel

Sumário

Prefácio — pág. 11

Prólogo — pág. 13

Introdução — pág. 27

PRIMEIRA PARTE

Capítulo I - O Espiritismo e a Ciência — pág. 29

Capítulo II - O Espiritismo segundo seus adversários — pág. 35

Capítulo III - O Espiritismo como ciência única e universal — pág. 39

SEGUNDA PARTE

Capítulo IV - O Eu — pág. 43

Capítulo V - A persistência do Eu — pág. 45

Capítulo VI - A realidade do espírito — pág. 47

Capítulo VII - A força psíquica. - Os atos materiais e os atos anímicos. — pág. 49

Capítulo VIII - Diferença entre a força psíquica e as forças orgânicas — pág. 52

Capítulo IX - Caracteres essenciais do espírito. - Preexistência do mesmo à vida atual. — pág. 57

Capítulo X - A encarnação do espírito. - A vida anterior determina a encarnação. - Por que não nos lembramos dela. — pág. 62

Capítulo XI - A vida eterna do espírito. - Vidas anteriores às encarnações planetárias e vidas intermédias do espaço. - Três tipos de encarnação na Terra. — pág. 67

Capítulo XII - O progresso indefinido — pág. 72

Capítulo XIII - A pluralidade de mundos em relação com a pluralidade de existências — pág. 76

Capítulo XIV - Caracteres do espírito em si mesmo, independentemente da encarnação — pág. 80

Capítulo XV - O fenômeno da morte como desencarnação do Espírito — pág. 86

Capítulo XVI - A vida após a morte. - Os três estados do espírito: em perturbação, na erraticidade e em liberdade. — pág. 90

Capítulo XVII - A lei moral como lei suprema da Criação. - O bem e o mal.- O amor como expressão da lei moral. — pág. 96

Capítulo XVIII - Considerações sobre o fim e destino dos seres — pág. 102

Capítulo XIX - A causa absoluta — pág. 105

Comunicação do espírito de Luís — pág. 109

APÊNDICE

Discurso pronunciado por Manuel Sanz Benito no Primeiro Congresso Espírita Internacional de Barcelona. - Sessão de 10 de setembro de 1888. — pág. 113

Prefácio

Manuel Sanz Benito conheceu muito cedo a filosofia espírita e a sua colaboração na revista criada por Alverico Perón e com a Sociedade Espírita Espanhola foi muito frutífera.

Durante seus anos como professor de Metafísica e Lógica nas Universidades de Barcelona, Valhadolid e Madri, tornou-se um dos principais defensores do Espiritismo na Espanha.

Os argumentos doutrinários que Sanz Benito expõe aqui na obra, são corroboração eloquente das ideias e princípios delineados neste exórdio.

O autor trata de questões de subida importância e bem transcendentais, assinalando criteriosamente os absorventes problemas da existência.

Após sopesar o método kardeciano e seu critério de certeza, confirma que sendo o objeto de seu estudo a realidade e toda a realidade – o espírito, a matéria, Deus – deve ser acatado como uma ciência única e universal, porque não é patrimônio de nenhuma inteligência, mas está ao alcance de todos aqueles que reta e desapaixonadamente a buscam.

O livro A Ciência Espírita tem imensa importância para nós, pois revela em síntese magistral a consequência de muitos anos de pesquisas persistentes, convivendo semanalmente com o fenômeno mediúnico em círculo familiar, a fim de consultar e obter princípios e orientações do espírito de Luís.

A publicação de A Ciência Espírita presta um extraordinário serviço à divulgação do Espiritismo, chamando a atenção, mais uma vez, do mundo pensador, para estudos de grande utilidade e transcendência, que devem colaborar para o progresso da humanidade.

Distinguimos um amplo valor científico e literário, à pesquisa apresentada e desenvolvida nesta obra, considerando o esforço hercúleo de copiar e examinar centenas de comunicações, para delas extrair os princípios filosóficos disseminados entre todas.

Após ordená-los, o autor fixou o plano, estabelecendo o método, estribando os princípios, assentando premissas e somando implicações,

alargando as apreciações e sublimando os conceitos, até nos apresentar um livro robusto, sistemático e magistralmente documentado de maneira sistemática.

O autor percorreu as estradas metodológicas do Codificador do Espiritismo, sondando os espíritos, bancando sobre as orientações adquiridas através de escólios admiráveis, chegando a profundas reflexões e estudos intensos e cômicos que procederam em suas obras clássicas e básicas, legítimas prendas científicas e doutrinárias de excelente valor para os espíritas.

JORGE HESSEN
Brasília, outubro de 2022

Prólogo

O primeiro Congresso Espírita Internacional, realizado em Barcelona em 1888, proclamou a existência e virtualidade do Espiritismo como *ciência integral e progressiva*, apontando os seguintes fundamentos:

«Existência de Deus.

»Infinidade de mundos habitados.

»Preexistência e persistência eterna do Espírito.

»Demonstração experimental da sobrevivência da alma humana, através da comunicação mediúmica com os espíritos.

»Infinidade de fases na vida permanente de cada ser.

»Recompensas e penalidades, como consequência natural dos atos.

»Progresso infinito. Comunhão universal dos seres. Solidariedade».

O referido Congresso expôs como caracteres atuais da Doutrina Espírita:

«1.º Constitui uma ciência positiva e experimental.

»2.º É a forma contemporânea da Revelação.

»3.º Marca uma etapa muito importante no progresso humano.

»4.º Dá solução aos mais árduos problemas morais e sociais.

»5.º Purifica a razão e o sentimento, e satisfaz a consciência.

»6.º Não impõe uma crença, convida a um estudo.

»7.º Realiza uma grande aspiração que responde a uma necessidade histórica.»

Estas conclusões foram ratificadas no Congresso Espírita e Espiritualista de Paris, de 1889.

Já Allan Kardec, o grande compilador dos ensinamentos dos Espíritos, e nesse sentido fundador da nossa Filosofia, expondo magistralmente os "Caracteres da Revelação Espírita", no cap. I de sua notável obra *A Gênese*, mostrando que o Espiritismo nos permite conhecer o mundo invisível que nos cerca, suas leis, suas relações com o mundo visível, a natureza e estado dos seres que o habitam e, conseqüentemente, o destino do homem após a morte ou desencarnação, apontou a natureza dessa Revelação, que por sua origem possui o caráter de divina e, por seu desenvolvimento, o de

científica, e cuja elaboração se deve ao trabalho do homem, sendo, portanto, eminentemente progressiva.

«O espiritismo – disse o nosso mestre (loc. cit.) – considera como princípio absoluto apenas o que é demonstrado com evidência, ou o que resulta logicamente da observação.

No que diz respeito aos diferentes ramos da economia social, aos quais dá o suporte de suas próprias descobertas, ele sempre assimilará todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que forem, uma vez tenham alcançado a categoria de verdades práticas e deixado o domínio da especulação científica; caso contrário, cometeria suicídio deixando de ser o que é, contrariando sua origem e falhando em seu objeto providencial. *O Espiritismo, caminhando com o progresso, jamais se verá esmagado ou deixado para trás; pois se novas descobertas provassem que ele estava errado em um determinado ponto, ele mudaria nesse ponto, e se uma nova verdade fosse revelada, ele a aceitaria.»*

Nós, examinando as relações entre Espiritismo e Ciência, também dissemos (*Preliminares ao estudo do Espiritismo*. Capítulo III, parágrafos IV e V):

«O Espiritismo, que é luz, promete guiar-nos pelos vastos espaços da Criação. Podemos segui-lo com confiança: a sua força é tirada da inteligência e do coração, da razão e do sentimento que a sabedoria divina deu como faróis ao espírito; seu guia é a ciência.

»Graças ao Espiritismo, aquilo que no círculo dos horizontes estreitos permanecia inexplicável, de repente apresenta-se perfeitamente claro; graças ao Espiritismo descobrem-se novos horizontes; graças ao Espiritismo, serão completadas aquelas que hoje aparecem apenas como certas fases do desenvolvimento moral; graças ao Espiritismo, será destruída a preponderância da matéria, que resulta de considerar desabitados os infinitos mundos, preponderância que não pode existir, dado o equilíbrio do contraste de forças; finalmente, graças ao Espiritismo, descobre-se e estuda-se a solidariedade a que responde a obra de Deus.

»E tudo, por quê? Porque o Espiritismo anda de mãos dadas com a ciência, confundindo-se dentro da mesma aspiração na tendência às concepções gerais; ou em outros termos: o Espiritismo é a Ciência.

»E os homens que, por estarem hoje encerrados em um círculo estreito, desconhecem ou desprezam o Espiritismo, um dia se envergonharão de

terem ignorado ou desprezado o que chegará a ser patrimônio de todas as classes, difundindo a ciência, a verdade e propagando o bem, a virtude.

»E ciência e virtude, necessidades imperativas em tempos como os presentes, e as conquistas da inteligência do homem sobre a matéria e o espírito que, por uma conexão providencial de causas e efeitos, coincidem na verdade, na beleza e no bem, marcarão o progresso das sociedades humanas em relação aos outros mundos e às outras humanidades.

»E do ponto do universo onde se encontram aqueles que hoje, com presunçoso desprezo ou com desdém injustificado, qualificam os estudos espíritas como investigações ridículas, crenças supersticiosas e renovação da antiguidade, a fé, inabalável porque racional, nos fatos que caem sob o domínio de quem quiser estudá-los, e nos princípios a cuja verdade e necessidade a razão deve se curvar; do ponto em que estiverem, dizemos, aqueles que pretendem esquecer que a observação de um fenômeno que a princípio parece completamente isolado, ou talvez como uma quimera, geralmente contém o germe de uma grande descoberta; eles verão que, apesar de suas negações, as afirmações fundamentais do Espiritismo subsistem, porque o universo, que é o reino da liberdade e do infinito, «não conhece, segundo a feliz expressão de Goethe, detenção nem repouso em seu impulso eternamente recebido e transmitido, e pôs o selo de sua maldição em tudo que retardar ou suspender o movimento.»

»O progresso depende do conhecimento das leis físicas e morais; quem as nega ou se opõe a elas, anda para trás, afasta-se de Deus. Fixados nessas verdades, nós espíritas aconselhamos e seguimos esse estudo para nos aproximarmos cada vez mais de conhecer o que somos, nosso futuro e o poder infinito de Deus.

»Nessa nossa empreitada temos esperança. Diremos por quê.

»Embora estejamos numa época de dúvidas e hesitações, como sempre acontece quando ocorrem as transições, o sentimento da dignidade do homem germinou em todos os povos civilizados e em todas as classes; é neste sentimento que o progresso confiado às próximas gerações deve começar a ser cimentado.

»Os povos mais cultos exigem insistentemente luz, liberdade e virtude (dignidade); os homens pensadores abordam as questões mais elevadas que surgem dessa aspiração, e classes numerosas e entusiastas estão prontas para ouvir suas lições e segui-las. À discussão inquieta segue o

raciocínio tranquilo; à curiosidade superficial, o desejo de conhecer os fundamentos e as causas; e à fermentação das ideias que originam as crises, as soluções decorrentes das premissas esclarecidas.

»Uma ideia voa no imenso pélago dos pensamentos, e seu rastro luminoso atrai para si as inteligências que antes vacilavam embaladas na dúvida; elas agirão na hora em que virem o curso da verdade que foi traçado para elas. Quanto mais profunda a impressão dessa ideia, mais ódios violentos ela suscitará; quanto mais diretamente ela atacar o despotismo e a superstição, esse duplo jugo que os carrascos do pensamento exploraram, mais resistência encontrará; quanto mais se aproximar da verdade, mais será combatida por aqueles que dominaram e pretendem dominar sobre a ignorância, mantendo-a no erro. Não importa; a humilhação a que se quer submeter o entendimento humano, envergonha-o; a ignominiosa dependência a que a consciência estava atrelada, também embaraça; e a vergonha e o embaraço que sobem para fazer corar a face da humanidade, não tardam em chamá-la a si para despertar a consciência que se manifesta recordando-lhe o seu passado, mostrando-lhe o seu presente e fazendo-lhe ver um futuro em que deve elevar sua dignidade cada vez mais.

»Essa memória, esse ensinamento e esse futuro é o que o Espiritismo mostra.

»É por isso que ele está se espalhando tão rapidamente hoje, e porque, mesmo entre os detratores e os indiferentes, o Espiritismo já começa a merecer crédito, não apenas resistindo às críticas, mas fazendo um apelo geral a todas as escolas para debater com elas, e a todas as religiões para apresentar ante seus vetustos dogmas o culto do amor universal, elevado no altar da consciência, harmonizando fé e razão, ciência e crença; representando, em suma, o pensamento e a fé do futuro imediato».

II

Grande sucesso foi alcançado pelas obras fundamentais do ilustre Mestre Allan Kardec; os princípios elevados e racionais sustentados pelo Espiritismo determinaram imenso desenvolvimento científico; preciosas joias literárias foram produzidas por inspiração de espíritos do além-túmulo, impressionantes pelos ensinamentos que revelam e surpreendentes pela espontaneidade com que se manifestam; incontáveis

belezas derramou o estro espírita, para animar o sentimento das almas ternas, ou já elevando os ideais dos espíritos fortes à contemplação das maravilhas celestes, para admirar o concerto harmonioso da vida universal, e a partir daí, sentindo explodir sua inteligência em fulgurantes lampejos, penetrar os mundos, escalar as constelações, ir além das nebulosas alcançáveis e pairar, com a imaginação absorta, sobre os abismos insondáveis do infinito.

A ciência, por sua vez, aperfeiçoou o método e os meios de investigação, descobrindo importantes leis naturais, explorando extensos espaços estelares e sondando a vida dos seres infinitamente pequenos.

A indústria, guiada pela ciência, centuplica as forças naturais para anular distâncias, canalizar oceanos, estereotipar acentos articulados e condensar a luz e o calor deste planeta seco e sombrio.

As artes, por sua vez, amontoam obras-primas em competições universais, imensas pentápoles, onde comparecem todas as manifestações mais brilhantes e magníficas da atividade humana, todas as mais elevadas concepções de gênio, todos os esforços titânicos da humanidade, todos os resultados mais admiráveis da ação combinada das ideias e das forças naturais, cooperando com diversidade de pensamentos e variedade de formas para a beleza e a perfeição do conjunto.

Lá brilha a luz do século precursor da era científica nascente; destacam-se as excelências dos progressos alcançados, as doçuras da paz e a constante aspiração a ideais cada vez mais grandiosos.

As multidões não se empolgam mais cantando hinos sacrílegos ao Deus iracundo da guerra; também não enternecem mais as églogas sentidas, cantadas por poetas plangentes, que, assustados com a realidade presente, suspiram pelas idades infantis da plácida ignorância, pelas florestas sombrias povoadas de gado manso, pacificamente pastado por moças inocentes e gentis.

A guerra é hoje considerada um crime contra a humanidade, e a ignorância como uma calamidade social vergonhosa que deve pesar na consciência das instituições sociais.

Aproximam-se os tempos preditos pelos profetas da era que termina, cumpre-se a lei do progresso. Espíritos elevados em missão redentora, indicaram aos homens o caminho da verdade e da felicidade eterna; as paixões egoístas distorceram os ensinamentos e corromperam as crenças,

prevalecendo as injustiças e iniquidades; mas o espírito de verdade prometido já espalha sua luz vivificante sobre os horizontes da ciência, e os seres extraviados perseguem ofegantes e temerosos este farol de salvação, sentindo os restos de suas orgias satânicas pulsar sob seus pés, aterrorizados com a lembrança de tantas vítimas imoladas pelo despotismo político e pelo fanatismo religioso.

Eles não gozarão de felicidade ou descanso enquanto as injustiças não forem reparadas e os privilégios da justiça forem restituídos; até que a razão brilhe em suas mentes e a virtude reine em seus corações; até que o santo bálsamo da caridade purifique suas consciências e a influência benéfica do amor fraterno dissipe sua ira e limpe suas almas de todas as concupiscências.

Então aparecerão, purificados pela dor, o trabalho e o estudo os sentimentos do dever, e quando o dever for cumprido em todas as esferas da vida, brotarão frescas e radiantes as virtudes inatas na consciência, matizadas de esplendores brilhantes, exalando aromas puríssimos, inebriantes eflúvios dos mais doces amores.

Ainda há povos insensatos que mutuamente se ultrajam e vilipendiam, lançando-se reciprocamente uns aos outros ódio e ressentimento, jurando vinganças e extermínios que preparam luto e desolação nos lares, devastação nos campos e nas cidades, e os horrores da guerra e das hecatombes sangrentas de míseros seres humanos, semelhantes seus e irmãos em Deus.

É verdade que o desenvolvimento das ciências, das artes e da indústria contribuiu poderosamente para submeter os instintos ferozes e a fúria guerreira; é verdade que os crimes diminuíram e as paixões egoístas abrandaram, mas também é verdade que os povos aceitam a paz mais por cálculo e por conveniência própria do que por um dever imposto pela justiça e pelo direito das pessoas. Os crimes são abominados e punidos porque subvertem a ordem social e perturbam a tranquilidade das famílias; mas, em se considerando necessário, para garantir essa ordem e os interesses materiais, a justiça é frequentemente violada e os deveres humanitários são negligenciados.

É inegável que todos os avanços materiais melhoram as condições de vida e favorecem a emancipação do trabalho manual, mas também

despertam ambições insanas e proporcionam meios poderosos de destruição e ruína.

Por esta razão, os povos mais fortes, mais industriosos e mais poderosos têm precipitado sua decadência entregando-se ao vício e à depravação dos costumes, buscando na guerra, nas conquistas e nas depredações, pasto para seus torpes apetites, elementos efêmeros de ominosa grandeza à custa de crimes, desaforos e latrocínios.

Isso prova que inteligência, o poder e as riquezas, embora possam fornecer elementos poderosos de progresso, são mais frequentemente a causa da corrupção e da ruína, quando usados cegamente para produzir o mal.

Será em vão apelar à religião para melhorar os costumes e satisfazer os anseios de liberdade, igualdade e fraternidade entre os homens. Todas as religiões positivas foram e continuam sendo instituições puramente humanas, baseadas em um conceito errôneo de Deus e em dogmas absurdos, incompatíveis com a verdadeira ciência e o progresso. As cerimônias religiosas ostensivas e ridículas podem fascinar os sentidos de pessoas simples e ignorantes, mas esse culto externo que leva à superstição e ao fanatismo é repugnante à razão sadia e ao verdadeiro sentimento religioso, do qual resultam o ceticismo e a incredulidade predominantes que perturbam a inteligência e pervertem os mais puros sentimentos.

Entre o grande número de céticos e indiferentes que constituem a imensa maioria da humanidade, destacam-se alguns pensadores esclarecidos, que recorrem à filosofia para poder desenvolver livremente o pensamento, julgar com retidão de critério e resolver problemas científicos por meio da razão pura. Destes filósofos, alguns caem no materialismo frio e repugnante que aniquila o pensamento, seca todas as fontes do sentimento e abate todas as aspirações santas e legítimas da consciência humana. A eterna negação dos materialistas é a eterna condenação do progresso moral, que levaria ao caos e ao desespero se não existisse o espírito que, para realizar sua essência divina, sente, conhece e ama sempre e em toda parte a beleza e a perfeição infinitas.

Outros pensadores, um pouco mais filósofos do que os materialistas, indagam e buscam a verdade na observação dos fatos e nos ditames da razão que leva à demonstração dos fatos demonstráveis, admitem o *eu* consciente da personalidade humana, reconhecem os atributos essenciais

da alma em sua união com o corpo, mas não admitem a existência independente, a personalidade individual e substantiva do espírito; conseqüentemente, pouco se importam com sua origem e propósito.

Nenhum dos sistemas filosóficos, pelo simples fato de serem sistemas, está em posse da verdade; mas por causa de seu caráter filosófico eles contêm parte da verdade, ou melhor, conhecem algum aspecto da verdade. Conseqüentemente, estabelecem um conceito errôneo ou incompleto da natureza humana, base de todo conhecimento e fonte de toda verdade, e não podem julgar com retidão de critério o nosso próprio ser, os elementos que o constituem, as leis que na ordem física e moral regem o movimento íntimo e combinado da matéria, a atividade inteligente e solidária dos seres e o desenvolvimento constante e progressivo da criação infinita.

Pelo estudo das leis que a ciência e a razão nos demonstram, podemos nos elevar ao estudo das causas, e induzir logicamente a existência do Ser Supremo, causa única e absoluta, o Ser de toda a realidade.

Somente uma filosofia baseada na pesquisa racional e positiva pode satisfazer plenamente as aspirações da ciência, da religião e da moral. O Espiritismo é a filosofia que, fundada no fato da comunicação com os espíritos do além-túmulo, fato universalmente observado e repetidamente comprovado, afirma, de forma inconcussa, a imortalidade da alma e a persistência do espírito independentemente do organismo corpóreo.

O Espiritismo, sustentado pela realidade desses fatos, pela ciência e pela revelação de espíritos elevados, abre imensos horizontes à pesquisa científica e às deduções lógicas da razão, vindo a ser, como disse o eminente e malogrado filósofo D. Manuel González Soriano em seu tratado *O Espiritismo é a Filosofia*, “a filosofia da ciência, da religião e da moral; a síntese do conhecimento humano aplicado à investigação da verdade”.

»O espiritismo, acrescenta, vem portanto da ciência da razão e da razão da ciência, e por conseqüência conduz ao maior conhecimento possível das verdades universais e divinas.

»Os princípios fundamentais em que se baseia a sua parte filosófica doutrinária são:

»Existência de Deus, infinito em extensão e em intensidade, sendo absolutamente infinito e infinitamente absoluto.—Inteligência, Bem e Poder infinitos de onde se desprendem todos os atributos de beleza, amor, misericórdia, justiça, onipotência, etc., etc. Realidade essencial sem

princípio nem fim; sem tempo nem espaço, e causa única de toda realidade essencial e de toda lei da essência.

»Eternidade, em Deus, da essência constitutiva do universo.

»Eternidade de manifestação da essência universal, em conformidade com a lei à qual obedece, ou seja, na realização de sua natureza por suas propriedades.

»Individualidade do espírito como ser instintivo e inteligente, no que chamamos de reino animal e hominal.

»Sintetização da matéria organizada e do espírito para constituir o ser animal e o ser humano, por meio de um vínculo fluídico plástico que denominamos *perispírito*, meta espírito, ou corpo aéreo ou celestial.

»Preexistência do espírito.

»Encarnação do espírito em organismo adequado ao modo de ser que o caracteriza.

»Separação do espírito do corpo, através do fenômeno chamado morte.

»Preservação do espírito, após a desencarnação e, sobrevivendo ao seu organismo, da sua individualidade, das suas propriedades, das suas faculdades, dos seus afetos, dos seus saberes e da sua história.

»Vida espiritual periódica, em espaços interplanetários.

»Reencarnação do espírito em mundos e organismos adequados ao modo de ser que o caracteriza para continuar a realização de seu progresso infinito, desenvolvendo suas propriedades e faculdades.

»Solidariedade universal.

»Comunicação do espírito desencarnado com o encarnado.

»Os principais pontos de sua parte filosófico religiosa reduzem-se aos seguintes:

»Crença em Deus, causa de tudo que existe e é.

»Dever de adoração a Deus, em espírito e verdade; com o pensamento, e sem qualquer manifestação ou cerimônia ostensiva; orando e praticando o bem.

»Templo de adoração a Deus, o universo inteiro, sem circunscrição de local ou edifício algum.

»Sacerdócio, todo homem que ensinar a verdade.

»Responsabilidade individual do espírito, perante a lei da consciência, por todos os seus atos e pensamentos.

»Redenção e purificação do espírito pelo próprio trabalho; pelo desenvolvimento de sua inteligência e de seu sentimento, aplicados para conhecer Deus e praticar o bem.

»Salvação do espírito pelos seus próprios méritos, não pelos alheios.

»Prêmio e *castigo* do espírito, consequências de ter ou não cumprido a lei da natureza, consistindo nos mesmos efeitos produzidos pela lei em seu cumprimento ou em sua transgressão.

»Expição pelo descumprimento da lei, consistindo no infortúnio de se ver privado da felicidade durante sua posterior vida espiritual no espaço; e depois, na reencarnação, em suportar os mesmos efeitos e sofrimentos que direta ou indiretamente causou a outros.

»Reparação por igual causa, neutralizando os danos causados com benefícios que os compensem, mesmo a custo de todo tipo de sacrifícios.

»Purificação relacionada ao modo de ser que por seu grau de progresso é próprio do seu espírito, usufruindo, por efeito da mesma lei, de uma felicidade proporcional que irá de mais a mais, conquistando infinitamente por seus esforços, por seu trabalho, por seu progresso, por seu maior conhecimento da natureza, por seu maior domínio sobre ela, por seus maiores elementos para prodigalizar o bem, por sua maior aproximação de Deus, pela sensação mais intensa e direta da essência superior, pela maior etericidade de seu corpo fluídico na vida do espaço, pela maior simplicidade da substância orgânica que em sucessivas reencarnações, em mundos de mais em mais perfeitos, encoraje, pela conquista da máxima pureza que serve de receptáculo direto às inspirações de Deus e como agente de seus desígnios.

»Os princípios da sua parte filosófico moral resumem-se nos de Jesus Cristo.

»Amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo mais do que a si mesmo.

»Ascender a Deus pela caridade e pela ciência.

»Sacrifício do homem pelo homem.»

III

Os «Estudos Espíritas» que o iluminado professor Dr. Manuel Sanz Benito expõe no seu livro *A Ciência Espírita*, são corroboração eloquente das ideias e princípios delineados neste Prólogo. Confirmam os fundamentos

indicados pelo Congresso de Barcelona e ratificados no de Paris, e ampliam com sentido progressivo os princípios sustentados e as verdades expostas por Allan Kardec e tantos outros ilustres escritores que têm tratado da Ciência Espírita.

Com um método excelente e com um estilo claro e simples, o Dr. Sanz Benito trata de questões importantes e transcendentais, resolvendo com critérios retos e elevados os árduos problemas da existência (a alma e sua imortalidade, sua persistência, os mundos que sucessivamente vai habitando, das diversas formas que assume em sua vida infinita e eterna, a lei da perfectibilidade que a rege e o amor como origem e fim das criaturas. Depois de examinar o método do Espiritismo e seu critério de certeza, demonstra que sendo o objeto de seu estudo a realidade e toda a realidade – o espírito, a matéria, Deus – deve ser considerado como uma ciência única e universal, porque não é patrimônio de nenhuma inteligência, mas está ao alcance de todos aqueles que reta e desapaixonadamente a buscam. Dirigindo-se aos amantes da verdade e do progresso, prova que através da nossa própria reflexão, sem nada além de fazer uso do bom senso que ordinariamente aplicamos a outras coisas menos importantes, podemos chegar a nos convenceremos da realidade do espírito imortal.

Sobre o grande problema da imortalidade da alma, tão fundamental e transcendente para a filosofia, e sobre as características que distinguem o espírito como individualidade essencialmente ativa, inteligente e progressiva, o Dr. Sanz Benito chega à identidade do espírito e da matéria, expondo com grande lucidez e elevação as teorias mais avançadas que a atual revelação científica nos tem dado a conhecer, de acordo com a razão e as últimas investigações experimentais.

As teorias sustentadas neste livro são-me conhecidas há muito tempo, por terem sido reveladas, num grupo familiar espírita em Madri, pelo elevado espírito que se manifesta com o nome de Luís, com quem tive de travar longas discussões, até que, rendido diante da evidência de seu raciocínio, aceitei categoricamente as referidas teorias como as mais racionais, modificando, ou melhor, retificando o conceito que eu tinha anteriormente sobre a alma, a Criação e a solidariedade universal.

As ideias que o espírito de Luís foi infiltrando em nós aos poucos, para que nós mesmos pudéssemos desenvolver nosso pensamento sobre todos os grandes problemas de que trata o Espiritismo, não destruía as bases

fundamentais expostas por Allan Kardec e consignadas também em outros livros e em outras comunicações espíritas, antes ao contrário, ampliavam os pontos de vista e apresentavam o quadro da doutrina sob um aspecto, por assim dizer, mais científico, e que satisfazia melhor o conhecimento que havíamos adquirido e os ideais que havíamos vislumbrado como vago pressentimento.

Agora, o livro do nosso querido amigo e irmão, Dr. Sanz Benito, tem imensa importância para nós, pois revela em síntese precisa o resultado de muitos anos de trabalho e estudos perseverantes, frequentando semanalmente o referido círculo familiar, para consultar e obter ensinamentos do espírito de Luís; e porque com sua publicação presta um importante serviço à propaganda do Espiritismo, chamando a atenção, mais uma vez, do mundo pensador, para estudos de grande utilidade e transcendência, que tanto podem contribuir para o progresso da humanidade.

Reconhecemos também um grande mérito científico e literário, ao trabalho tão felizmente delineado e desenvolvido neste livro, porque foi necessário copiar e examinar centenas de comunicações, para delas extrair os princípios filosóficos disseminados entre todas; depois ordená-los, fixar o plano, estabelecer o método, fundar os princípios, assentar premissas e deduzir consequências, desenvolver os conceitos e sublimar as ideias, até nos apresentar um livro acabado, metódico e sabiamente escrito e ordenado.

Assim procedeu também nosso ilustre Mestre Allan Kardec, consultando os espíritos, fazendo sobre as respostas obtidas comentários admiráveis, reflexões acuradas e estudos profundos e conscienciosos que resultaram em suas obras clássicas e fundamentais, joias científicas e doutrinárias de inestimável valor para os espíritas.

A bibliografia espírita espanhola já tinha uma obra magistral, *O Espiritismo é a filosofia*, do Dr. Manuel González Soriano, e muitos outros tratados de grande valor; mas o livro do Dr. González, sem dúvida um monumento filosófico espírita soberbamente magnífico, é, por sua própria profundidade e elevação de ideias, de difícil compreensão para inteligências pouco exercitadas em elucubrações metafísicas; ele responde principalmente à necessidade do mundo chamado sábio de fixar sua atenção em nossa superior filosofia.

Pelo contrário, o livro que temos a honra de recomendar aos amantes da verdade, do progresso e das belas formas literárias, destinado à propaganda, é mais acessível à inteligência e mais ajustado à bela literatura que tanto ameniza e comove o sentimento.

Por mais que o autor, com uma modéstia que o caracteriza, o considere "como leve esboço de algumas questões, de que o Espiritismo trata mais diretamente", nós o apreciamos como um corpo completo de filosofia, como uma síntese clara e metódica de nossa doutrina espírita e como uma bela exposição dos ensinamentos do Espírito a quem o livro é dedicado (e que também deveria assinar este Prólogo, já que grande parte dele lhe pertence), apresentando-nos desimpedidos os abismos do nosso passado, e brilhantemente iluminados os arcanos do presente e os magníficos horizontes do futuro, que nos indicam os caminhos da nossa eterna felicidade.

Recomendamos ao leitor meditar sobre os problemas expostos nos vários capítulos que este precioso livro contém, e se ideias preconcebidas, ou rotinismos invencíveis, ou conselhos de um mal entendido utilitarismo, ou outras razões mais ou menos respeitáveis dependendo do tom de egoísmo que as encobrir, não o impedem de reconhecer a verdade e, o que costuma ser mais difícil, de confessá-la; deverá admitir, pelo menos, que um propósito muito nobre guiou o autor: o de iluminar as consciências, dissipar as sombras frias da morte e cruzar os limiares do túmulo para abraçar os entes queridos e, unindo nossos esforços aos deles, identificados em sentimentos e aspirações, poder realizar nossa essência, sempre progredindo e merecendo, eternamente guiados pelo Amor e pela Ciência no caminho que conduz a Deus.

O Espiritismo, disse-nos o inspirador das doutrinas contidas neste livro, em perfeita sintonia com os ensinamentos recebidos de outros Espíritos, vem entre vocês para induzi-los a praticar o Bem, e tende a unir os homens fraternalmente, o que é suficiente para influenciar as condições físicas e morais do planeta, aperfeiçoar os homens e aprimorar a vossa sociedade. Ele não vem para realizar reformas religiosas, ele não vem para criar novos sistemas filosóficos, mas para sintetizar tudo e ajudar no progresso científico, moral e material deste planeta infeliz.

Se a Ciência Espírita conseguir realizar isso, abençoado seja o Espiritismo.

VIZCONDE DE TORRES-SOLANOT.
Barcelona, abril de 1890.

Introdução

A obra que publicamos não é um curso completo sobre Espiritismo; é apenas um leve esboço de algumas das questões com as quais ele lida mais diretamente.

Ciência nova, seu campo é tão imenso que o explorador mais aventureiro sempre encontra novos horizontes, e o trabalhador que queira aproveitar, fruto abundante para colher.

Nosso propósito foi deixar no papel alguns dos principais pontos de que trata, a fim de chamar a atenção dos estudiosos, para que eles, meditando sobre as graves questões de nosso passado e futuro, possam se dar a si próprios, pelo mérito do seu trabalho, plena satisfação e perfeita resposta sobre tão interessantes matérias: que não é possível alcançar de outra forma, senão pelo próprio esforço e trabalho, a paz de alma e a retidão de consciência.

No caos em que se agita o mundo moderno; entre o tumulto de ideias, paixões e interesses que comovem nosso espírito e às vezes fazem nossa consciência soçobrar; em meio às misérias, tristezas e infortúnios de todo tipo que nos assediam, vale perguntar se será possível a paz de espírito, um bálsamo consolador neste vale de infortúnios e desgraças; se esses males de que tanto nos queixamos são colheita permanente da humanidade ou apenas um fruto temporário de suas leviandades e desvarios; se a ignorância, a escravidão, as doenças e as dores de todo tipo são patrimônio constante do homem no calvário de sua trabalhosa existência, ou é possível que todos esses males cedam e acabem.

Ao mesmo tempo, também vale perguntar se esta vida é apenas o antecedente de outra vida onde as vicissitudes da atual não existam: que de pouco serviria se a ciência nos mostrasse como lei ineludível o avanço da humanidade, se o indivíduo é apenas uma entidade passageira que contribui para a felicidade dos outros, mas sem ver sua própria felicidade realizada. De pouco serviria demonstrar que esta era de paz e felicidade a que aspiramos será um dia uma realidade para a humanidade terrestre, se

nós não haveremos de desfrutá-la. O Espiritismo pretende demonstrar que a mesma lei de aperfeiçoamento existe para o indivíduo e para a sociedade, que o que é lei para esta é lei para aquele, e que se o progresso é um fato e o bem-estar cada vez maior é uma verdade, este mesmo progresso e esse mesmo bem-estar são lei para o indivíduo que se agita e movimenta na crosta deste insignificante planeta.

Falaremos, então, da alma e de sua imortalidade, de sua preexistência, dos mundos que ela sucessivamente vai habitando, das diversas formas que assume em sua infinita e eterna vida, da lei de perfectibilidade que a rege, do amor como origem e fim das criaturas.

Alguma vez, assim como erguemos nossos olhos com curiosidade para o céu ao perceber o brilho das estrelas, elevaremos nosso olhar intelectual para o céu do espírito, e nele encontraremos novos mundos inexplorados, maiores e mais surpreendentes do que aqueles que o olho vê cintilando acima de nossas cabeças. Sejam curiosos e perguntemos ao céu da nossa inteligência de onde viemos e para onde vamos, e arranquemos cada vez mais um segredo para decifrar um passado e um futuro até hoje envoltos em mistério. Não importa nossa ousadia: no século do vapor, do telégrafo e da luz elétrica, como nos admirarmos de que se fale também de outras descobertas, de ciências novas e de objetos de estudo e admiração até então desconhecidos? Que nosso lema seja o do século: avante, e com a luz da razão pretendamos abrir caminho através das brumas escuras que cercam nosso nascimento e nossa morte.

PRIMEIRA PARTE

Capítulo I O Espiritismo e a Ciência

O Espiritismo é verdade ou não? Essa é a questão.

De pouco servirá, aliás, que se nos fale sobre a existência de Deus e sua providência zelando pelo bem-estar de suas criaturas, da alma humana imortal, responsável por suas ações, da vida futura como um lugar onde esses atos deverão ser objeto de ulterior sanção, do progresso individual e coletivo na vida e depois que cruzemos os limiares do túmulo, do amor como laço divino que une os seres, de mundos sem fim que no universo existem, de vidas anteriores e futuras ao nosso destino atual, da comunicação dos seres ultraterrestres, dos verdadeiros portentos que o magnetismo produz; de tudo aquilo, enfim, que está mais ou menos diretamente relacionado ao Espiritismo, se tudo isso, Deus, alma, vida futura, infinidade de mundos, pluralidade de vidas, progresso indefinido, são apenas ilusões de nossa mente, sonhos que o desejo forja, desvarios da louca esperança que quer prolongar nossa existência além do momento presente.

Por outro lado, para aqueles que querem encerrar toda a sabedoria humana em um dogma determinado, em uma escola ou seita religiosa ou filosófica, para aqueles que acreditam que o próprio Deus nos revelou tudo quanto precisamos saber sobre esse assunto, é tempo perdido e blasfêmia horrível querer investigar com as luzes do razão, o que a Providência escondeu de nós.

Tal ousadia é, na opinião de quem pensa assim, querer escalar o trono do Altíssimo e em nossa arrogância pretender nos apoderarmos da verdade

sagrada oculta até hoje entre os mistérios. Vejamos, dizem eles, o que sobre este ponto inacessível à razão nos mostra o dogma e nos ensina o padre que o interpreta, sem elevar nossa inteligência além do que a Igreja achou por bem determinar como misterioso e sacrossanto.

Mas aqueles que não se satisfazem, nem com uma nem com outra solução, aqueles que não se deixam convencer pelas argúcias do materialismo nem pelos mistérios do dogma, aqueles que sentem em sua consciência palpitar seu *Eu*, sua personalidade, e não se consideram meros aglomerados compostos exclusivamente de forças físico-químicas, e ao mesmo tempo aspiram a outras verdades mais positivas e mais certas do que os símbolos e mistérios que as religiões oferecem; esses descobrirão que não é perda de tempo conversar com eles sobre esses assuntos, de interesse mais vital do que se se tratasse do grande prêmio da loteria ou de uma fortuna inesperada.

Falamos, então, dirigindo-nos aos que duvidam, aos que pensam, aos que aspiram a algo mais do que o materialismo e o dogmatismo das religiões positivas podem lhes dar. Mas nada adianta, repetimos, que o Espiritismo satisfaça as mais ansiadas ilusões, as mais alegres esperanças, que abra novos caminhos à nossa inteligência, rumos desconhecidos, que a ilumine com múltiplas ideias, fazendo vibrar nossos corações de entusiasmo, se tudo isso é pura divagação da mente que anseia que seus ideais mais queridos se realizem, podendo então dizer como o poeta: “tanta beleza, é uma pena não ser verdade!”. Por isso, em primeiro lugar é importante nos certificarmos se é verdade ou não o que ele diz e, para isso, primeiro devemos saber o que ele diz; porque há tantas histórias e tantos disparates sobre o que é o Espiritismo e o que significa, que antes de mais nada convém fixar o seu sentido, o que representa, o que vale, o que ele seja, em uma palavra, e depois ver se aquilo que constitui seu credo racional atinge os graus de certeza necessários, para poder testemunhar que é verdade.

E será possível ao homem adquirir o verdadeiro conhecimento? Será possível a verdade ser algum dia patrimônio da humanidade? Em caso afirmativo, se essa verdade existe no homem, como explicar as diferenças nessa classe de questões que demos em chamar de filosóficas? Como explicar tanta diversidade de critérios, tantas opiniões opostas e tantas soluções contrapostas para todos esses problemas? Ponto esse muito importante, que precisa de esclarecimento.

A razão da variedade de opiniões nesta classe de assuntos consiste na falta de um fundamento certo e evidente que obrigue a inteligência a confessar a verdade uma vez percebida, como se afirma a existência da luz, uma vez vista.

Por um lado, em todas essas questões, ficou estabelecida a fé como critério de convicção; tem-se afirmado que o conhecimento adquirido por ela é absolutamente certo como emanado da Verdade Absoluta, e apesar desta pretensa certeza, uma multidão de seitas, escolas e heresias têm surgido em todos os tempos, algumas para interpretar de diferentes maneiras alguns dos dogmas e as outras para negá-los abertamente. Guerras sangrentas foram iniciadas, e barbaramente perseguidos aqueles que não quiseram confessar o Credo comumente aceito; e apesar de tudo isso, de sua dita origem divina, de sua pretensa certeza, do poder sobrenatural com que acreditavam contar para estender e confirmar o dogma, a unidade religiosa nunca foi um fato, nem mesmo dentro dos países que alardeavam de professar uma única religião. Isso prova que o critério de sua certeza não satisfaz a inteligência humana.

Por outro lado, a razão, querendo remontar seu voo por simples induções, ao passar do conhecido ao desconhecido, impossibilitada como estava de analisar o além-túmulo, tem divagado com hipóteses mais ou menos razoáveis, mas desprovidas de fundamento seguro. Este não é o lugar para tratar sobre cada um dos sistemas filosóficos; mas lembremos do que advogaram aqueles que, sem se sujeitar a dogmas estreitos, admitiram a existência e a imortalidade da alma humana, e veremos que eles apenas disseram coisas vagas e sem comprovação ao falar deste assunto.

E não só pelo que à alma se refere: também no que diz respeito aos atributos divinos, eles se viram apertados para explicá-los. Em efeito; se Deus é toda bondade, como justificar as preferências que parece guardar para com algumas de suas criaturas? Como concede a alguns o talento que a outros nega? a estes fortuna, saúde, honras e todo o bem-estar, enquanto a outros priva de todo prazer, sendo sua passagem pela terra um martírio perpétuo? Como compatibilizar a onipotência divina e sua bondade infinita com a existência e o consentimento do mal? Só mesmo com a pluralidade das existências, partindo apenas do progresso indefinido pelo próprio avanço, essas e outras antinomias podem ser salvas.

Portanto, é necessário um critério mais seguro do que o da fé e dos sistemas filosóficos; é necessário estabelecer uma doutrina, não sobre certos direitos emanados do Altíssimo, nem sobre deduções de princípios e premissas não demonstrados; é preciso variar o método de pesquisa nesse tipo de conhecimento e construir sobre bases mais sólidas. Veremos que procedimento, que método é aquele que pode nos conduzir de maneira mais segura à posse da verdade.

Claro que não deve ser a substituição de uma fé por outra fé mais ou menos conforme ao sentimento e à razão, nem um novo sistema que, procedendo como os outros imaginados até agora, venha substituir os anteriores, mesmo com maiores vantagens. É uma doutrina baseada em fundamentos tão sólidos, impossível de ser abalada, pois repousa sobre a própria verdade inabalável. Veremos que método é esse que o Espiritismo emprega.

O procedimento até hoje seguido por todos os sistemas filosóficos tem sido partir de um princípio mais ou menos verdadeiro, mais ou menos problemático, e dele derivar, como corolários, todos os outros princípios, formando assim uma teoria ou sistema.

O Espiritismo tem como objetivo principal o estudo racional do espírito antes e depois da encarnação até onde a inteligência possa chegar, e para isso utiliza todos os procedimentos, todos os métodos que levem a alcançar a verdade do que indaga; o exame introspectivo que a consciência faz de todos os seus atos, da simples reflexão à meditação continuada; a experiência das influências e relações que esses atos possam ter com os do organismo carnal; a observação externa desse mesmo organismo; o estudo comparativo do organismo de outros seres e das suas manifestações anímicas; a análise de todos os fenômenos que a ciência já investigou e deu opinião; em uma palavra, sendo que o espírito engloba todo tipo de conhecimento e estando influenciado pela matéria por estar em contato imediato com ela, seria necessário conhecer toda a realidade para depois formar um verdadeiro sistema. E como isso não é possível ser feito, como é impossível o conhecimento da realidade em sua totalidade, verifica-se que o Espiritismo jamais poderá constituir uma escola, doutrina ou sistema, com afirmações definitivas, mas deixará sempre um amplo campo para investigações e estará sempre ampliando seu acervo científico,

diferenciando-se nisto dos sistemas filosóficos, que tentaram dar como resolvidas e acabadas as questões que trataram.

Mas vale perguntar: se o Espiritismo não dá soluções definitivas, definições fechadas, afirmações últimas e supremas da verdade imutável, que valor têm suas afirmações? Que valor têm suas verdades? Um mero valor contingente, uma verdade relativa, parcial, problemática apenas...

Não, não há para o homem dois tipos de verdade: uma absoluta e uma relativa, uma perfeita e outra imperfeita, uma invariável e outra progressiva. A verdade é uma só: a adequação de uma coisa à inteligência que a conhece, a conformidade do pensamento com a realidade.

Mas não se pode negar que quanto mais uma coisa é conhecida, mais verdade resulta do seu conhecimento, sem que, antes de aumentar esse conhecimento, ela por isso deixasse de ser verdade; assim, por exemplo, se a grande distância percebemos uma forma e notamos e dizemos que o que vemos é uma forma, é verdade; se avançando ou vendo melhor dissermos que é uma pessoa, é verdade, a qual compreende a primeira, e se por fim dissermos que é nosso amigo Fulano de Tal, nosso conhecimento será mais detalhado; pelo qual vemos que o conhecimento sendo progressivo, a verdade não deixa de ser a mesma. Esta é, então, uma notável diferença entre o Espiritismo e os sistemas filosóficos, já que o primeiro estabelece como princípio o progresso indefinido.

Tendo visto, então, qual método o Espiritismo emprega na investigação de seu objeto, examinemos agora qual é o seu critério de certeza, isto é, qual padrão deve servir-nos para apreciar a verdade de suas conclusões.

A norma, o critério, não pode ser outro senão a própria verdade: não é um critério subjetivo que depende do talento e das qualidades de quem pesquisa; não é um critério imposto por dogma, sistema ou preconceito antecipado.

Não: o critério da verdade é a própria verdade. Quando aquele que pesquisa e investiga descobre que o que examinou é verdade, não precisa de mais. Dir-se-á: como sabemos se o que se examina é verdade, se o que se pesquisou tem esse caráter? Essa objeção tem uma resposta fácil: a inteligência dá assentimento e testemunho da verdade uma vez que a vê e a percebe, quando nota que há essa adequação entre a verdade e o que pesquisou.

Para se assegurar desta verdade, a inteligência emprega vários meios; um é a verificação do testemunho e dos dados que os sentidos nos oferecem com o que a razão nos dita; outro é a concordância unânime entre aqueles que presenciaram tal fato ou fenômeno; outro é a experiência tanto externa quanto interna; outro a dedução necessária de um princípio evidente, porque, longe de se ir à verdade por um único caminho, há vários que a ela nos conduzem e, uma vez alcançada, a inteligência a vê e a afirma.

O que muitas vezes acontece é que nossa obcecação é tão poderosa que insistimos em fechar os olhos para a luz. É quase um axioma que quem não quer ver a verdade não a vê: é como quem voluntariamente fecha os olhos para não vê-la. Há aqueles que temem qualquer discussão sobre um determinado ponto, porque sentindo suas convicções vacilarem, sabem que talvez estejam expostos a perdê-las, e em vez de argumentar com razões com aquele que professa uma doutrina diferente, eles o mortificam cruelmente e não lhe permitem defender-se, como se estivessem temendo que ele diga a verdade. Há quem diante dela e diante de seu testemunho insista em acreditar que é uma ilusão e que não é tal verdade se não condiz com suas ideias preconcebidas. São essas e outras razões que impedem a verdade de ser reconhecida como tal e de ser propagada para que, como o sol, espalhe seus fulgores e ilumine tudo o que toca.

Qualquer um que examinar a crítica que se tem feito ao Espiritismo, ficará convencido de tudo isto, vendo que muitas vezes não é difícil encontrar a verdade de uma coisa; que o difícil é confessá-la se ela vem destruir preocupações e influências de certo tipo.

Resta-nos agora resenhar brevemente o conceito que geralmente se tem do Espiritismo, para depois dar a conhecer o seu verdadeiro significado tal como o entendemos.

Capítulo II

O Espiritismo segundo seus adversários

Nos primeiros tempos do cristianismo, quando, refugiados nas Catacumbas, os fiéis procuravam distanciar-se do sensualismo e da barbárie da sociedade romana, nutrindo em seus corações o entusiasmo pelo novo ideal que vivificava sua existência, um rumor começou a se espalhar entre aqueles que não sabiam nem pressentiam o que poderia ser a religião do Crucificado. Os perseguidores, para se afirmarem mais em seu poder e responderem melhor às acusações que poderiam ser feitas contra eles de terem derramado sangue inocente, espalharam a notícia de que os cristãos cometiam todo tipo de horrores e obscenidades realizando atos da maior estupidez; e aqueles que não param para pensar e acreditam só pela palavra em tudo o que seus mestres, autoridades, patronos e sacerdotes lhes declaram como bom e santo, com seu consentimento passivo emprestaram meios à perseguição.

Mais tarde, já entronizado o Catolicismo e com os preceitos de Cristo mistificados, em vez de olhar os homens como irmãos, todos aqueles que não se curvavam diante da autoridade infalível da Igreja eram tratados como inimigos mortais. Quantos, sob a acusação de hereges e feiticeiros, não foram então queimados ou cruelmente torturados! Ao mesmo tempo, o povo chamado deicida, o povo judeu, disperso por várias nações, passou a sofrer uma porção de vexações e martírios: torturas, escravidão e perseguições de todo tipo, tudo era pouco; mas como de algum modo tais ultrajes tinham de ser justificados, começou-se a dizer que os judeus comiam crianças e cometiam outras atrocidades do gênero.

O que há de particular, dado este e outros exemplos (como a terrível oposição que se fez à introdução da vacina, ao cultivo da batata, etc.), no fato de o Espiritismo ter sido difamado e caluniado? No entanto, não é a

calúnia mordaz a que mais se tem desencadeado contra o Espiritismo: outra arma mais poderosa pretenderam esgrimir contra seus adeptos: o ridículo. Felizmente, não são livros de cavalaria o que deve ser combatido como produto forjado pela imaginação, mas uma doutrina sólida e racional, que resiste aos ataques da crítica mais ferrenha e da malícia mais refinada.

Esse sistema de zombar das coisas mais sérias não é novo: é a história das principais ideias e descobertas. Quando Colombo vislumbrou novas terras para além do horizonte visível e outro caminho para a Ásia, os tolos, com presunção de sábios, pensaram que ele era louco, do mesmo modo como Sócrates em Atenas foi tido por louco e obcecado quando deu sua vida para demonstrar a eficácia de suas doutrinas; e por louco também foi tido aquele que pretendeu dar a conhecer a circulação do sangue como verdade científica, e aquele que conseguiu fazer a locomotiva se mover; que por loucos eram tomados todos aqueles que entendiam algo superior ao comum que se vê e se toca. Da mesma forma, hoje, não é um único alienado que aparece diante desta sociedade incrédula e metalizada: já são milhares, milhões, nas cinco partes do mundo, aqueles que respondem com a seriedade de suas ideias e sua convicção raciocinada às diatribes e sarcasmos daqueles que pretendem já conhecer o futuro, que para eles consiste em ter descoberto que nada pode ser conhecido, que depois da morte tudo é mistério e solidão. Um dia eles irão sair de seu erro.

Mas não é o maior inimigo aquele que o Espiritismo tem entre os que dele zombam: realmente todos o favorecem, porque todos, zombando dele, o delatam diante da consciência pública, e ela por curiosidade investiga, com o qual muitos se tornam espíritas com ocasião de ter ouvido zombar do Espiritismo. Existem outros que de maneira furibunda ensanham-se contra ele. Quem não os conhece? são os sectários religiosos, especialmente aqueles que formam a liderança na Igreja, os sacerdotes de todas as classes. Eles veem no Espiritismo um inimigo comum, que tende a lhes arrebatá-lo o segredo da vida após a morte.

Não é estranho que se comportem assim: sempre fizeram o mesmo com quaisquer ideais que de alguma forma têm favorecido a humanidade. Talvez não seja possível citar um só que não tenha sido ardentemente combatido por eles em nome da religião. Odeiam a liberdade de pensamento porque com a livre discussão compreendem o triunfo da verdade, e eles, que querem se gabar de conhecer a verdade absoluta,

temem a comparação de suas doutrinas e suas ações com as doutrinas e ações dos outros.

A liberdade em todas as suas manifestações sempre teve neles seus inimigos constantes, e o Espiritismo, que vem proclamar uma liberdade muito alta no que tange à discussão da vida após a morte, não havia de ser menos combatido: é o engendro de Satanás que abre as portas do Inferno para vir corromper o mundo através do Espiritismo, e devemos tomar cuidado com suas armadilhas.

Infelizes! Onde é que já se viu o diabo pregar os mesmos mandamentos de amor e caridade que Cristo ensinou, fazer o bem e dar graças a Deus por sua bondade! Não nos ensinam que basta pronunciar o santo nome de Deus ou fazer o sinal da cruz para afastá-lo? Poderão nos fazer ver que ele pretende converter a humanidade a uma crença raciocinada da outra vida e à prática do bem, em nome de Deus, para levar mais seguidores ao inferno?

É concebível que a doutrina espírita seja negada por desconhecê-la ou por qualquer outro motivo: o que não se concebe claramente é que, conhecendo essa doutrina, ela possa ser, com seriedade, acusada de ser obra do diabo. Só aqueles que, em nome do Deus da caridade e do perdão, levavam seus semelhantes à fogueira para erradicar a heresia, podem também querer mostrar que os mais sublimes preceitos e atos de caridade e amor são obra do Diabo que eles mesmos forjaram. Perdão, meu Deus, eles não sabem o que estão dizendo!

Há, enfim, outra classe de adversários do Espiritismo, como de toda religião e filosofia: estes são os indiferentes, os mais difíceis de convencer, porque esquivam o combate. Quando se lhes fala da vida após a morte, do amor divino, dos céus sempre abertos para a regeneração das almas, da comunicação entre os chamados vivos e os considerados mortos, costumam responder simplesmente: «É uma verdadeira pena, tamanha beleza não ser verdade!» Uma aspiração secreta os faz desejar que seja assim, mas não têm força de vontade suficiente para indagar, estudar e esperar. No entanto, a indiferença não pode ser permanente, e mais cedo ou mais tarde, aqueles mesmos que esvoaçam de uma ideia para outra e de um sistema para outro, sem fixar seus pensamentos nem por um momento, deverão ocasionalmente sentir impulsos desconhecidos.

Quando experimentarem algum desengano ou a perda de um ente querido, ou quando alguma dor perturbar seu coração, então eles se perguntarão se a vida termina aqui ou se propaga além do túmulo; Se esses céus são mudos aos nossos infortúnios ou são compassivos e nos acolherão um dia como náufragos que, tendo arribado a um ilhote de desterro, como é a Terra, chegam finalmente cansados e exaustos das fadigas, mas triunfantes sobre todos os obstáculos, a reencontrar o lar perdido, retornando ao seio da família que os acolhe com júbilo e entusiasmo. A indiferença não pode ser permanente: muitos que por enquanto não se preocupam com seu futuro, irão se ocupar dele seriamente quando alguma razão determinante os compelir.

São muito poucos os exaltados materialistas que acreditam de boa fé que a vida após a morte não existe e, felizmente, a maioria deles são ilógicos em seu comportamento em relação à doutrina que professam, pois não é estranho encontrá-los trabalhadores, afáveis, entusiasmados pelo bem-estar dos outros. No entanto, eles negam a liberdade, a existência da alma e de Deus, e a imortalidade. Não importa: o homem não deve ser julgado por suas ideias, mas por seus atos, e quantos deles são mais santos em suas vidas do que muitos místicos que acreditam que vão direto para o céu, rezando sem cessar, embora sem praticar nenhuma outra virtude!

Tais são, em breve resumo, os adversários que o Espiritismo tem.

Capítulo III

O Espiritismo como ciência única e universal

Em nosso estudo, como em qualquer ciência, podemos proceder de duas maneiras: elevando-nos dos fatos e fenômenos aos princípios e leis, ou derivando de um princípio superior outras verdades nele incluídas para vir a explicar um fato determinado. O primeiro método é o analítico; o segundo, o sintético.

Na realidade, toda verdade deve ser verificada por ambos; desta forma, as exigências do bom método são satisfeitas.

A história da filosofia nos ensina uma infinidade de escolas que, partindo de um princípio mais ou menos problemático, mais ou menos exato, quiseram dele derivar toda a realidade; e nessa contínua sucessão de escolas, teorias e sistemas, nada mais houve do que a substituição de certos princípios por outros, mas sem alterar o procedimento, até que o método experimental veio suceder aos métodos idealistas.

Se o Espiritismo é ciência, deve consistir em uma série de fenômenos sujeitos à lei, explicáveis em suas causas e efeitos; deve ser um conjunto de verdades referentes a uma ordem determinada, um sistema de conhecimentos verdadeiros e certos cujo fundo seja sempre uma verdade que aquele que pesquisa conhece, isto é, de forma consciente ou com segurança de certeza por parte do pesquisador. Vejamos se o Espiritismo preenche essas condições; primeiro em razão da matéria, dos fenômenos ou fatos, e depois em razão da forma ou da explicação correta de tais fenômenos ou fatos.

Todo mundo já ouviu falar em magnetismo e hipnotismo, em catalepsia, em sonambulismo. Todos também já ouviram falar nas chamadas aparições de almas de defuntos, nas predições de alguns doentes que chegaram a predizer sua própria morte; em sonhos que depois se

revelaram verdadeiros, em êxtases mais ou menos verídicos; em uma palavra, em uma porção de coisas que sempre surpreenderam por reunir um conjunto de circunstâncias que se julgavam extraordinárias e fora de lei. O Espiritismo vem para lançar luz sobre essas questões, para esclarecer o que é verdadeiro e o que é ilusório nesta matéria.

Mas não se creia que seu propósito é simplesmente tratar dessas questões, até hoje consideradas maravilhosas por alguns, e negadas com insistência por outros.

O Espiritismo tem como matéria de estudo *o espírito em suas características essenciais e diversas fases de desenvolvimento* até onde alcançarem nossas investigações; pretende investigar sua origem nos limites do possível e, como uma só vida é insignificante, fala das vidas de que necessita para desenvolver sua essência; e como um só mundo é pequeno, fala da infinidade de mundos e moradas; e como os estados pelos quais passa são infinitos, fala da infinidade do progresso como lei constante; e sendo o espírito um ser que deve sua existência à Causa Suprema, fala de Deus; em suma, o Espiritismo não é uma escola, muito menos uma seita religiosa que pretenda substituir uns dogmas por outros dogmas; não é um sistema ou uma utopia mais ou menos provável, nem uma ilusão engendrada por mente sonhadora e ávida por investigar a vida após a morte nos tenebrosos mistérios do além túmulo. Não é um ramo do conhecimento humano com matéria *à parte* para seu estudo, com leis particulares: o Espiritismo aspira a lançar os fundamentos da ciência única e universal. Ao estudar o espírito em suas várias fases de encarnado e desencarnado, faz parte das ciências psíquicas; ao examinar os mundos e a matéria em geral como veículo que o espírito sempre tem, das ciências físicas; e por considerar tanto a matéria como o espírito como procedentes da Divina Causa, investigando na medida do possível como ela atua, faz parte das ciências filosóficas. Além disso, como as consequências que derivam desta investigação têm um fundo moral, também está dentro da Moral; e como o princípio moral transcende do indivíduo à sociedade e influencia as decisões da humanidade, é também objeto de estudo das ciências político-sociais.

Vemos, então, que seu objeto não é pequeno, nem fútil, mas engloba o estudo da realidade inteira, com a aplicação desse conhecimento à vida.

Com razão, então, dissemos antes que o Espiritismo aspira a fundar a Ciência única e universal.

Vamos agora examinar em que sentido dizemos que ele tende a formar essa Ciência única.

Diversas são as definições de ciência que foram dadas, mas no fundo todas elas vêm dizer uma mesma coisa: o conhecimento da realidade como ela é; o conhecimento sistemático, verdadeiro e certo de um objeto qualquer; o conhecimento das coisas pelas suas causas; uma série de verdades metodicamente ligadas e dependentes de um princípio comum, etc., etc.

Duas condições são essenciais para que a ciência exista: verdade quanto ao conhecimento e determinada ordem ou sistema quanto à forma. Conhecimentos falsos não são científicos, e verdades isoladas também não constituem ciência. Pois bem: o Espiritismo propõe-se ao *estudo do espírito* como matéria principal; tem, portanto, um fundo real para ser matéria científica, e para este estudo serve-se da experiência individual e coletiva, da consciência e da revelação, ou seja, da comunicação de espírito a espírito, sempre através da matéria. E como o espírito vive sempre influenciado pela matéria sobre a qual atua, deve também estudar a forma como essa influência se verifica na matéria; e sendo uma e outro, a matéria e o espírito, originários da Causa Única da qual tudo procede, deve também examinar os atributos desta Causa Suprema na medida que em nossa limitada inteligência couber. E se vemos que seu campo de investigação é o espírito, a matéria e Deus, que outra coisa pode haver fora dessas três ordens de conhecimento? Nenhuma; daí se segue que o objeto do Espiritismo é a realidade e toda a realidade.

Para prosseguir em sua investigação, todos os métodos disponíveis deverão ser utilizados, o experimental e o racional, o indutivo e o dedutivo; disso resulta que ele é a Ciência única porque estuda toda a realidade; e universal porque não é patrimônio de nenhuma inteligência, mas está ao alcance de todos aqueles que a procuram honesta e desapassionadamente. Não há mistérios ou véus que a ocultem. O Espiritismo está ao alcance de todos, e todos podem adquirir a ciência espírita. Sem dúvida, cada um abrangerá mais ou menos, de acordo com sua capacidade, mas isso se dará por limitação individual, não por impedimento externo.

À primeira vista, parece muita presunção que o Espiritismo pretenda nada menos do que ser a base da Ciência única e universal. E dir-se-á: se cada ciência no objeto particular de que trata tem um conteúdo imenso, de tal forma que a vida de um homem é impossível para conhecê-la, não é inusitado atrevimento ousar dizer que o Espiritismo tende a formar a ciência única e universal? Se ele abrange toda a realidade, será impossível conhecê-la, porque a realidade é imensa e nossa inteligência é limitada.

Verdade: a realidade é infinita, nossa inteligência é escassa; de onde se segue que o conhecimento total da realidade é impossível. Mas não quer dizer que o Espiritismo vá resolver todos os problemas, todas as questões que se referem ao seu objeto, isto é, à realidade cognoscível, mas que qualquer questão, qualquer problema que surgir, seja relacionado ao espírito, seja relacionado à natureza, seja referido a Deus, *está incluído dentro da Ciência do espírito*. Na realidade, não existem ciências particulares; são ramos do conhecimento científico; assim como não há verdades particulares sem relação, mas aspectos da verdade.

O Espiritismo não é uma filosofia ou sistema filosófico de conclusões fechadas, como quem já encontrou o filão que procurava; por muito que se saiba, sempre haverá ainda mais para saber, e esse limite móvel de nosso conhecimento marcará a imperfeição humana, que, tendo como emblema o *plus ultra*, impedirá todo dogmatismo.

Aqui convém esclarecer uma questão. A verdade é sempre verdade, e a mesma e única verdade; uma linha reta entre dois pontos é sempre mais curta que uma curva entre esses dois pontos, e isso vale para os espanhóis e para os russos, para os instruídos e para os indoutos; e assim como esta verdade são todas as outras.

O progresso, então, não consiste em que a verdade de hoje deixe de o ser amanhã, mas que o conhecimento da verdade seja esclarecido e ampliado, aplicado e propagado.

Voltaremos a insistir nisso quando falarmos em progresso indefinido.

Agora, de acordo com o método que temos proposto, iremos tratando de algumas das principais questões de que o Espiritismo se ocupa.

SEGUNDA PARTE

Capítulo IV O Eu

Há um fato incontestável e indubitável para todo ser que pode se dar conta de si mesmo: esse fato é o de sua própria existência. Será em vão fechar os olhos e tapar os ouvidos para não ver nem ouvir nada: ver-me-ei interiormente e reconhecer-me-ei como o ser que sou, que vive e age. Esse reconhecimento de nosso próprio ser, de nossa própria existência, nós o expressamos na palavra *Eu*.

Não entraremos, até por não ser necessário, numa análise longa e minuciosa para desvendar o verdadeiro significado desta palavra. Todos concordamos que o *Eu* não significa, nem o meu corpo, nem a minha alma, nem uma propriedade ou faculdade determinada; mas, quando digo que eu falo, eu escrevo, eu duvido, eu penso etc., dou a entender que esses atos são verificados por mim em minha unidade e totalidade como homem. Na verdade, não é minha boca que fala, porque embora por ela, como através dos outros órgãos da locução, eu produzo sons articulados, é necessária a intervenção de minha atividade anímica que determina, que impele os órgãos a modular sons que, por sua vez, expressam meu pensamento; da mesma forma, não são meus pés que me conduzem, sou eu que, por impulso de minha vontade e agindo por meio de um complicado sistema nervoso e muscular, forço meus membros a tomarem diferentes posições no espaço. E assim, da mesma forma nos atos, quando digo que eu os executo, que eu os faço, dou a entender que me são atribuíveis como sendo eu o ser que os produz, fazendo uso de todas as minhas forças interiores para sua realização, bem como de todos os elementos que, externos a mim,

eu os coloco à minha disposição para que me sirvam de instrumentos ou meios de realizar minhas volições.

Desde este ponto de partida da evidência do próprio *Eu*, o Racionalismo moderno partiu para ascender em sua investigação, desde esta primeira e elementar verdade, às mais altas especulações do conhecimento.

O ceticismo tem aqui um valado inexpugnável, pois não há quem duvide de sua própria existência. Poderá duvidar de seu espírito como ser imortal e diferente do corpo, poderá acreditar que ele é mais uma aparência do que uma realidade, poderá pensar que o mundo exterior oferece-se a nós como uma mera ilusão; mas não duvidará da existência de seu próprio ser, porque quando duvida, é o próprio ser que duvida.

Capítulo V

A persistência do Eu

Reconhecendo a individualidade de nosso ser no sentido que expressa a palavra *Eu*, temos que concordar sem grande esforço em outro fato não menos evidente, a saber: a persistência dessa mesma individualidade, desse mesmo ser que somos; isto é, a continuidade do nosso *Eu*, desde o momento em que começamos a ter consciência de nossos atos até o momento presente.

De fato, posso ter mudado em muitas coisas: minha altura não é a mesma de anos atrás, nem o peso e a consistência, a agilidade etc. do meu corpo são os mesmos. Também reconheço que a atividade de certas funções do meu organismo mudou: minha visão não é tão perspicua quanto antes, minhas forças não são as mesmas. Em outro sentido, encontro também que houve muitas mudanças no que chamo de meu espírito; que mudei minhas ideias, minhas inclinações, meus gostos. Assim, quando criança, me entretinha com brinquedos e histórias maravilhosas que não me satisfazem mais; antes tinha ideias muito errôneas sobre o que era o mundo e muitos de seus fenômenos: considerava a terra achatada e as estrelas como pequenas luzes, e supunha que Deus era um Senhor muito bom, ao estilo de alguns senhores homens. Aos poucos fui notando em mim uma verdadeira transformação, as ideias foram sendo ampliadas com estudo e experiência, e a criança inocente da primeira aurora da vida não tem mais as mesmas crenças quando homem.

Cada um, por pouco que meditar, encontrará em si mesmo essas mudanças, essas transformações; mas não é menos verdade que no íntimo ele se considera obrigado a admitir que o mesmo ser, o mesmo indivíduo que tem experimentado mudanças tão notáveis e modificações tão diversas, a ponto de pensar, sentir e querer de outra maneira diferente da que pensava, sentia e queria há alguns anos, é hoje o mesmo indivíduo, o mesmo ser: não houve nele dois seres diferentes ou transformação de um

ser em outro com o passar do tempo; ele se reconhece sendo o mesmo em meio a essa diversidade; igual, em meio a essa multiplicidade; um, em meio a essas modificações; invariável, em meio a essa série de mudanças; a mesma permanência de seu ser, de sua individualidade; em uma palavra, a persistência de seu *Eu*.

Sim; nossa consciência, nosso bom senso, por pouco que meditarmos, nos dá testemunho destas coisas: eu sou, e sou o mesmo ser desde que me reconheço; se houve grandes transformações em mim, isso não me impede de me reconhecer como sendo o mesmo indivíduo, a mesma personalidade.

Não há materialista que, ao perseguir alguém que o ofendeu, não seja ilógico com suas teorias. Além do fato de que a ofensa não é tal, pois o indivíduo não age, segundo ele, movido por seu livre arbítrio, mas forçado pelas forças naturais que o arrastaram a cometer o excesso, com a mesma fatalidade que a gravidade obriga a pedra atirada ao ar a cair, há uma inconsequência em perseguir o indivíduo de hoje como se ele persistisse amanhã. O materialismo, que admite que tudo é mudança, tudo movimento, tudo sucessão e nada tem permanência, encontra-se em contínua contradição com suas teorias. É bom que ele considere o espírito como propriedade de seu corpo, mas negar a identidade do *Eu*, a continuidade de sua própria personalidade, é tão absurdo que só pode ser concebido sendo guiado pelo espírito de sistema.

Reconheçamos então que, tão certo como eu sou, como eu existo ou vivo, é verdade que eu sou idêntico a mim mesmo, que sou o mesmo ser, que minha própria individualidade persiste em mim através das mudanças e modificações que tenha experimentado.

Capítulo VI

A realidade do espírito

O objetivo principal deste livro é mostrar àqueles que buscam a verdade, desinteressada e retamente, como, por meio de nossa própria reflexão, simplesmente fazendo uso desse bom senso que ordinariamente aplicamos a outras coisas, podemos chegar a nos convenceremos da realidade do espírito, o que equivale a dizer que há em nós uma realidade viva e perene, imutável e, portanto, imortal. E a partir desta base veremos a melhor forma de dar uma solução a este problema da imortalidade do nosso ser, sobre o qual tão variados têm sido os juízos formulados ao longo dos séculos.

Até agora, sem mais do que leves considerações e reparando em nós mesmos, encontramos como verdade inegável, que se mostra à nossa própria consciência, a realidade do nosso *Eu* que se afirma em todos os atos simples ou complicados de nossa vida, e a permanência desse mesmo *Eu*, que caracteriza nossa individualidade, melhor ainda, nossa personalidade, em meio a toda a série de transformações e mudanças que ocorrem em nós ao longo do tempo.

Não tentemos forçar os argumentos e querer provar *a priori* a existência de nosso espírito com faculdades próprias, como ser diferente do corpo e, portanto, imortal, eterno e progressivo. Mais tarde veremos como logicamente e por consequência natural são derivadas dele estas e outras propriedades. Dirigimo-nos mais uma vez ao bom senso daqueles que nos leem e perguntamos se, por mais materialistas que sejam, podem duvidar de que verificam atos que chamamos de espirituais ou anímicos, deixando de lado, por enquanto, se são ou não originários de uma entidade distinta e superior ao organismo carnal; se estão convencidos de que em si mesmos e, portanto, também nos outros homens, se dão atos de pensamento, atos de sentimento e atos de vontade, e estamos certos de que todos responderão que esses atos são tão inegáveis quanto nossa própria existência; nossos pensamentos podem estar errados, mas é evidente que

eles existem em nossa mente; que às vezes sofremos e outras vezes experimentamos prazeres e alegrias; que desejamos coisas que podemos ou não conseguir. E nos dirão que isso não acontece apenas no adulto, mas na criança, no louco e no imbecil; mais ainda, que esses mesmos atos são observados em alguns animais; e, portanto, também tomamos como certo que é impossível para nós negar a realidade dos fenômenos intelectuais, sensitivos e de volição.

Mas, esta não é a dúvida, nos dirão. Não é que a escola materialista, nem a escola panteísta, nem todas aquelas que negam a realidade do espírito, neguem também a realidade dos chamados atos psíquicos: o que tais escolas negam é que procedam de uma força ou de um ser substantivo ou subsistente por si mesmo sem necessidade do corpo; o que tais sistemas negam é que esses atos tenham sua origem em coisa diferente da natureza de nosso próprio organismo, que produz esses fenômenos tão variados, juntamente com muitos outros que há muito são reconhecidos como efeitos seus.

Certamente, se a negação materialista se baseasse na dúvida da existência de atos anímicos, ela seria, sob qualquer ponto de vista, absurda e inaceitável para qualquer um, ao contrário de supor que quando um sistema, uma teoria ou uma escola, foram admitidos e aceitos por grande número de indivíduos de diversas classes, é porque alguma verdade contém e algum fundamento têm, já que o erro não pode ser absoluto.

Mas para o nosso propósito devemos deixar indubitável a existência desses atos ditos psíquicos ou espirituais, tendo apenas a dúvida se eles têm sua origem naquela entidade chamada espírito, se são efeito do funcionamento dos órgãos do corpo, seja do cérebro, seja do sistema nervoso todo, seja do organismo em geral pelo jogo combinado de seus órgãos e aparelhos, se produzidos por secreções ou por vibrações internas, ou então por causas, embora meramente físicas, ainda desconhecidas de nossa inteligência, que pouco a pouco descobrirá o verdadeiro segredo e a origem desses atos.

Vamos, portanto, expor a tese do nosso argumento. A realidade dos chamados atos espirituais, também implica a existência do espírito?

Capítulo VII

A força psíquica.— Os atos materiais e os atos Anímicos.

Todo fato, todo fenômeno que observamos em qualquer ordem de coisas, não se verifica sem que algo o determine e o produza. A esse algo chamamos sua causa, que está sempre de acordo com a natureza do efeito produzido. Se uma pedra cai depois de lançá-la ao ar, não é por efeito da espontaneidade ou de uma certa tendência da pedra a cair; é por causa do que chamamos de força da gravidade. Então, se removermos essa força, removeremos seu efeito correspondente; e por analogia, em todos os fenômenos do mundo, se fizermos abstração das forças que produzem esses eventos, teremos que reconhecer a inexistência de tais efeitos.

Da mesma forma, se atos intelectuais ocorrem em nosso ser, devemos negar que existem forças ou causas em nós que produzem a intelectualidade?

Seria tanto como dizer que os efeitos são produzidos sem causas. Mas essas causas, originam-se das próprias propriedades do organismo corporal? Nada nos importa isso por enquanto: o que precisamos é reconhecer que através dos efeitos temos de chegar ao conhecimento de suas causas, que os fenômenos testemunham a existência de forças ou atividades que os produzem e que as forças que os originam precisam ser de acordo com a natureza e condições desses efeitos.

Para garantir que estes ou aqueles atos são próprios do espírito e que tais outros são originados pelo organismo, seria necessário saber onde o espírito começa e onde termina e também onde começa e termina o corpo. Mas eu, de mim mesmo, só posso dizer que, ao examinar minhas ações,

encontro uma constante compenetração de todas as minhas forças, de todas as minhas atividades; que não há ato originado nos mais obscuros limbos do pensamento que não seja refletido e de alguma forma exteriorizado no organismo físico; e do mesmo modo, que não há fenômeno que se verifique nele do qual, direta ou indiretamente, não receba a influência no que chamo de meu espírito; fenômeno que se verifica melhor à medida que o ato vai se tornando mais claro e distinto.

Essa unidade de nossa natureza, que como vimos patentiza a toda hora a unidade de nosso ser, não é obstáculo, porém, para que possamos averiguar a distinção dos elementos, forças ou funções que nele ocorrem.

Até hoje o corpo era considerado uma coisa desprezível e indigna, e talvez desse exagero tenha surgido o exagero oposto, de supor que não haja nada mais do que matéria em nós, entendendo, é claro, por matéria aquilo que afeta nossos sentidos; e de falar do organismo corpóreo como do único corpo capaz de ser animado por uma alma racional.

Mas, poderíamos acaso supor que um fenômeno como a quificação, onde as forças do organismo intervêm para produzir a transformação química dos alimentos, seja a mesma coisa que a elaboração do pensamento, ou a discussão de um tema?

Poderíamos acaso supor que a aceleração do ritmo do coração, produzida pelo fato de correr, seja devida à mesma causa que essa aceleração, quando é causada pela impaciência de uma notícia desejada? Poderíamos acaso confundir a força muscular usada para levantar um certo peso, com a força intelectual capaz de medir e calcular enormes distâncias?

Por muito que alambiquemos e façamos distinções sutis, por muito que duvidemos, seremos obrigados a confessar que a atividade ou força que produz os fenômenos químicos e orgânicos em nosso corpo não é a mesma atividade ou força que dá origem aos fenômenos anímicos; e embora a observação nos ateste que não existe essa suposta separação entre atos materiais e atos espirituais, que a força psíquica utiliza-se das outras para realizar seus fins e cumprir seus propósitos, a própria observação nos mostra que não há e não pode haver paridade entre uma e outra; que pode haver um grande desenvolvimento do organismo, cumprindo ele perfeitamente suas funções, e mesmo assim as faculdades da inteligência ou da sensibilidade estarem atrofiadas; que alguém pode ter grande energia física e ser inútil para qualquer trabalho intelectual que exija certo

esforço e perseverança. Portanto, se em nós há um organismo que cumpre suas funções de acordo com as leis materiais, há também uma força que anima esse organismo, que, unida a ele, constantemente o impele, dirige e determina suas ações; e essa força é aquela que produz os atos que consideramos mais importantes na vida.

Os homens, de fato, não são apreciados por sua altura, por sua força, por seu peso, por melhor ou pior respirarem ou por bem ou mal digerirem; eles são estimados antes por seus atos intelectuais: entre aquele que usa sua força muscular para levantar pesos e uma máquina há uma semelhança de funções, mas não entre esta mesma máquina e aquele que move sua inteligência para conceber uma verdade ou aquele que sente seu coração docemente comovido por uma afeição terna e íntima que o inclina a fazer o bem em benefício de seus semelhantes.

Em meio a esse materialismo absorvente que nos envolve, é preciso insistir mais uma vez em fazer ver como, simplesmente atendendo ao testemunho de nossa própria consciência, vemos que até aqueles mesmos que se mostram tão positivistas dão mais importância aos atos psíquicos do que aos atos da vida física; a esses em que a força anímica move, impulsiona e dirige, do que aos outros em que, predominando as leis materiais, apenas forças mecânicas são utilizadas, que podem por sua vez ser substituídas por outras mais poderosas. Daí a grande verdade do aforismo: *Mens agitat molem. (O espírito vivifica a matéria).*

Capítulo VIII

Diferença entre a força psíquica e as forças orgânicas

O capítulo anterior nos coloca no caminho para ver as diferenças mais notáveis entre a força que produz os fenômenos psíquicos e as funções orgânicas do nosso corpo. Para isso nada melhor do que por em comparação as leis a que ambos obedecem, pois todos os fatos obedecem sempre a uma regra invariável que é a sua lei, e procurando as leis desses fatos veremos as diferenças que existem entre eles.

O organismo humano está sujeito desde sua formação a todos os processos dinâmicos, químicos e orgânicos aos quais estão submetidos os demais corpos da natureza. Não vemos neste ponto nenhum privilégio para o nosso organismo, pois obedece às mesmas leis que todos os outros, e nele ocorrem os mesmos fenômenos que nos demais. O calor, a luz e a eletricidade com a variedade de fenômenos a que dão lugar, influenciam e se dão em nosso corpo como em qualquer outro corpo animal. Nosso organismo, quando carece de certo número de graus de calor de que necessita, fica raquítico e impossibilitado de cumprir suas funções; se é a luz que está faltando, sua influência deixa-se sentir enormemente, e a eletricidade também influi de forma análoga sobre ele que sobre qualquer outro organismo, produzindo uma variedade de fenômenos. No que diz respeito ao processo químico, os alimentos se dissolvem graças aos sucos do nosso interior como poderiam fazer em outro corpo de maneira análoga, e quanto à assimilação e desassimilação, não há diferença notável com qualquer outro organismo parecido.

Nossa origem orgânica, como a de todos os seres, é uma célula, da qual derivam várias outras, que por sua vez dão lugar a tecidos, órgãos e aparelhos.

Nosso corpo cresce e se desenvolve no espaço até certo limite, e então entra em um período de paralisação em seu movimento ascendente, até que sobrevém o fenômeno que chamamos de morte.

Até aqui não vemos nada de particular em nós, que não vejamos em qualquer outro dos muitos seres análogos que povoam a Terra. Mas, ao mesmo tempo, aquilo que chamamos de espírito, como força que anima e vivifica o organismo, não está sujeito a essas leis físico-químicas e nem orgânicas, embora os efeitos dos atos materiais repercutam em seu ser, devido à íntima relação entre o espírito e o corpo.

O espírito tem por lei a espontaneidade, a atividade constante em todos os seus atos e determinações.

Não está em repouso nem por um momento, e essa atividade não é apenas contínua, mas também progressiva. Nosso corpo chega a um ponto em que não cresce mais, em que deixa de nutrir-se e morre. Nosso espírito é constantemente alimentado por novas ideias, por novos afetos, e cabem nele novas determinações de sua vontade, que por sua vez produzem novos movimentos em seu ser, que servem para realizar outros atos diferentes dos já verificados.

O máximo a que chegam os modernos progressos fisiológicos é a esta conclusão: o espírito se desenvolve paralelamente ao organismo, e até mesmo isso não é verdade em muitos casos, lá onde se dá uma alma viril e enérgica em um corpo doente e fraco e, ao contrário, um espírito preguiçoso e apático em um organismo forte e bem desenvolvido.

Temos, portanto, que, no que diz respeito ao organismo físico, ele não tem privilégio algum em relação aos restantes organismos deste planeta. Todas as leis naturais dão-se nele da mesma maneira, e por isso o homem foi chamado de *microcosmo*, porque é de fato um mundo em miniatura. E temos também que, através dos atos psíquicos tomamos conhecimento da força análoga que os produz, sendo esta força o elemento inteligente que nos anima, o elemento impulsor que move e dirige, aquele que é causa de nossos atos, pelo qual nos dizemos seres livres e responsáveis; o *espírito*, enfim, ou alma.

Mas essa força psíquica, esse espírito que reconhecemos, teria origem no mesmo organismo? seria uma vibração ou um movimento mais ou menos sutil dos nervos ou da massa cerebral? seria uma função, afinal, dessa parte do organismo, como as funções de outros órgãos?

Certamente, se os efeitos da força pensante fossem análogos aos fenômenos físicos, não haveria dúvida alguma; mas se vemos que são de natureza muito diferente, a razão nos diz que não têm sua raiz, seu princípio de origem, neste mesmo organismo.

Porém, dirão: concedido que o espírito existe como força que não deve sua existência ao organismo físico, que não é uma de suas funções, nem a resultante de certos movimentos; mas isso não prova que ele não possa viver sem corpo, antes geralmente vemos que se o corpo está enfraquecido por afecções locais ou gerais, a alma também fica enfraquecida e perde pouco ou pouco suas faculdades. Se a vida de um órgão importante é interrompida, o espírito cessa em suas funções; por exemplo, se o cérebro está doente, o espírito acha-se incapacitado de conceber, de julgar, de raciocinar, de exercer, enfim, seus atos psíquicos. Que espírito, então, é esse independente do corpo, ao qual não deve sua origem e que, no entanto, permanece como que subjogado; de tal forma que a interrupção de sua vida suspenda também a dele? É o que acontece nos casos em que uma lesão cerebral produz os fenômenos de amnésia, afasia e similares.

De fato; a objeção não deixa de ter força se se afirma que o espírito é independente do organismo e, portanto, não precisa dele: isso é absurdo. Mas uma coisa é que o espírito precise, para agir, da assistência do corpo, e outra que este não seja mais do que um instrumento, com determinado objeto e finalidade, a serviço do espírito; um conjunto de aparelhos cujo objeto são duas coisas: receber impressões para transmiti-las à força psíquica, e que esta tome consciência delas para saber o que está acontecendo no mundo externo e no próprio organismo; e assim reagir no mundo exterior em virtude do impulso comunicado pelo espírito, para colocar em movimento as diferentes partes do corpo e traduzir suas volições em atos.

Este corpo, então, que nos recobre, nada mais é do que um meio, como a caneta e o papel o são para escrever, como um instrumento musical para executar uma peça musical, como um telescópio para ver um objeto à distância, um barco para navegar, etc.: meios; e meios, se quiserem, indispensáveis; mas nem a pena é que escreve, nem o piano é que toca, nem o aparelho telegráfico é que transmite despachos: é o elemento inteligente quem dirige, quem impulsiona, quem verifica certos fenômenos, porque, utilizando-se das leis naturais, faz tais fenômenos acontecerem.

Este é, então, o corpo: um instrumento com esta dupla finalidade: concentrar as impressões no espírito para, através da sensação, tomar conhecimento do mundo exterior e de seu próprio organismo, e agir sobre outros objetos para o espírito realizar seus desejos. Sem órgãos da linguagem não falaremos, mas a linguagem nada mais é do que um signo, um meio para falar; e assim os outros signos.

Contudo; esse meio, esse organismo, como instrumento que é, seria tão insubstituível, tão necessário, que, não se originando dele a força psíquica ou o espírito, é tão necessário a ponto de incapacitá-la para exercer suas funções, deixando o espírito sem suas faculdades e sem poder apreciar esse mesmo mundo externo por falta do organismo?

Se este meio fosse o único meio, perfeitamente.

Se eu, para escrever, só pudesse usar caneta e papel, em me faltando esses dois requisitos, não seria capaz de me comunicar. Mas o elemento inteligente encontra meios diferentes para atingir o mesmo fim: se não tenho caneta faço-o com lápis, se não tenho papel faço-o com quadro-negro e, finalmente, se não posso escrever, utilizo-me de outra coisa para me comunicar com meus semelhantes. *Saber é poder*, e só não sabendo é como não poderei; mas, assim que souber, procurarei os meios adequados para realizar meus desejos.

Da mesma forma, se a faculdade de pensar, sentir e querer não vem do organismo, iríamos supor que, só porque o órgão está enfraquecido, atrofiado ou perdido, isto é, o meio que na vida atual servia para expressar seus sentimentos e volições, o espírito deve ficar sem suas faculdades? Isso é absurdo, pois suas faculdades não são derivadas da natureza do corpo.

Pois bem, dirão: não perderá suas faculdades, mas não poderá exercê-las, sem meios para isso, como o músico que, sem o piano, embora não perca as aptidões adquiridas, não poderá executar qualquer trabalho no momento em que lhe falta o instrumento adequado.

Certamente, podemos responder; mas se perde um meio, pode adquirir outro; e da mesma forma, se o espírito perde o meio orgânico corpóreo, pode adquirir outro equivalente, ou, o que dá na mesma, perdida uma vida pode ter outra, perdido um corpo pode tomar outro, sem jamais interromper a vida do espírito.

Veremos, ao falar em encarnações, como essa teoria do meio - condição, mas não causa, nos serve para explicar os diferentes organismos que o

espírito sempre anima em sua vida infinita. Enquanto isso, façamos uma última observação sobre esta questão: que as diferenças entre o espírito e o corpo nos provam que um não é o outro, que embora haja contato contínuo, comércio psicofísico, os caracteres de um não são os mesmos caracteres que vemos no outro, e que, por dedução, efeitos diversos pressupõem causas diversas.

Essas causas, que são força psíquica por um lado e força material por outro, nos mostram como dentro da unidade da natureza humana, caracterizada pela palavra *Eu*, essa mesma natureza é dupla, composta de espírito e corpo, e como é verdade, como disse Pascal, que o homem não é nem anjo nem besta; pois, se pelo pensamento ele tende a se elevar ao Céu, pelos pés ele se encontra acorrentado à Terra e sujeito às leis mais rudes e pesadas deste planeta.

A diferença, então, entre o espírito e o corpo, nos coloca no caminho de ter que admitir que o espírito, mesmo necessitando do corpo, serve-se dele apenas como instrumento, não desempenhando o corpo outro papel além de ser um meio - condição, mas nunca de tal modo necessário que, inutilizado, possa fazer o espírito perder suas faculdades. O máximo que se poderia supor é que ficasse também este impossibilitado de exercê-las por falta de instrumento adequado; mas se um meio pode ser substituído por outro, uma vez perdido um meio de manifestação temporária, ele pode ser substituído por outro meio a propósito.

Capítulo IX

Caracteres essenciais do espírito. - Preexistência do mesmo à vida atual.

É difícil dizer onde começa o espírito e onde começa a matéria. Basta-nos saber os caracteres que distinguem nosso espírito de nosso corpo, sem tentar averiguar, por enquanto, se nosso espírito é o tipo do espírito, em geral, do universo, e se nosso corpo é o tipo dos organismos materiais que podem condicionar uma alma racional para sua relação com os outros seres. Vamos, então, desconsiderar o acidental e o transitório e focar no que tem caráter de essencial e permanente.

O espírito tem como qualidade característica essencial a atividade, de acordo com sua natureza. Está sempre em ação, sem que saibamos de nenhum momento em que nele essa atividade tenha sido suspensa. É, pois, o espírito, antes de mais nada e principalmente, uma *atividade* que age, e suas obras trazem a marca da finalidade; isto é, que ele está determinado a agir por seu próprio impulso, pela força espontânea de seu ser, não forçado ou coibido, e ao mesmo tempo em relação de fim para conseguir algo, para realizar algum propósito determinado.

Essa atividade que nunca cessa, esse germe de faculdades sempre expansível, um germe sempre suscetível a novos desenvolvimentos, teria começado a viver no momento em que age condicionado a um organismo carnal? Em outros termos: a vida do espírito é paralela à vida do corpo e origina-se ao mesmo tempo que a do corpo?

Se o espírito fosse apenas resultado das forças físico orgânicas, nada mais fácil do que responder afirmativamente; mas se, como vimos, tem vida própria, distinta da do organismo, embora ligada a ele, é absurdo supor que

possa proceder do organismo. Constantemente vemos que, enquanto os caracteres fisiológicos se propagam por geração, as faculdades psíquicas não se propagam da mesma forma; que de pais sábios saem filhos idiotas e que, prescindindo do que a educação possa influenciar, na mesma família muitas vezes há irmãos com gênios, aptidões e inclinações muito diferentes; o qual prova que o físico não engendra o psíquico.

Portanto, é inadmissível supor que o espírito começa sua vida ao mesmo tempo que o corpo. As teorias do criacionismo, do traducionismo e tantas outras sustentadas, do mesmo estilo, sempre partiram da hipótese de que o espírito começa a existir no momento em que existe um organismo, diferindo tão somente seus defensores no fato de que alguns admitem que ele começa sua vida no momento da fecundação, e outros em períodos posteriores da gestação, ou no ato do nascimento. Nós, forçados pela lógica, temos de convir que, visto que ele não deve sua existência às forças físicas, ele não nasce com o corpo, e não existe inconveniente em admitir sua vida anterior a esse estado de humanização.

Por conseguinte, não é apenas a imortalidade o que se deduz das diferenças entre o físico e o psíquico, mas a preexistência; não só a vida posterior, mas a vida anterior à presente.

Se o espírito já viveu antes do que dizemos sua encarnação ou sua humanização, onde iremos buscar sua origem? Nas origens de todas as coisas, na Causa absoluta de tudo o que é, no fundamento único e total de tudo o que existe; sem o qual, isto é, sem reconhecer esse fundamento, as coisas ficam sem começo nem origem, agitando-nos num círculo vicioso ao tentar explicá-las.

Sem a necessidade de nos remontarmos tão alto, ocorre naturalmente uma objeção, que ninguém que se importe com essas questões não se faça a si mesmo. Se o espírito viveu antes, como viveu? Mesmo que não pudéssemos, no entanto, respondermos a essa objeção, isso não provaria a inexistência prévia do espírito.

Quando acordamos, também não temos consciência do que durante um sono profundo fizemos, e por isso não é menos verdade que vivemos, que pensamos e até às vezes falamos e executamos atos dos quais mais tarde, ao acordar, não conservamos lembrança. A criança também não tem consciência de seus primeiros atos e, quando chegar a adulto, nem por isso está facultado para dizer que, como não se lembra do que fez, não fez nada.

Da mesma forma, o delirante, o louco, o imbecil, todos aqueles que verificam atos inconscientes, não se lembram depois desses atos, sendo, porém, coisa óbvia que os realizam. O estado de consciência é uma condição que nem sempre precisa acompanhar nossa existência espiritual, entendendo-se aqui por consciência a reflexão ou percepção dos próprios atos.

Em muitos momentos da vida perdemos a noção do que fazemos, até a noção de que existimos então, tomada como está a nossa mente com uma impressão extraordinária; mas uma vez terminada essa impressão, nosso ser volta a ter consciência do que faz e das impressões que recebe.

Portanto, não é um argumento sério que, como não nos lembramos de ter existido, já que não sabemos realmente como vivemos, é porque não tivemos tal vida. As qualidades permanentes de um ser, o que caracteriza sua essência, aquilo pelo qual é e que não pode perder sem deixar de ser ele mesmo, isso é invariável, é eterno: retire a redondeza de um círculo e ele deixará de ser um círculo; portanto, sempre que falarmos do círculo, deve ser com a qualidade ou qualidades que o caracterizam como tal. Pois bem; o espírito tem como qualidade essencial a atividade contínua, a determinação constante de suas forças, que dizemos suas faculdades; e supor um espírito que é tal e não produz atos, é supor que pode haver um círculo e não é redondo. A atividade, então, é inseparável da vida do espírito.

Já temos então que a simples reflexão, prescindindo de prejuízos, nos patentiza que, tão certo quanto que eu sou imortal e sobrevivo ao meu organismo, também sou preexistente a esse mesmo organismo, que nada mais é do que um meio temporário de relação com o mundo exterior e com os meus semelhantes; que nada mais é do que uma ferramenta de trabalho que utilizo para atingir os meus objetivos.

A resenha seria longa, se quiséssemos comprovar aqui nossa convicção da preexistência do espírito ao corpo com a história da crença neste ponto apoiada por ilustres pensadores. Aqueles que gostarem de fortalecer suas doutrinas vendo-as patrocinadas por homens esclarecidos, podem consultar a excelente obra de Pezzani *A Pluralidade das Existências da Alma*, e encontrarão abundantes evidências de que essa ideia sempre foi defendida em todas as épocas. O que era e ainda hoje é, embora desfigurada, a crença dos índios na transmigração das almas? Pitágoras

também a apoiava, e no próprio Evangelho encontramos uma passagem que diz: «E os seus discípulos perguntaram-lhe (a Jesus), e disseram: Então por que dizem os escribas que Elias deve vir primeiro? E ele lhes respondeu, e disse: Elias, em verdade, há de vir e restabelecerá todas as coisas. Mas eu lhes digo, que Elias já veio e não o conheceram, antes fizeram com ele o que quiseram. Assim também eles farão sofrer o filho do homem. — Então os discípulos entenderam que havia falado com eles de João Batista (São Mateus, capítulo XVII, v.º 10 a 13).

Se admitimos que o espírito deve sua origem a outra causa que não os fenômenos físicos, devemos admitir também que suas faculdades são dele mesmo, de sua própria essência ou natureza. Poderíamos acreditar que os espíritos em sua origem devem ter diversidade de natureza ou faculdades mais desenvolvidas em uns do que em outros? Cabe desenvolvimento de faculdades onde nem mesmo houve atividade, onde não houve vida? Poderíamos admitir que os espíritos que começam a existir, alguns têm um desenvolvimento de inteligência melhor do que outros, que em pouco tempo alguns se manifestam como grandes gênios que abrem novos caminhos para a humanidade em sua marcha ascendente rumo à perfeição, e outros se mostram desajeitados, defeituosos, incapazes de coordenar algumas ideias e de relacionar alguns conceitos?

É preciso sermos lógicos: ou admitir de uma vez por todas que o espírito é apenas uma mera função do organismo, ou então admitir que o espírito pelo uso de sua atividade, por seu trabalho, vai desenvolvendo sucessivamente suas faculdades; e como vemos que as crianças, independentemente do que devam à educação, mostram desde a mais tenra idade diversas aptidões e faculdades muito distintamente desenvolvidas, devemos supor, ou que a causa que produziu esses seres, a Causa absoluta onde tiveram sua origem é soberanamente injusta ao negar a uns desenvolvimento de faculdades que outros têm, ou que, tendo todos a mesma origem, todos, por sua vez, vão desenvolvendo essas faculdades de maneira livre e gradual, de acordo com o estado de desenvolvimento adquirido, manifestando-se assim conforme o grau de perfeição alcançado, ora estabranados, ora ajuizados; ora gênios, ora ignorantes; com delicadeza de sentimentos ou duros de coração; com uma vontade apática e fraca ou, pelo contrário, enérgica e persistente, capaz de enfrentar as maiores adversidades da vida. Mozart compondo óperas com poucos anos de idade

é um fenômeno que terá de ser explicado pela injusta predileção da Causa criadora, ou pela sua própria atividade e trabalho realizado. E como esse desenvolvimento é impossível no breve espaço de seu nascimento até os poucos anos que ele contava quando compôs essas obras, é preciso admitirmos esse trabalho como anterior à sua encarnação planetária. A diversidade de aptidões no homem prova, portanto, a vida anterior de seu espírito, sem que o fato de ter perdido a memória daquela vida seja um obstáculo.

Capítulo X

A encarnação do espírito.—A vida anterior determina a encarnação.—Por que não nos lembramos dela.

Preexistindo o espírito antes de sua encarnação e subsistindo após essa mesma encarnação, é claro que o principal em nós certamente não é a vida atual; porque ela não é, nem pode ser, a mais importante, nem a mais longa, nem aquela que decidirá nosso destino eterno, embora tenha, como todo ato e toda série de atos, suas consequências; mas não consequências de alcance infinito. A transcendência desta vida, portanto, não é tão grande quanto as religiões positivas acreditavam e, embora muito longe de considerá-la insignificante, estamos muito mais longe de considerá-la decisiva para nosso destino imortal.

Uma vida, ou seja, uma encarnação, é apenas um elo em uma imensa cadeia composta de numerosos elos que representam as diferentes vidas planetárias. Nisto nos afastamos das religiões positivas, para as quais, quando morremos, nosso futuro é decidido por toda a eternidade; e como a maioria dos nascidos morre ainda criança, sem sequer atingir o pleno uso da razão, verifica-se que, segundo esse critério, o destino eterno dos seres é determinado por alguns poucos atos de sua vida atual.

A razão rejeita esse absurdo do castigo ou condenação eterna, bem como o da salvação ou da glória motivada por uma vida carnal, por mais longa que fosse; pois é absurdo conceber uma felicidade infinita e estável no ser, já que ele aumenta constantemente em perfeição e tem como lei de sua natureza o progresso em suas faculdades.

Essa bem-aventurança perfeita, essa felicidade completa, é impossível, e mais impossível ainda o sofrimento eterno, a menos que suponhamos um aumento infinito também no castigo; pois se não, chegaria a se tornar insensível ao ser. É por isso que as religiões positivas que não admitem o progresso indefinido são incompatíveis com a razão.

Voltando ao nosso objeto, repetimos que a preexistência ou vida anterior da alma reconhece-se simplesmente pela diversidade de aptidões desenvolvidas nos seres e pela impossibilidade de supor a origem de nosso espírito ao mesmo tempo que começa a existir o instrumento orgânico ou corpo, que aqui serve como meio para comunicar com o mundo exterior.

Somente essa preexistência, também, é o que pode motivar outras diferenças individuais; por exemplo, o por quê de um ou outro sexo, o por quê de certas doenças congênitas, imbecilidade ou loucura de nascença, e outras coisas que só nesta doutrina encontram explicação racional.

Prescindindo da origem do espírito, há que se supor que todos os seus atos produzem efeitos correspondentes, sendo a ele imputáveis aqueles que executa com discernimento e liberdade, os quais irão ter sua sanção moral. Os atos, então, executados com anterioridade a esta vida presente, são aqueles que irão determinar as condições principais desta vida. Não é coisa indiferente, nem devida ao acaso, nascer homem ou mulher, como não o é nascer imbecil ou talentoso, um grande gênio ou um grande louco; e não é possível atribuí-lo a meras forças materiais, porque incorreríamos em um círculo vicioso contínuo, tendo que supor mais uma vez que as forças orgânicas eram as que determinavam as condições do espírito, e que seria mais instruído, não aquele que tivesse desenvolvido mais sua inteligência, mas aquele que tivesse um organismo mais perfeito; e que seria um gênio eminente ou um herói de virtude, não aquele cujo espírito se encontre em estado de desenvolvimento adquirido por suas próprias forças, mas aquele cujo organismo esteja de tal maneira disposto que, apesar de talvez ser de pais muito pouco cultos, o acaso ou a natureza fez, por caprichosa combinação, um conjunto de peso e forma que dá por resultado uma maquinaria em movimento, cujos efeitos são produzir as obras tão admiráveis de sua inteligência criativa.

Se, então, não admitimos que o espírito provém do corpo, também não podemos admitir que ele produza suas aptidões, e é preciso reconhecer algo a mais do que as qualidades orgânicas. Há uma lei, portanto, que

determina o tipo de encarnação que se deve tomar, que é a lei moral; e esta lei é a que regula todas as outras leis físicas a que o ser se submete.

Deduz-se daqui que todo ser tem um organismo adaptado à sua natureza e, assim como é impossível que o espírito de um homem possa funcionar com um organismo animal inferior, também é impossível para o espírito inculto e rude que ainda não se abriu aos puros sentimentos da beleza e da virtude, encarnar no corpo de um mártir, capaz de sacrificar uma e mil vidas pelo triunfo de uma ideia redentora.

A encarnação ou vida orgânica está, portanto, de acordo com o desenvolvimento ou perfeição adquirida, e quando o espírito executou atos repreensíveis, sofre como sanção por esses atos, como punição imposta, a encarnação em um corpo que, por suas más condições, perturba-o grandemente; e mostra-se como louco, como imbecil ou como impossibilitado de expressar todo o desenvolvimento adquirido anteriormente.

Da mesma forma, a diferença sexual não é meramente orgânica. Então, bastariam apenas as leis físicas para explicá-la. Entre o espírito do homem e o da mulher, sem que haja diferença essencial, pois têm idêntica natureza, há, porém, diferenças notáveis. A sensibilidade requintada da mulher não é produto apenas de sua impressionabilidade nervosa; ao contrário, devido ao seu maior desenvolvimento e predominância do sentimento, encarna em um organismo adequado para se desenvolver em um sentido determinado. E a força, a energia de que dá mostras o varão, é por sua vez o efeito do maior desenvolvimento da inteligência e de sua atividade para lutar contra os obstáculos externos, encarnando-se em um organismo adequado ao seu estado de progresso. Somente assim cada um tem o que pode e deve ter, e entende-se que existe a justiça no universo. Não poderia havê-la supondo que Deus, por escolha que seria arbitrária, escolhesse alguns para serem homens de talento, outros para se manifestarem como tolos, imbecis ou loucos; a certos seres, para serem homens com todas as proeminências e vantagens de tais na sociedade, e a outros para nascerem mulheres com todas as inconveniências de seu sexo nessa sociedade.

No momento em que essa questão é abordada, ocorre a mesma objeção que quando se pensa no movimento da Terra. Se a terra se move, como é que não o percebemos? Justamente por isso não o percebemos, porque ela se move nos carregando, e é preciso tomar pontos de comparação no

espaço para apreciar esse movimento. Nosso sentido é insensível para apreciá-lo, pois nossa visão também é impotente para perceber o movimento dos corpos quando sua velocidade é excessiva. Se nossa vida é consequência de atos verificados com anterioridade à encarnação, como é que nós não o sabemos? Precisamente por isso; para esquecer nossos atos anteriores é para o que renascemos, para poder nos mostrarmos com toda a energia e disposição de que somos capazes, para nos comportarmos de acordo com nosso grau de avanço, sem levar em conta estados anteriores. Porque, se todo ato tem sua sanção, haveria mérito em ser bom, sabendo que antes, por atos maus que praticamos, tivemos grande sofrimento? Alguém seria livre para se comportar bem com um semelhante, sabendo que esse indivíduo era o mesmo ser de quem já recebemos em outro tempo inúmeros benefícios? Se em uma mesma família nascem irmãos que antes se odiavam cruelmente, até que ponto seria possível o consórcio entre eles, dada a nossa natureza atual, se a cada momento eles pudessem lembrar um ao outro suas injúrias passadas?

É preciso prescindir dos atos anteriores que sobrecarregariam nossa consciência com sua memória, para nos comportarmos e nos conduzirmos livremente, segundo o estado de perfeição adquirido, mas sem a lembrança dos fatos que estariam constantemente a nos perturbar.

Mas, se bem o espírito não tem durante a encarnação memória de seus atos anteriores, nunca perde o grau de progresso que adquiriu. Pode acontecer, como no imbecil ou no louco, que, mais ou menos perturbado pelo efeito do organismo, não possa se manifestar no exterior com toda a força da perfeição adquirida, como o homem amarrado que se vê impossibilitado para desenvolver a força muscular de que é capaz, mas isso não significa que ele a tenha perdido; da mesma forma, no espírito, essa força adquirida, esse progresso ou grau de avanço, ele jamais o perde, e livre após os laços que lhe impediram o pleno exercício de sua atividade, manifesta-se com a intensidade de ação que lhe é possível.

Temos, então, que nossa vida atual é determinada pela preexistência anterior, e que, por sua vez, a encarnação planetária de hoje produzirá atos que transcenderão ou influenciarão nosso futuro, sem que esses atos sejam, por outro lado, de tal modo transcendentais, que bastem para fixar *por toda uma eternidade* um estado de caráter permanente no espírito:

serão de maior ou menor importância, conforme o caso, mas nunca de transcendência infinita.

Resta agora descobrir que tipo de existência anterior pode decidir nosso presente e quais são as diferentes formas de encarnação de acordo com os atos previamente verificados.

Capítulo XI

A vida eterna do espírito. — Vidas anteriores às encarnações planetárias e vidas intermédias do espaço. — Três tipos de encarnação na Terra.

Nem por um momento sequer podemos conceber racionalmente a vida do ser - espírito em fases sucessivas, sem estar relacionadas umas com as outras. Por múltiplos que sejam seus estados, por infinitas que sejam suas variações, deve haver continuidade entre umas e outras. Não é possível conceber intermitências ou interrupções na existência. *A vida é única*, é uma só, desenvolvendo-se em infinidade de fases ou períodos, seja de encarnação, ou de desencarnação ou período intermédio de tempo entre duas encarnações.

Da mesma forma segue-se que não existe uma vida presente e uma *outra vida* futura, como se costuma dizer; há apenas uma vida eterna e contínua, sem que o ser deixe de existir, nem por um momento sequer.

E como ele deixaria de existir, se o seu ser não se deriva de forças mundanas, sendo anterior e distinto dessas forças orgânicas?

A crença na ressurreição não é racional: o ser não precisa ressuscitar, porque não morre. As moléculas materiais que compõem seu corpo, retornam à Mãe Terra para formar novas combinações, para continuar sua jornada no imenso laboratório da natureza, entrando a formar parte de outros corpos; mas o ser, o elemento inteligente, não perece: era anterior ao organismo físico que ele animou, e é posterior à destruição deste

organismo, verdadeira máquina de que o espírito se utiliza para cumprir seu destino em determinada fase de sua vida.

Falemos, portanto, de agora em diante, não de duas vidas diferentes, mas de uma única e eterna vida dos seres; vida, portanto, preexistente ao momento fugaz da encarnação, vida que continua após a desencarnação, na qual o espírito é separado de seu organismo.

Sabemos, embora apenas em parte, como o espírito se desenvolve nesta encarnação planetária; a forma que ele tem de se comunicar com seus semelhantes; como através da sensação ele conhece o mundo exterior e seu próprio organismo; de que maneira seu aparelho locomotor está disposto para poder se deslocar e mudar de lugar de um ponto a outro; como o organismo influi sobre o espírito causando certos e determinados movimentos, e em sentido contrário, como o espírito influi, às vezes involuntariamente e outras voluntariamente, sobre seu próprio organismo; mas se o espírito é sempre o mesmo, se suas faculdades são essenciais nele, de modo que nunca pode ser considerado inativo, surge a pergunta, de que maneira ele irá usar essas faculdades? Como ele irá desenvolvê-las naqueles períodos de desencarnação que precedem ou seguem à vida carnal? Aqui vemos que, por meio da linguagem em suas várias formas, o espírito se comunica com seus semelhantes para dar a conhecer os estados de sua consciência, que constituem sua vida íntima; mas de que ele irá se valer para fazer isso naquele outro período da vida, onde não há órgãos que produzam sons articulados?

Aqui vemos que, através dos órgãos da visão e dos demais sentidos, podemos apreciar, ora a cor, ora a distância, ora o som, etc., dos corpos; mas de que maneira apreciaremos essas e outras propriedades da natureza sem órgãos determinados *ad hoc*?

A resposta seria difícil se acreditássemos que o espírito, o ser inteligente, não tem outros meios materiais além dos meios orgânicos que possui, e que para exteriorizar seu pensamento e sentir os efeitos do mundo exterior, necessita de um organismo de carne e osso, onde, por meio de aparelhos especiais, sejam verificadas as impressões, que são então transmitidas aos centros nervosos para produzir a sensação e, assim, conhecer o mundo externo. Porém, desde que o organismo é considerado um meio, um instrumento mais ou menos importante, mas nunca único; desde que todo meio pode ser substituído por outro, não há inconveniente

em admitir que o espírito tem sempre o meio material adequado ao seu estado e à condição em que se encontra para viver a vida em relação com outros seres. Ao contrário, é preciso acreditar que a matéria, sendo infinita em suas propriedades, como infinita em suas combinações, o espírito dispõe de meios mais adequados, mais leves, mais fáceis de manejar do que aqueles que possuía na encarnação.

Isso seria impossível de admitir a partir do momento em que o supuséssemos como um ser indefinido, vago, imaterial, caso em que seria impossível essa comunicação, essa vida de relacionamento, sem a qual seria como negar sua existência; mas, patentizando materialmente por comunicações, principalmente de sonâmbulos e médiuns videntes, que o espírito vem a ser em sua forma externa como uma luz de maior intensidade que, conforme o grau de sua pureza, atinge mais ou menos irradiação, cessa toda e qualquer incerteza do que é ou representa o espírito separado de seu organismo.

No entanto, o estudo da vida de além túmulo, da vida fora do organismo corpóreo, seria impossível se os próprios espíritos, por meio de comunicações, não o tivessem revelado a nós. Graças a eles nos explicamos o por quê de eles poderem se relacionar com os encarnados, os diferentes meios que usam para fazê-lo e como se comunicam entre si, as esferas de associação que têm, o uso que fazem de suas vidas, a maneira de progredir na vida do espaço, o modo de tornar mais proveitosa uma encarnação e as leis que regem o desenvolvimento do espírito em todos os lugares. Tudo isso foi exposto em uma infinidade de obras, principalmente nas de Allan Kardec, onde todos esses e muitos outros fenômenos são descritos e divulgados, seja na forma de princípios gerais ou em detalhes minuciosos.

Por ora basta-nos saber que a vida se desenvolve de maneira análoga no espaço como na encarnação; sendo a atividade essencial ao ser, não é possível conceber nele um momento de repouso; pelo contrário, temos de admitir que, tendo meios mais fáceis, mais leves, mais sutis para todas as suas obras, ele pode verificar suas ações mais confortavelmente, livre até certo ponto dos grilhetes materiais, que aqui em grande parte nos impedem de dedicar-nos ao desenvolvimento das forças intelectuais.

Essa vida do espaço serve de preparação para a vida carnal, e nela são dispostas e preparadas as principais condições do ser que vai encarnar.

As condições ou leis gerais a que se submetem os espíritos ligados a este planeta são três: 1ª, como expiação; 2ª, como prova; 3ª, como missão. Por conseguinte, todos nós que encarnamos aqui, o fazemos para expiar e pelo sofrimento que merecemos, ou para nos pormos nós mesmos a prova nas difíceis circunstâncias que a vida oferece, ou para fazer progredir os outros.

A expiação é o princípio a que a maioria de nós obedece. De fato, as incontáveis doenças e dores que a vida nos proporciona indicam que este é um mundo de expiação ou sofrimento; e em correspondência com isso, vemos os espíritos perturbados em guerras incessantes, prevalecendo a mentira e a hipocrisia e ainda mais a ignorância, povos inteiros mergulhados na barbárie, com desconhecimento de seu destino, filiados a crenças religiosas que atrofiam a inteligência em vez de elevá-la e que mostram o grande atraso intelectual da humanidade em conformidade com seu atraso moral.

O orgulho humano acreditava que este era *o mundo*; ou seja, a parte predileta do Universo, sendo todos os astros, já sóis, já planetas, meros ornamentos para recreio de nossa visão. A astronomia mostrou que a Terra nada mais é do que um grão de poeira nessa imensidão onde cintilam luzes de tonalidades tão variadas. Acreditávamos ser o todo e somos uma partícula insignificante para o resto da Criação.

É já tempo de aplicar o mesmo raciocínio à vida humana. Até agora, a maioria das religiões e sistemas filosóficos têm feito decidir o destino do espírito segundo os atos verificados em uma vida tão curta e efêmera quanto a carnal, vida sujeita a tantos acidentes e obstáculos, que a maioria dos humanos nem consegue alcançar o uso de razão; e, no entanto, assumiu-se que este minuto de vida que temos aqui era o que decidia nosso futuro eterno. Visto com o critério da razão, devemos considerar que esta vida é insignificante, é inapreciável em comparação com a vida infinita, e que o destino do ser, que deve ser realizado em um progresso incessante, exige tempo infinito, exige uma ampliação constante e forças indefinidas para aprender sobre a Criação, para relacionar-se com os outros seres, para sentir, conhecer e amar cada vez mais a Causa que produz todas as maravilhas do Universo.

Entre a consideração da Terra como astro em torno do qual os outros giram, servindo-lhe de ornato em seu cortejo, e a apreciação da Terra como

átomo estelar, há um infinito. Da mesma forma, entre a consideração da vida do nosso ser, dividida em duas metades, uma que compreende esta encarnação e outra posterior, resultado dela, e a consideração da vida eterna do ser em séries sucessivas de desenvolvimento e ampliação constante, também medeia um abismo infinito.

Capítulo XII

O progresso indefinido

Consequência da vida eterna do ser é o progresso indefinido; o que devemos entender por progresso no espírito? Tal deve ser o objeto deste capítulo.

A palavra *progresso* tem sido tomada no sentido de adiantamento, de avanço; progredir é melhorar, é inovar constantemente preservando ao mesmo tempo o bem já adquirido: esse é o conceito essencial da palavra progresso. Mas o progresso no espírito não pode ser um avanço sucessivo no sentido de seguir uma certa linha de direção, já reta, já curva; não pode ser a aquisição de faculdades ou poderes, ou simplesmente de propriedades que já não possua; porque, efetivamente, o desenvolvimento de uma coisa nada mais é do que o desdobramento do que ela já contém, e de modo algum a aquisição do que ela essencialmente não possui. É, pois, o progresso, no espírito, a constante e sucessiva ampliação de faculdades que possui desde a sua origem: nunca a soma de propriedades ou faculdades que já não tenha por razão de sua natureza.

Disso deduzimos que, essencialmente, todos os espíritos têm igualdade de natureza e, portanto, não há hierarquias: não há uns espíritos criados ignorantes e outros com grande inteligência. Todos devem passar pelos mesmos graus de desenvolvimento, embora não precisamente pelos mesmos estados que os determinam, pois estes podem ser análogos ou equivalentes. Todos os seres são, portanto, iguais: as diferenças que existem entre eles são simplesmente de grau de desenvolvimento, de estado de adiantamento. Seguindo o curso de sua vida, todos devem progredir, e aquele que hoje se mostra fraco, ignorante e atrasado, amanhã se tornará um sábio, um herói e admirado por seus esclarecidos dotes.

Haveria notória injustiça na Causa criadora se ela não agisse dessa maneira. Se houvesse naturezas angélicas e naturezas mundanas, se houvesse uns seres destinados a sofrer e outros destinados a gozar, uns

com mais faculdades do que outros, a Causa absoluta não teria procedido com equidade. Mas tal como é, pode existir e existe a infinita variedade na escala infinita dos graus de desenvolvimento, todos tendo a mesma natureza e faculdades idênticas que lhes permitem atingir os mesmos graus, estando a escala sempre aberta para todos. A propósito disso, um dos espíritos, que demonstra maior elevação, nos diz: "Há nos céus campo para uma avidez eterna do bem e fonte para uma sede insaciável de conhecimento." - (MARIETTA, pág. 208, 5ª edição).

Podemos – diz-nos outro muito querido – considerar o espírito em sua origem como o diamante nas entranhas carboníferas da terra; e o espírito em certo grau de cultura, como esse mesmo diamante já polido pelo lapidário. Teria ele variado em sua natureza? Teria melhorado essencialmente, ou seja, teria adquirido propriedades que antes não possuía? De modo algum: a arte consiste em esculpir facetas para fazê-lo refletir cada vez mais a luz e se mostrar, portanto, mais límpido e resplandecente. Da mesma forma, o espírito de hoje é o mesmo espírito que séculos atrás mal tinha noção de sua existência; mas não são dois seres diferentes, senão apenas um que, pelo desenvolvimento de sua natureza, o desenvolvimento das faculdades que tinha em germe, melhorou seu estado, progrediu; e assim como no diamante, quanto mais facetas são feitas, quanto mais arestas são destruídas, do mesmo modo no espírito, em cada fase de sua vida, em cada encarnação, a aresta mais saliente de sua imperfeição moral é destruída, e cada vez brilha com mais fulgor e beleza, conhecendo, sentindo e amando a Criação e o Criador sempre mais, e compreendendo o infinito que medeia entre ele e a Causa que produz o Universo, que o dotou de faculdades tão inestimáveis como as de ir desenvolvendo gradualmente sua vida e adquirindo valor próprio, por seu próprio esforço.

Assim, ele tem individualidade, tem personalidade pelos atos que realiza: porque são seus, porque constituem sua história, e em cada ato que verifica, fica indelevelmente impresso o estado de adiantamento adquirido, o grau de progresso a que ele chegou. De outro modo, se o Criador nos tivesse dotado de faculdades já desenvolvidas no início de nossa existência, não haveria mérito; e como a inteligência nós a empregamos para saber o que somos e para compreender os fenômenos do Universo, bem como para conhecer a Causa absoluta até onde nos é possível, se tudo isso não nos

custasse nenhum trabalho, nenhum esforço, não seríamos credores de merecimento algum. Por analogia, também nunca poderíamos nos desviar do caminho do progresso, e seguiríamos a linha reta indefinidamente em nossa marcha até nos fundirmos na perfeição Infinita.

Disto se deduz que o espírito tem natureza perfeita em sua essência, que lhe permite um desenvolvimento infinito em espaço e tempo ilimitados, desdobrando-se em uma série de estados sucessivos e contínuos, também infinitos, cada faculdade se determinando constantemente em atos concretos e diferentes que respondem à força potencial desenvolvida em cada momento.

Somente esta natureza originariamente perfeita pode permitir um desenvolvimento constante e progressivo ao infinito. De outro modo, chegaríamos a um limite do qual não poderíamos passar e a Causa criadora poderia ser tachada de imperfeita, pois que não soube fazer seres de perfeição constantemente progressiva.

Longe disso, deve-se admitir que, reconhecendo a Causa criadora como infinitamente perfeita, suas obras devem levar o selo de sua infinita perfeição. Assim, os seres devem ter atributos análogos à causa de que provêm, embora sempre haja uma distância entre a causa e o efeito.

Esse progresso indefinido, esse avanço do ser, sempre aberto a novos adiantamentos, essa ampliação de faculdades, essa constante diferenciação de funções que dá variedade e maior amplitude aos seus atos, nunca pode ser interrompido. O progresso será mais ou menos rápido, mais ou menos lento; mas será. A esse respeito, um espírito elevado nos diz: «*Deter-se é fácil; difícil deter-se muito: deixar de avançar, impossível*».

Certamente, o ser poderá prevaricar, poderá decair moral e fisicamente; mas até o limite que atingiu uma vez poderá voltar quantas vezes quiser e, portanto, reconquistar o que foi perdido. Além disso, se ele transgrediu moralmente, sua inteligência foi enriquecida pelo conhecimento do ato praticado, e este mesmo ato deve ser posteriormente incentivo e estímulo para reparação em maior grau da falta cometida.

É claro que isso não pode ser feito em apenas uma vida. Não importa os meios que se tenha para compensar o mal feito, eles são sempre insuficientes, e necessário é, se a consciência deve ficar satisfeita, devolver bem por mal em proporção ainda maior do mal verificado; e é claro que aquele que sucumbe na metade do caminho percorrido não consegue fazer

essa devolução. Uma única vida, então, não basta: o espírito precisa ter à sua disposição o infinito do tempo para realizar tantos atos meritórios quantos forem necessários em compensação pelos atos que sua consciência o acusa de ser culpado.

Resumindo, então, vemos que o espírito é perfeito em sua natureza; e desta perfeição essencial segue-se que nenhuma nova propriedade adquire em seu desenvolvimento, porque nenhum desenvolvimento pode dar que não tiver já contido em si como germe. Esse desenvolvimento é, da mesma forma, infinito; jamais termina. Jamais chega a um estado de perfeição em grau infinito, o que implicaria contradição; pois quem diz progresso, diz maior ou menor grau de avanço: nunca perfeição como estado permanente.

Para realizar esse progresso, uma única vida é insuficiente, tanto para avançar gradativamente no bem quanto para refazer nossos atos, ou seja, verificar outros novos em compensação àqueles que nos fizeram transgredir.

Por último, vemos que jamais a prevaricação e o demérito implicam perda de progresso, senão simples rebaixamento moral, mas com o poder de ascender sempre ao mesmo grau de adiantamento adquirido antes da prevaricação, e depois a avanços maiores, em virtude de atos sucessivos.

Capítulo XIII

A pluralidade de mundos em relação com a pluralidade de existências

A pluralidade de vidas surge como uma hipótese necessária para poder explicar racionalmente a diferença de aptidões dos indivíduos: só ela nos dá razão da variedade de inclinações e do diferente grau de aperfeiçoamento que as faculdades revelam nas crianças. Só ela também, sem contradizer a justiça absoluta, nos explica satisfatoriamente o por quê dos gênios e o por quê dos ignorantes, o por quê das raças escravizadas na sensualidade material e a existência de outras mais avançadas, com prazeres mais puros e mais cultura.

Vimos esta mesma hipótese comprovada ao reconhecer como caráter essencial do espírito, como lei à que ele obedece, que é também a da Criação inteira, o progresso indefinido, o sucessivo aperfeiçoamento, ou melhor, a constante ampliação de suas faculdades.

Relacionada a esta questão da pluralidade de vidas, mostra-se a nós a da pluralidade de mundos. Efetivamente; se uma vida não é tempo suficiente para um ser se desenvolver, um mundo teria espaço suficiente para todos os seres se desenvolverem nele?

A resposta não parece duvidosa. Os seres não podem ter um número limitado, muito menos é possível limitar esse número àqueles que podem atuar no planeta Terra. É lógico, então, admitir que há mais mundos do que este, onde o espírito vai se aperfeiçoando, como já passou por outros onde adquiriu as perfeições que já possuía quando nasceu na carne.

A indução filosófica mostra-se em concordância com as descobertas científicas. Hoje ninguém acredita, ou pelo menos ninguém deveria

acreditar, que a Terra é o mundo predileto do Criador, onde ele empregou um certo número de dias, ou se preferir, períodos, para fazê-lo, ocupando-se depois como coisa de pouca importância da criação dos outros astros. O Gênesis, que narra cuidadosamente a obra realizada pelo Criador em cada um desses dias ou períodos, tem apenas uma frase quase depreciativa, quando se refere aos demais astros. "Ele também fez as estrelas", é o que nos diz; e não é de surpreender aqui esta sobriedade da linguagem considerando que foram feitas, segundo o mesmo livro sagrado, para a recreação dos mortais.

Mas, da comparação entre a infinita pequenez do nosso globo e a infinita grandeza do resto da Criação, nasce a certeza de que a vida não acaba na Terra, que a vida também existe em outros mundos, e quando se chegou a pesar e a medir, e foi possível apreciar a composição química e a atmosfera foi analisada, como a luz, os movimentos e outras características dos planetas mais próximos; quando se viu que, longe de não terem vida, possuem condições de tê-la, alguns muito melhores do que este pobre mundículo sujeito a tantos cataclismos e calamidades, ninguém pode ter por suspeita a doutrina da pluralidade dos mundos habitados, e que para a ciência, ainda mais que a pluralidade de existências, tem sido fácil de comprovar.

Os instrumentos ópticos de que podemos dispor atualmente são muito imperfeitos: não nos permitem apreciar em detalhes os sinais que evidenciarão a presença de seres inteligentes nesses outros mundos; mas, da mesma forma que não é necessário ver um círculo para saber que ele tem de ser redondo porque é uma qualidade essencial à sua natureza, onde quer que nos falemos de atmosfera, calor e umidade, etc., em certas condições, é preciso admitir, como consequência natural, a vida.

E se a vida existe, não é possível circunscrevê-la ao limite da vida vegetal. Onde esta vida vegetal termina e a vida propriamente animal começa? Ainda não sabemos; isso não pode ser especificado, pois existem seres de natureza intermédia; e, ascendendo em grau de perfeição, ali onde reconhecemos a existência de vida animal, temos de admitir a existência de seres inteligentes; pois o animal é sempre um ser inteligente. O homem será, em todo caso, o ser inteligente mais perfeito de cada mundo.

Deixemos, então, que a Astronomia, aproveitando os avanços da Física, investigue os espaços e coloque diante de nossos olhos as maravilhas

celestes; a nossa razão fica satisfeita, mesmo sem necessidade de apalpar através dos nossos sentidos, porque os seus princípios são necessários e imutáveis, e provada a existência da vida como lei necessária, onde quer que haja condições para isso, e provado que ela existe na medida em que essas condições o permitem, é preciso admitirmos uma imensa variedade de vida existente nos imensos campos da Criação. Os astros que giram no espaço não são massas desertas: são mundos animados de vidas de todos os tipos esses que passam diante de nossos olhos, e do mesmo modo tantos outros que nos é impossível perceber.

Além disso, seria absurdo supor, mesmo não sendo espírita, mas um materialista, que existam esses mundos com melhores condições do que a Terra para ter seres inteligentes e que no entanto não os possuam; pois sabemos que, em condições idênticas, as mesmas causas produzem os mesmos efeitos, e a força que os originou aqui também os terá produzido ali.

Por outro lado; teria o Criador de esgotar seu poder infinito produzindo, como no parto das montanhas, apenas este mundículo? Quando a astronomia nos apresenta sóis de múltiplas cores, mais colossais e numa atitude de poder dar vida e movimento a uma infinidade de planetas, em melhores condições que o nosso sol, que é de classe inferior, deveríamos supor que eles esparramam inutilmente torrentes de luz, calor e magnetismo? Deveríamos admitir que esses mesmos planetas, que o telescópio já nos permitiu ver, rolam no éter com condições perfeitas para serem habitados, mas sem habitantes? Com mais razão poderia ser sustentada a habitabilidade desses mundos do que a desta Terra, tão pobre, tão pequena e em condições muito piores para conter seres inteligentes.

O famoso astrônomo Camilo Flammarion dedicou toda a sua vida a provar essa verdade, que as descobertas modernas tornam cada dia mais evidente, e ninguém que consultar suas obras poderá duvidar de aceitar a pluralidade de mundos habitados como uma verdade necessária.

Também ninguém que refletir por um momento poderá fazer menos do que ligar esta questão à anterior e reconhecer que a pluralidade dos mundos é uma verdade relacionada com a pluralidade das existências; então, se existem seres de natureza diversa, em condições de vida muito desiguais; se não pode ser indiferente nascer neste ou naquele mundo,

assim como não pode ser indiferente, dentro do mesmo mundo, nascer num país selvagem ou civilizado, há que se admitir que cada um nasce onde deve, no mundo adequado às suas condições. Esses mundos de maior felicidade que sentimos, nós os alcançaremos e passaremos por eles quando o tivermos merecido; da mesma forma que já deixamos para trás outros mundos de barbárie onde a vida sensual constitui a única vida do homem.

Assim reconhecemos na Criação o selo da infinita justiça que se manifesta em toda parte, e ao mesmo tempo de uma bondade infinita que permite a cada ser participar daquilo que legitimamente conquistou.

Capítulo XIV

Caracteres do espírito em si mesmo, independentemente da encarnação

É acidental, para nosso propósito, estudar o espírito submetido ao organismo carnal; tão acidental, como se para estudar Botânica nos concentrássemos exclusivamente em uma determinada planta. Sendo o ser preexistente à encarnação, a vida orgânica em um mundo qualquer, a vida mundana é apenas um momento transitório de sua infinita vida. Querer, então, estudar o caráter do espírito pelas condições que ele tem quando se encontra submetido a viver com um organismo determinado, é tomar uma parte insignificante pelo todo e acreditar que por essa parte já estamos autorizados a dar nosso voto sobre o valor do resto.

Temos de usar outro método que não o experimental. A experiência pessoal é muito limitada em tempo e espaço, e o horizonte sensível que ela ilumina é de muito curto alcance. Para ajudar mais em nossa pesquisa é necessário um telescópio mais poderoso: esse telescópio que nos permite ver as coisas até os confins mais longínquos de nossa personalidade, é a razão. Graças a ela sabemos sobre o que é fundamental, o que é permanente e essencial de um ser, de uma ideia, de um princípio; e pela sua qualidade de conhecimento universal é sempre aplicada a todos os tipos de conhecimento da mesma natureza. Partindo dessa natureza das coisas, perceptível por essa faculdade, reconhecemos que as linhas paralelas, por exemplo, nunca se encontram, mesmo que sejam prolongadas, por mais que seja impossível conseguir traçá-las até o infinito; também sabemos que todos os círculos são redondos, embora nunca nos seja possível ver aqueles que foram traçados por todos os

homens; porque não é uma mera indução baseada em analogias: é baseada nas propriedades essenciais de sua natureza.

O que é, então, o espírito em suas qualidades permanentes, agora e para sempre, na encarnação e na desencarnação, na Terra e no espaço, em um mundo material e em um mundo mais espiritual?

Sempre e em toda parte o espírito é uma atividade que constantemente se move, vive e age: um elemento inteligente que anima um organismo, que é o meio de expressão de sua força interna e de relacionamento com outros seres; um ser integral, total, completo, em qualquer momento de sua infinita vida.

Tem como principal atributo ser um germe desenvolvendo-se ao infinito, que, tendo sua origem na Causa criadora, participa de seus atributos: é, portanto, infinito em perfeição por sua natureza; mas nunca perfeito em seu estado de desenvolvimento, pelo seu caráter de limitado. Daí o progresso indefinido, de que falamos; daí a mudança sucessiva de estados que o determinam a cada momento de seu desenvolvimento essencial.

Não existe no espírito um centro especial de faculdades. Tem apenas uma: a qualidade de ser e estar em si, de perceber toda relação externa e de toda manifestação interna, qualidade que chamamos de *consciência* e que é sucessivamente ampliável em seu desenvolvimento. Todas as faculdades são derivações desta, ou melhor, são a própria consciência, agindo de maneira determinada. Portanto, o espírito, em seu aperfeiçoamento infinito, não adquire qualidades que já não possuísse, nem faculdades novas; somente desenvolve a atividade desta única faculdade, a consciência.

Esta condição de ser e de se manifestar do espírito faz com que atue sempre em unidade, que se manifeste sempre na totalidade do seu ser. Em qualquer ato do espírito, de fato, manifesta-se o espírito todo, pois é simples, íntegro e total.

Os atos variam, no entanto, ao infinito; mas é pela determinação voluntária que os acompanha, pelo diferente grau de intenção ou pela maior ou menor intensidade de sentimento que os anima, pois nunca no espírito estão equilibradas suas forças, que chamamos de faculdades, ou as diferentes determinações de sua consciência que tomam este nome. No máximo, há um equilíbrio instável; mas, por isso mesmo, pouco duradouro.

Os estados ou determinações de sua atividade que o espírito realiza em sua vida, é o que chamamos de atos. — Esses atos do espírito são sempre sucessivos e contínuos. Não há dois deles completamente iguais.

Sendo o espírito um ser permanente e tendo a consciência como sua qualidade essencial, é esta qualidade que o acompanha constantemente em maior ou menor grau de desenvolvimento. Os atos, então, conscientes, são eternos ou permanentes para ele. Daí o poder reproduzi-los quantas vezes ele quiser. Não é precisamente que ele os retenha na memória por mais ou menos tempo, nem que, na realidade, esses atos ou estados sejam permanentes, mas sim que ele tem o poder de reproduzir os estados conscientes pelos quais passou, e neste sentido são permanentes nele.

A sucessão dos estados do espírito gera o seu tempo. O tempo do espírito, então, não está sujeito às leis da natureza física como o corpo. Ordinariamente nossa vida é contada pelo desenvolvimento do organismo carnal, de acordo com as leis naturais, e assim dizemos, por exemplo, que tem trinta anos aquele indivíduo que, no período transcorrido do seu nascimento até hoje, a Terra deu trinta voltas ao redor do sol; e como o corpo está submetido a esse processo da natureza planetária, pois nasce, cresce, se nutre e morre como os outros seres naturais, resulta que contamos a idade do homem pelo que nele é mais contingente e menos importante: a idade do corpo. Mas às vezes acontece que enquanto um indivíduo tem trinta anos, porque esta é a idade de seu corpo, seu espírito inculto, pouco desenvolvido, tem menos idade, isto é, menos atividade ou menos vida do que outro indivíduo que, de menor idade material, já experimentou mais afetos, já teve mais determinações voluntárias e mais ideias em sua inteligência. Não vive mais, por conseguinte, aquele que mais anos tem, senão aquele que mais desenvolve seu espírito.

O espírito, porém, como eterno que é, está fora do tempo. Ele engendra *seu tempo* ao produzir atos sucessivos; mas sua essência está fora dessa condicionalidade: sua vida é eterna; sua atividade é permanente, e somente nos estados dessa atividade é que se produz seu tempo: tempo relativo a ele e não a outro ser, tempo que nada tem a ver com as mudanças dos outros seres, nem, portanto, com os tempos do planetas ao percorrer suas órbitas.

Além disso, cada planeta tem seu tempo, segundo a maior ou menor velocidade com que gira; de onde resulta que, tendo velocidades muito

desiguais, também têm tempos diferentes. Assim, não só para o espírito, mas também para os corpos, há esta mesma lei: o tempo é a sucessão de atos, de movimentos, e cada ser está sujeito aos seus movimentos próprios.

Da mesma forma que o espírito está fora do tempo, se bem faz seu tempo por suas mudanças, está fora do espaço; pois, eterno como é, não se circunscreve sua vida, nem a esfera de sua atividade, a um ponto mais ou menos grande do universo; sua esfera de atividade é ampliável ao infinito, tendo, assim como uma luz, um círculo de irradiação, um horizonte até onde sua influência atinge, um círculo que se alarga à medida que sua atividade aumenta. Temporariamente o espírito ocupa um determinado espaço, atuando em tal ou qual mundo; mas à medida que aumenta em poder, seu espaço é ampliado; e, como a atividade é progressiva, o espaço que cada ser ocupa, ou melhor, o espaço em que cada ser atua, aumenta também cada vez mais. O espírito, dessa forma, do ponto de vista matemático, pode ocupar até mundos e nebulosas, aqueles que ele engloba ou interpenetra com sua atividade.

A encarnação, então, ou o estado em que o espírito está submetido a um organismo, é algo muito secundário, assim como o tempo de uma vida é muito insignificante se comparado ao tempo infinito. O limite ao qual o corpo circunscreve o espírito para agir, restringindo-o em sua livre manifestação, desaparece depois na desencarnação, onde abrange espaços maiores. Além disso, as encarnações também devem ser progressivas, e cada vez o espírito ficará menos limitado pelo seu organismo.

O organismo, portanto, limita o espírito como um molde limita a matéria que contém. No entanto, isso não é inteiramente exato, porque o espírito não está encerrado no organismo, pois o inferior não pode conter o superior, mas irradia através dele, como a luz não está encerrada no tubo de uma lâmpada, mas se espalha ao redor em um círculo de maior ou menor alcance.

O espírito, dizemos, tem a consciência como única faculdade, da qual todas se derivam em série diferencial; e desenvolve a consciência com a mudança de estados, desde que estes aperfeiçoem sua natureza. Contudo; aquilo que aperfeiçoa nossa natureza, aquilo que nos satisfaz porque se conforma à nossa essência, isso é o bem. De modo que o cumprimento do bem é a realização da essência do espírito: é o que o aperfeiçoa; e como para isso é necessário o relacionamento com nossos semelhantes e com

todos os outros seres, o espírito também tem essa faculdade de relacionamento. É um ser de relações universais, de tal modo que todos os fenômenos podemos dizer que vêm a ele, que nele repercutem, e se ele não os percebe, é por causa da sua imperfeição: todo ser ocupa o centro do infinito e todos os estados do infinito universo convergem para ele. Cada ser, porém, só aprecia o que no limite de seu desenvolvimento essencial pode alcançar; e na medida em que mais se aperfeiçoa, mais reflete de si mesmo as belezas que percebe, assim como o diamante, ao ser polido, reflete melhor os puros fulgores da luz.

Para isso é necessário que o espírito tenha forma, pois tudo o que é limitado tem forma, de algum modo está circunscrito. Não conhecendo a essência do espírito como conhecemos a essência da matéria, quando dizemos forma do espírito não nos referimos à forma de sua essência; mas, como o espírito está sempre com matéria, da qual se utiliza para sua manifestação, sempre constitui uma personalidade o elemento inteligente unido ao elemento material, que ele anima; então podemos dizer que o espírito tem sempre forma, porque sempre tem uma determinada matéria da qual se serve para sua manifestação.

Essa forma constitui um verdadeiro organismo fluídico, e é o que o particulariza e distingue como ser pessoal; organismo que é chamado de *perispírito*, e que nos espíritos sujeitos a este mundo constitui-se dos elementos emanados dos organismos terrestres. Este corpo fluídico é a objetivação do estado moral ou intelectual; ou seja, que ele toma a forma do sentimento predominante em um momento dado; e como os elementos de que se compõe são tão sutis, varia de forma com a maior rapidez, conforme se sentir, eliminando alguns fluidos e assimilando outros segundo o grau de sua pureza.

Mas, independentemente da forma determinada pelo estado temporal do sentimento, cada espírito ocupa uma extensão esférica do espaço onde sente e até onde chega sua atividade; quer dizer, que a forma de sensação e manifestação do espírito é uma esfera de maior ou menor atividade, cujo centro é ocupado pelo elemento ativo, esfera de maior ou menor irradiação segundo a pureza do espírito.

Realmente, esta forma não é própria e exclusiva do espírito, mas é de todos os seres; porque todos os seres têm uma esfera de ação que chamamos de irradiação. Essas esferas se interpenetram em relação à sua

sutileza; de modo que a mais tênue influi ou permeia a mais densa, e assim o espírito mais leve, mais tênue, de maior irradiação, permeia ou contém em si uma multidão de seres de maior densidade.

Essa interpenetração dos espíritos faz com que sintam dentro de si mesmos como em seu próprio ser tudo o que acontece na esfera de sua irradiação; esfera que se refere não apenas à extensão ou alcance do espaço onde influem, mas também ao intenso ou sutil da percepção, à intensidade dessa percepção.

Disso segue-se que não existe nenhum ser isolado. Todo ser está contido dentro da esfera de outro e de outros seres; e por mais puro que seja um ser, há sempre outro de maior pureza que o contém e de certo modo o anima. O universo inteiro está assim permeado e animado pela Causa absoluta.

Desse modo, a força que impulsiona os seres e os obriga a progredir depende não apenas da virtualidade de suas faculdades, como também do fato de que essa esfera superior de atividade que nos permeia, que nos anima e vivifica, determina em certa forma os movimentos e atos que, sem limitar nosso livre arbítrio, têm como principal objetivo nos fazer progredir, elevando-nos acima do nível de adiantamento já adquirido. Desta forma, todo ser é providência de outro, ao modo em que a Providência Infinita dirige e impulsiona o Universo inteiro. Todos os seres sentem em si aspirações à perfeição porque são atraídos para as esferas superiores e porque, originários da Divindade, sentem em si mesmos aquela força que desconhecem e que os estimula a continuar sua atividade para alcançar maior perfeição.

Não há seres desconhecidos, não há seres esquecidos nem para outros seres nem para a Divindade, e todos influídos, todos compenetrados, todos vivificados pelo sopro da atividade Criadora, vamos no Universo infinito cumprindo nossos destinos, nos aproximando cada vez mais, identificando-nos cada vez melhor, desenvolvendo mais plenamente nossas faculdades e reconhecendo em nós mesmos a perfeição latente que nossa essência contém, sentindo cada vez mais do Universo, de nós mesmos e da Divindade na proporção do desenvolvimento alcançado.

Capítulo XV

O fenômeno da morte como desencarnação do Espírito

Talvez nenhuma questão tenha preocupado tanto a humanidade quanto o fenômeno da morte. Todos os povos tiveram suas crenças neste ponto, e desde a concepção mais grosseira da imortalidade que supõe a continuidade *do homem* em sua vida total, espiritual e corporal, para além do sepulcro, até a concepção mais espiritualista, que considera a alma como dotada de um espécie de segunda natureza, em virtude da qual as afeições humanas são esquecidas diante da contemplação divina, todos os povos nos têm dado testemunho de suas ideias no tocante a questão tão importante.

Não há ninguém que, ao fechar os olhos de um ente querido que fazia a nossa felicidade, cuja vida era a nossa vida, não tenha se perguntado se ao cair na sepultura perderemos seu amor para sempre, se dando o último esforço, o último sorriso com que parecia expressar-nos todo o seu amor e todo o seu desejo de nos ver felizes, terá se extinguido para sempre o sopro da existência que o animava. Por mais materialista que seja, seu instinto o fará desejar a continuação da vida para além do túmulo; e para decifrar o insondável futuro consultam-se livros, revisam-se teorias, fazem-se reflexões sobre crenças religiosas e questionam-se os céus e a terra, depois de termos perguntado à nossa consciência se a permanência daquele ser lhe agrada, apesar de o ter visto dar seu último suspiro. É que a dúvida que nos assalta neste momento indica sempre que, apesar de todas as negações, o problema se apresenta ainda incógnito à nossa inteligência, que deseja mais luz sobre um assunto tão importante!

E de que a questão é importante não há dúvida: a maioria de nossas ações (não importa em que outra coisa se acredite) são executadas nesta vida de acordo com as crenças que temos em relação à morte. Se a pessoa virtuosa sofre em silêncio, e em silêncio tenta se fortalecer, diante do martírio de seu coração, seja por uma doença dolorosa, seja pelo abandono em que a deixou a ausência de entes queridos, seja por injustiças sociais que entristecem e fazem desejar uma outra vida onde o reino de Deus tenha a sua realização, é, sem dúvida, porque lá no seu coração, lá no seu íntimo, sente a necessidade de uma outra vida onde tenha cumprimento a lei moral, onde os atos meritórios sejam premiados. A imortalidade é um instinto tão poderoso no homem que não pode falhar: poucos instintos enganam o animal, e mesmo reduzindo esse sentimento a essa categoria, vemos que não há homem que não deixe de tê-lo.

Mas, para alçar ligeiramente o véu do além-túmulo, é contraproducente focalizar nossos olhos no sepulcro e aplicar nossos ouvidos ao túmulo para perceber um movimento que nos indique a animação dos restos orgânicos do ser que dizemos deixou de existir. Precisamente porque a alma é imortal, ela é invisível e intangível aos sentidos materiais. Nossos sentidos não servem para apreciar impressões delicadas, mesmo da própria matéria, e muito menos seriam úteis para perceber a existência e os atos do ser espiritual, fora do organismo corpóreo.

Nossos sentidos não bastam para nos indicar a massa, distância, temperatura, movimentos, etc., dos astros, porque eles estão tão distantes que a observação sensível precisa ser poderosamente auxiliada pela percepção racional; eles também não nos explicam o movimento da Terra, e ainda assim é impossível para nós negá-lo; dificilmente nos põem em comunicação com certas forças da natureza e, no entanto, as forças da natureza são infinitas e os fenômenos naturais são igualmente inumeráveis. Esse critério de investigação então, é muito limitado e insuficiente e é preciso buscar outra prova de convicção.

Da mesma forma que onde os sentidos nos mostram as estrelas como pequenas luzes, a investigação racional vê sóis poderosos, e onde nos fazem ver aparentemente o repouso desses astros, a ciência comprova ser seu movimento muito mais rápido que o da veloz locomotiva; da mesma forma também onde a vista e o ouvido só percebem a quietude de um cadáver, a indução racional nos evidencia a vida e a atividade do ser que

deixou de pulsar com seu coração, mas que nem por isso seus afetos se extinguiram, como não se extinguiu sua inteligência que, de faísca, mais tarde se tornará luz esplendorosa por seu esforço e seu trabalho.

A morte, então, não é o fim da vida: a vida é eterna para o ser. A morte nada mais é do que a destruição dos elementos materiais, orgânicos do nosso corpo, que passam à corrente plasmática para nutrir outros organismos; mas a entidade inteligente permanece íntegra com suas faculdades e continua a se manifestar na totalidade do seu ser; porque o ser não é o corpo, que é apenas meio de manifestação ou instrumento de trabalho: o ser é o espírito. A morte é, por conseguinte, a separação do espírito do organismo que lhe serviu de meio de manifestação e de relacionamento entre seu ser e os outros; mas como o meio nunca é causa, mas condição, pode ser substituído por outro que satisfaça as mesmas, idênticas ou melhores condições; e é isso que acontece na vida do espaço.

A matéria, que é o veículo que tudo preenche, que existe em toda parte e cujas combinações são infinitas, é sempre o meio utilizado pelo espírito para sua manifestação; matéria em maior ou menor grau de sutileza de acordo com o adiantamento do espírito. E como o espírito, para poder se relacionar com outros seres, precisa concretizar certa parte dessa matéria, resulta que ele sempre tem um organismo, que o espírito é sempre um ser orgânico, com um organismo determinado que lhe dá forma, o delimita e o particulariza entre os outros seres.

Longe, portanto, de a morte ser a cessação da vida, ela nada mais é do que o ato de um espírito se separar do seu organismo corpóreo, e longe de ficar incapacitado para viver, continua a existir em condições melhores, porque o organismo é mais sutil, é mais leve. Se antes ficava cansado ao subir uma ladeira, depois, mais leve que o ar, não experimenta essa fadiga: se antes a assimilação material de seu corpo era verificada por meio da nutrição, depois verifica-se nele a assimilação de elementos mais tênues, segundo as condições do seu corpo, e muito mais rapidamente.

Não muda essencialmente o ser, então, pelo fato de mudar de organismo, pois vemos que nem mesmo deixa de tê-lo: o que ele faz é somente mudar de organismo; deixar um, pesado e submetido à engrenagem das mais duras leis da matéria, para tomar outro aéreo, fluídico, sujeito às leis dos fluidos etéreos.

A morte, se temida, é porque é ignorada, porque se duvida de que o ser possa existir além-túmulo. Esse medo desaparecerá à medida que se conhecer o por quê desse fenômeno e as condições em que o espírito sobrevive ao seu organismo.

Mais morte é a encarnação. De fato, a encarnação é perda de liberdade, perda de entendimento, perda de memória. O espírito, quando encarna, concretiza-se, reduz-se, limita-se a um organismo que circunscreve a sua esfera de ação a um campo muito pequeno; de tal forma que ele não pode ver, ouvir ou comunicar-se com outros seres, exceto através deste organismo, cujas necessidades sente. O espírito nestas condições, submetido ao seu organismo, precisa cuidar de sua preservação, e sobrecarregado pelas necessidades físicas, mal lhe resta tempo para alçar seu pensamento e elevá-lo às esferas superiores; quase nem lhe resta tempo para cultivar suas faculdades. A morte o priva de todas essas necessidades físicas: em troca, faz-se sentir nele de maneira imperiosa a necessidade moral, a necessidade de amar e conhecer, que é a verdadeira vida da alma.

Será necessário, então, no sucessivo, usar termos diferentes para designar as ideias de vida e de morte; porque vemos que quem está mais morto é o homem, ou seja, o espírito encarnado, e quem tem mais vida e atividade é o espírito desencarnado.

A morte, portanto, longe de ser a cessação da vida, é aumento de vida e atividade para o espírito.

Capítulo XVI

A vida após a morte. — Os três estados do espírito: em perturbação, na erraticidade e em liberdade.

A natureza não dá saltos, é uma observação muito antiga. Tudo nela está ligado, relacionado, sem transições bruscas. Os efeitos correspondem sempre à natureza e intensidade com que atuam as causas que os produzem; e toda causa é proporcional à força com que atua e aos obstáculos que supera. Desta forma, a vida está enlaçada com a morte; isto é, a encarnação com a desencarnação, e como a primeira for, assim será a segunda; da mesma forma que o progresso alcançado neste período da vida também determina um tipo de encarnação apropriado.

A esta lei moral estão subordinadas todas as outras leis; pois, como veremos mais adiante, a lei reguladora de todas é a lei moral. Assim, o modo de o espírito estar no momento de deixar a encarnação será segundo for o modo de vida, segundo o desenvolvimento moral alcançado até aquele instante; e tal como existe enlace de uma para outra fase da vida, existe também enlace nos fenômenos físicos que acompanham um e outro período.

Nada saberíamos disto de uma maneira positiva se os próprios espíritos não nos tivessem revelado tudo isso através da comunicação mediúnicamente. Por eles sabemos que o espírito, no momento de se desprender de seu envoltório carnal, geralmente acredita que ainda está vivo com a aparência do ser que possui um organismo corpóreo. O rompimento desses laços

também não é instantâneo, pois, mesmo nas mortes repentinas, o espírito só abandona muito pouco a pouco as impressões carnis.

Não importa que o espírito não receba nenhuma impressão por meio dos sentidos. O espírito tem sempre, como elo intermediário, como força que une a alma ao corpo, o *perispírito*, e este ainda continua a receber impressões externas de forma análoga, produzindo no espírito desencarnado a ilusão de que ainda vive, que ainda atua por meio dos órgãos corporais.

É necessário que ele veja como chama e não é atendido, como sai ao nosso encontro e não é visto, como pede e não é ouvido, para se convencer de que não é mais como era, que ele é de fato considerado morto, quando se sente tão vivo como antes, e até mais, porque se antes as doenças o sobrecarregavam e o obrigavam a guardar repouso, agora não; se o peso dos anos e os achaques o faziam andar bem pausadamente, agora não.

Além disso, como nenhum espírito está isolado, pois, como dissemos, a esfera de ação de todos os seres é permeada por outros seres, que em sua sensação sentem tudo o que acontece dentro da esfera que abrangem, segue-se que todos os seus atos, como todos os seus pensamentos, são percebidos por seres superiores que o vigiam e que procuram, pouco a pouco, desiludi-lo das impressões que ainda guarda. Esses mesmos espíritos o conduzem, sem que ele o saiba, a pontos onde experimenta outras impressões, fazem-no ouvir sua voz dentro de seu próprio ser; e o espírito recém-nascido para a vida espiritual fica atônito ao ouvir pronunciar seu nome sem ver ninguém.

Pouco a pouco o pensamento vai rompendo o véu do passado, vai tomando consciência de sua posição, vai reconhecendo atos anteriores e, ao tempo em que sua consciência vai se tornando mais clara, o que acontece ao seu redor também vai se iluminando; porque, por um fenômeno de solidariedade entre o mundo psíquico e o mundo físico, quando a consciência está perturbada, também de maneira torpe e perturbada julga as impressões externas, e à medida que o pensamento reflete com mais calma, à medida que a meditação faz brotar no espírito a lembrança e a razão de tudo o que lhe tem acontecido, o mundo exterior parece ficar como que iluminado e ele percebe melhor suas impressões.

Às vezes, muito tempo passa antes de ele chegar a esse estado, que exige certa calma e serenidade. Os Espíritos nos falam dos três estados pelos

quais o espírito passa na vida interplanetária, estados que se sucedem sem transição brusca, assim como sem transição brusca dizemos que se passa do modo de sentir e agir na Terra ao modo de sentir e agir no espaço. Esses três estados são: *de perturbação, de erraticidade e de liberdade*.

Quando o espírito abandona seu envoltório, à medida que vai tomando consciência de seu estado no mundo em que habita, as lembranças de sua vida fazem-se patentes nele e os atos que praticou são revistados um por um para avaliá-los com os critérios de sua própria consciência. Esta, mais esclarecida e livre do que na encarnação, julga com mais desapaixonamento, e aqueles atos que em vida eram considerados de pouca importância e encarados com indiferença, encontrando a cada passo contínuas desculpas para realizá-los, na desencarnação são levados em conta perante a lei moral, que pesa com justiça inflexível os nossos méritos e os nossos deméritos, as nossas quedas e os nossos levantamentos. E como a pureza é muito difícil, sendo que todo espírito encarnado na terra geralmente vem em expiação ou em via de provação, e como ainda somos espíritos muito fracos, muito pouco adiantados no caminho indefinido da vida e do progresso, resulta que esses fatos que nossa consciência acusa como sendo contrários à lei moral, gravitam sobre ela e nos afligem com o remorso que produzem em nós. Geram a tristeza de tê-los praticado, seu alcance e valor são calculados e medidos com notável precisão (no qual os Espíritos superiores ajudam) para não nos fazer abrigar ilusões enganosas, e oramos e choramos pelos erros cometidos.

Enquanto durar esse período de dor, de verdadeira angústia, o espírito é incapaz de comunicar-se com os encarnados: os espíritos superiores são os encarregados de transmitir a ele as impressões que lhe possam ser favoráveis. Este período é o da perturbação, descrito admiravelmente e de formas variadas nas comunicações mediúnicas.

Quando o espírito já está mais tranquilo, umas vezes constrangido e outras com coragem de empreender sua reabilitação, já pode se comunicar com os demais espíritos e aos poucos se aproximar deles, meditando sobre a melhor forma de empreender uma reabilitação de seus anteriores desvios da lei moral. Começa então o período que chamaram de *erraticidade*, não exatamente por serem errantes no espaço, que nesse conceito não há espíritos errantes, mas porque são errantes em sua própria consciência, indo de uma ideia a outra, da apreciação de um ato

para outro, de uma tristeza para uma alegria, de um estado de desespero para outro estado de esperança, de um momento de abatimento pelo muito que ainda falta por percorrer no caminho do progresso, para outro momento de alegria por terem deixado muito para trás mundos e vidas anteriores onde a sensualidade mais brutal e grosseira sufocava toda ideia nobre e generosa do espírito; e ainda mais pela consolação que proporciona aos Espíritos o poder de nos redirmos em todo tempo e lugar diante da nossa própria consciência, que há de ser o juiz que nos sentenciará; pois que não nos perdoamos até que nós mesmos nos absolvemos, e nós mesmos, compreendendo todo o mal causado, devemos, com coragem e esperança, buscar nos redirmos dentro da esfera de nossas forças. Este é o período da *erraticidade*.

Mas a erraticidade não é se poder vagar como borboletas de um lugar para outro e de um mundo para outro mundo. Todo espírito está circunscrito a uma determinada região do espaço, além da qual não sente nem percebe nada, assim como sente perfeitamente tudo o que está dentro da esfera de sua irradiação. Os Espíritos, então, ainda materializados, estão muito longe de poder sentir em mundos onde as impressões são transmitidas com mais delicadeza e onde são necessários organismos mais tênues e um estado de consciência mais puro e mais desenvolvido do que aquele dos Espíritos recém desencarnados em mundos terrestres.

E também não devemos temer que dentro da esfera de sua irradiação eles esquadrinhem nossas ações para culpar nossos vícios e defeitos. O espírito que, por sua inferioridade, fosse capaz de nos culpar ou nos envergonhar por eles, não os vê, porque com isso ele incorreria em um demérito e isso não teria nenhum propósito, motivo pelo qual os espíritos superiores sempre recolhem e não dão passo a todas aquelas impressões carnis que poderiam perturbá-los, e somente quando podem dar aos atos o seu justo valor e quando o sentimento de caridade os acompanha, por serem já espíritos fortes na virtude, é quando sem perigo algum podem perceber essas impressões com a finalidade de nos melhorar no possível, nunca por mera curiosidade, muito menos para nos lançar ao rosto nossas falhas.

Da mesma forma, as impressões de entes queridos que aqui ficaram e que poderiam tornar seu tormento maior (por exemplo, o pai que vê o filho no mau caminho, ou na miséria e no abandono), não seria justo nem legítimo que as recebessem, porque não podem remediar esses males. Só chegam a

eles aquelas impressões e aquelas lembranças que, ao invés de afligi-los e perturbá-los, mostram-lhes o afeto e o amor dos seres que eles amam.

Além disso, seria injusto, por ser coisa egoísta, que alguém se pudesse dedicar exclusivamente ao cuidado e proteção dos espíritos prediletos quando dentro da grande família humana somos todos irmãos, e na esfera do possível a ninguém devemos mesquinhar a nossa ajuda. É preciso deixar que as leis naturais se cumpram e que outros seres carnis possam lhes fornecer, sob sua responsabilidade, o pão de que necessitam para a vida, cabendo ao cuidado do mundo espiritual intuir neles bons pensamentos, encorajá-los em seus desconsolos, para que possam suportar o fardo mais ou menos pesado que eles mesmos se comprometeram a carregar nos ombros, em justa compensação por atos anteriores, como meio necessário para desenvolver suas forças.

Este período de erraticidade termina quando o espírito compreende sem qualquer dúvida o estado de progresso a que chegou, as faltas cometidas e o melhor meio para remediá-las; quando se associa a outros seres em análogo estado de adiantamento e se dedica, junto com seu próprio aperfeiçoamento, a fazer avançar os outros, que é o que realmente vai realizar seu próprio progresso; porque, por lei moral eterna, os seres progredem tanto mais quanto mais contribuem para o progresso de seus irmãos, medindo-se sempre o estado de progresso pelo adiantamento moral atingido.

Nestas condições, quando se resigna à sua situação e não tenta ultrapassar o nível que conseguiu alcançar, dedicando todos os seus momentos ao bem dos outros, é quando entra na vida do espírito livre. Assim, pouco a pouco, ele se prepara para novos empreendimentos nos quais deve participar, sendo parceiro neles com muitos outros que também se associam para um propósito comum. Sua inteligência se aperfeiçoa ao mesmo tempo em que seu amor é depurado de toda espécie de paixões que carregam a marca do egoísmo e do interesse particular, e quando, tendo completado um trabalho, empreende outro, sente satisfação em sua consciência pelo bem realizado.

Os atos anteriormente cometidos obrigam-no a pensar na maneira de compensar os danos causados, se possível no mesmo campo onde o crime foi cometido, sofrendo tanto quanto fez sofrer, chorando tanto quanto fez chorar. Assim, com a ajuda de Espíritos superiores, ele prepara sua

encarnação, que não é mais a mesma, nem se realiza em condições análogas, como regra geral, nem dentro da mesma família, nem talvez no mesmo mundo que o anterior, mas em algum outro melhor.

Pouco a pouco, ele vai tecendo com cuidado a urdidura da organização na qual por algum tempo ficará enredado. Primeiro, estabelece um vínculo moral de simpatia com as pessoas que lhe servirão de meio, nunca de causa, para aparecer em outra nova existência onde, com a virtualidade do desenvolvimento adquirido, se apresenta para lutar, para obter mais luz, mais espaço, mais vida, mais atividade, mais desenvolvimento de sua essência infinita. Os espíritos superiores preparam a encarnação dele com muito cuidado; e essa sua missão não termina aqui: depois o protegem, o ajudam e continuam preparando os acontecimentos que produzirão as provas que ele escolheu como mais convenientes para seu progresso.

Desta forma é contínuo o fio de nossas existências, enlaçando-se todas elas, mas com organismos cada vez melhores; e à medida que o espírito vai de um mundo a outro melhor, eles são mais delicados, mais sutis, mais leves, chegando finalmente a um limite nos mundos superiores em que possuem a tenuidade do perispírito dos seres interplanetários. Assim, a vida é infinita, sempre aumentando em diafanidade, em irradiação a esfera de atividade do espírito, até chegar a um momento, lá em tempos muito distantes para nós, em que a encarnação nos mundos materiais não é necessária e onde a vida do espaço é a vida normal, o ser permeando em seu seio mundos e sistemas de mundos, compreendendo cada vez mais os desígnios do Criador e a grandeza de sua bondade infinita, que deu às suas criaturas participação em seus atributos divinos, que as dotou de uma essência eternamente perfeita e de uma vida infinitamente perfectível, de modo que por mérito próprio adquirissem valor e personalidade, não por graça ou dádiva, mas pelo próprio progresso, pelo próprio esforço, pelo estado sucessivo de adiantamento que adquirirem.

De tudo isso segue-se que a vida normal do ser não é a encarnação; que a encarnação é apenas uma fase, um estado transitório, e que a vida normal do espírito é a vida livre do espaço.

Capítulo XVII

A lei moral como lei suprema da Criação. — O bem e o mal.— O amor como expressão da lei moral.

Todos os fenômenos variadíssimos do Universo estão sujeitos a leis e em virtude delas se verificam. Essas leis ou regras às quais os fatos se conformam não são exatamente algo externo às próprias coisas que se impõem para sua execução; a lei nada mais é do que o modo especial de agir dos seres, segundo sua natureza; a norma à qual todos os fenômenos e atos respondem.

Quando parcialmente se observa, parece haver oposição entre umas leis e outras, do mesmo modo que as forças também se nos apresentam em singular combate. O que acontece é que estão subordinadas umas às outras de acordo com sua respectiva importância. E qual seria a lei suprema, da qual partem todas as outras e à qual todas estão sujeitas? A lei moral que rege e regula todas as leis do Universo. As forças físicas e intelectuais estão subordinadas a ela, e como a lei moral é a que representa a mais alta elevação, o estado de progresso alcançado irá ser graduado por ela. Os seres, então, não diferem tanto por sua inteligência quanto por sua pureza, pela retidão de sua consciência. O progresso moral é o verdadeiro progresso: o progresso intelectual é antes um antecedente da realização do progresso moral.

Essa lei moral, por ser permanente em todos os seres, ocorre em cada um deles, segundo seu adiantamento, de maneira diferente. Não obriga do mesmo modo o sábio e o ignorante, a criança e o velho, o forte e o fraco, e

ainda assim todos estão sujeitos ao seu arbítrio. É, portanto, universal e rege cada homem de acordo com sua posição, idade, sexo, etc.

A lei moral cumpre-se sempre: seu cumprimento nunca pode ser iludido, porque o bem realiza-se sempre, em maior ou menor escala. Por espaço de muitos séculos, o bem e o mal não foram entendidos senão como dois princípios opostos, chegando às vezes a se dar maior realidade ao segundo. No entanto, o mal não existe como tal: não tem qualquer realidade, seja pouca ou muita; é como o frio ou as trevas: um não-ser.

Poderíamos dizer melhor que o mal, como todas essas outras coisas, tem apenas uma existência subjetiva: reside na apreciação de quem o observa e assim o julga. Assim como as trevas não existem, a não ser para nossos sentidos incapazes de ver com luz escassa, o mal também não existe a não ser para nossa consciência, muito imperfeita, que não consegue ver como todos os atos carregam em si algum germe de progresso e, portanto, de futuros avanços.

Para entender, então, o que seja o bem e o mal, devemos prescindir completamente do critério dos sentidos e dar atenção aos dados que um sensato raciocínio possa designar.

Esse sensato raciocínio nos diz que todo fato, todo ato livremente praticado é sempre feito em vista de um fim, um fim mais ou menos nobre, mais ou menos puro, mas sempre em vista de algum bem, já para o próprio sujeito que o verifica, já para os outros seres. As faculdades postas em jogo não são más por si, mas pelo mau uso que se pode fazer delas; portanto, não há ato que em absoluto seja em si mesmo mau.

Tudo o que a fantasia conseguiu imaginar como o pior e o mais ruim, sempre contém, em virtude desse princípio anterior, algum bem. Mesmo o ser mais ignominioso que se possa conceber, o diabo, também terá propriedades boas; pelo menos uma grande inteligência, que não é para se desprezar. Portanto, o mal como puro mal é um mito, é o não-ser, que não pode ser sequer concebido.

Há uma grande diferença entre este princípio da doutrina espírita e aquele sustentado pelas seitas religiosas e filosóficas. A maioria delas, embora não tenham conseguido conciliar a infinita bondade de Deus com o consentimento dele ao mal no mundo, têm admitido a realidade do mal como condição de todos os seres finitos, e também como necessário para haver livre-arbítrio.

Na realidade, é impossível negar a existência do mal admitindo-se somente uma única existência para o espírito; mas no mesmo caso estamos em relação a muitas outras coisas que aparentemente têm realidade e são apenas meras aparências que nós apreciamos como realidades.

Já vimos que todo ser, por natureza, é perfeito e puro em essência; portanto, nenhum ato o torna impuro, e todos os atos são representações do estado de progresso de cada um; de modo que o que dizemos imperfeito em um ser é somente considerado como tal por outro ser que se sente em esferas superiores, ou por ele mesmo quando se sente em esfera superior à anterior. Existem apenas atos diversos em relação à variedade de estados de adiantamento; mas o espírito em si é sempre um germe que se desenvolve continuamente, cujos estados são variáveis e que só respondem à virtualidade adquirida no momento presente de sua verificação.

Caso contrário, se o mal tivesse realidade, ele seria o oposto do bem, nunca um menos bem; da mesma forma que se o frio e a escuridão tivessem realidade, precisariam ser qualidades opostas ao positivo e o real, isto é, o calor e a luz. Mas nesses termos negativos existe apenas uma questão de apreciação, seja por causa da imperfeição dos sentidos, seja por causa da imperfeição de nossa inteligência que não consegue entender que todos os atos são transcendentais para o bem.

Mas é claro que se o mal não tem realidade, muito menos os seres destinados perpetuamente a praticá-lo. Os mitos dos demônios de todas as religiões, como entidades dedicadas a fazer o mal, ao mesmo tempo que se comprazem em fazê-lo, são absurdos. Toda criatura tende sempre para o bem, e por mais que durem os estados de vida inferiores, sempre irá ascendendo e mais cedo ou mais tarde sente a necessidade de se conformar à lei divina que exige a realização do bem para progredir corretamente.

Mas não se creia que negando a realidade do mal vamos julgar todos os atos como igualmente bons e, portanto, nada repreensíveis, já que nenhum é ruim. Não: todo ato tem sua sanção de acordo com a intenção que o produziu e o efeito alcançado, e os atos que nossa consciência julga como maus é porque não estão de acordo com o que deveríamos fazer, sendo necessária a expiação e a compensação para nos reabilitarmos por tê-los executado. E não apenas os atos que transcendem ao exterior: todos os pensamentos, como estados de nossa inteligência, acusam maior ou menor

perfeição, e por todos eles devemos responder perante o tribunal de nossa própria consciência, que não nos absolverá senão em justiça.

A sanção dos atos não ocorre a prazo mais ou menos longo. Não é depois desta vida, como as religiões supõem, falando de um julgamento superior irrevogável. Todo ato produz seu efeito imediatamente, e o ser também sofre instantaneamente suas consequências: à sua execução segue a sanção. Aquele que age mal encontra-se rebaixado e já desmerecido desde o momento em que agiu. Não há, portanto, acumulação de atos e depois um julgamento que englobe todos eles; embora o espírito, ao desencarnar, possa recapacitar sobre uma vida inteira, assim como sobre outras anteriores, a sanção do ato ou sua consequência seguiu-se à sua execução.

Vemos, então, que a lei superior à qual todos os atos estão subordinados e que rege todas as outras leis, é a lei moral suprema. Contudo; esta lei moral tem apenas uma manifestação: *o amor*; portanto, o amor é a lei superior que rege e subordina a si todas as outras leis da Criação.

Difícil é, à primeira vista, nos convenceremos de que o amor puro e desinteressado é a lei moral suprema. Acostumados a julgar pelas impressões dos sentidos, vertemos nossas ideias nos moldes estreitos do mundo sensível e não damos a nossos pensamentos outro escopo além do círculo limitado de nossas sensações. É preciso que a cada momento a razão se encarregue de retificar os dados de nossa percepção para validar os julgamentos e bater com a verdadeira causa dos fenômenos.

Assim, durante séculos a Terra foi considerada como sendo imóvel no espaço, sem outra razão que a de não sentir seu movimento; e, ao contrário, acreditava-se que todos os astros giravam em torno desse átomo estelar, também sem mais fundamento do que os dados que nossa visão nos oferece. Da mesma forma, acreditou-se que um corpo quando queimado desaparecia, e foi necessário, para sair do erro, que a química reconstruísse novamente os elementos que entravam na combustão, e por meio da balança demonstrar que não houve perda alguma da matéria que constituía o corpo comburentes.

Da mesma forma, atentando ao dado sensível: como admitir que o amor deva reinar como soberano, quando há tanto egoísmo, tanta ambição, crime e infortúnio por toda parte? Seria o amor o que leva o assassino a atacar sua vítima; o que move o ladrão para fazer o roubo; o que arma o braço do guerreiro para ceifar milhares de vidas em flor? Pelo contrário, o

mal-estar das sociedades, as revoluções que se sucedem, as crises econômicas, as doenças de toda a espécie, os crimes hediondos que aterrorizam e, como se não bastassem os males e as penas individuais, as terríveis epidemias e as não menos terríveis guerras, que levam destruição e miséria a extensos territórios; tudo, ao que parece, indica que não é o amor que é soberano, mas o egoísmo e a barbárie que triunfam neste singular combate da vida.

É verdade, grande verdade, que a vida de hoje está cheia de dor, perda, sofrimento, e que neste mundo há mais males, em geral, do que coisas boas; mas esses fatos não invalidam, muito menos contradizem, essa lei infinita do amor que rege todas as outras. Somente a doutrina espírita foi capaz de explicar isso.

Vamos fazer um esclarecimento; se dirigirmos nossa vista sobre a superfície do globo, notamos uma infinidade de desigualdades; montanhas que se elevam acima do nível comum, vales e depressões que descem consideravelmente sob o nível das montanhas mais altas; por um lado o Himalaia com seus altos cumes, por outro o Saara com suas imensas planícies; e muito mais notamos essas sinuosidades que a Terra nos apresenta se em vez de nos contentarmos com olhar para elas as percorremos com nossos pés. Como negar essas diferenças de nível se a cada momento estamos cansados e precisamos recuperar o fôlego para subir qualquer pequena ladeira? Tudo isso é verdade; mas não é menos verdade que todos os nossos julgamentos são por comparação, e que se comparando a montanha com a planície parece-nos grande, comparando a montanha com a crosta terrestre nos parece pequena. O que são todas as desigualdades da Terra em proporção à totalidade da massa planetária? Se representarmos a Terra por uma laranja, a crosta sólida inteira será representada pela espessura de um papel de cigarro. O que representarão as desigualdades que o papel pode ter? Bem, é assim que as sinuosidades da Terra são, se comparadas com ela.

Contudo; se admitirmos a vida infinita e eternamente progressiva no ser, que valor pode ter uma encarnação ou vida planetária? O valor de um segundo de tempo é muito para o que a vida atual representa. Deste modo, as doenças, as injustiças e todos os males que nos afligem são como subdivisões nesse inestimável segundo de tempo.

Isso quanto ao valor que os atos de nossa existência planetária possuem, relacionando-os com a vida eterna do ser. Mas, sem precisar ir tão alto, temos que, como todos os atos são meios de progresso, já que para quem faz o mal servem de incentivo para refazer sua obra, e para quem faz o bem servem de estímulo na empresa começada, resulta que nada é inútil; que, sem coibir a liberdade dos seres, todos os atos acabam afinal por redundar em seu benefício; assim, da dúvida nasce o estudo; do desengano a experiência; da dor a valorização da saúde; das injustiças sociais, a necessidade de nos amarmos; da guerra, o anseio pelo bem-estar da paz; das necessidades físicas, a precisão de trabalhar para superá-las; e em último resultado, de tudo o que dizemos que é ruim, a necessidade de aumentar e aperfeiçoar nossa atividade. E como todos os seres tendem a uma atividade maior, a um progresso incessante, resulta que os atos, todos eles, se totalizam, que nada se perde, que tudo é útil, assim como no mundo material nada se anula; tudo, em meio às mudanças, permanece.

Mas, à medida que todos os seres progridem, eles devem fazê-lo precisamente através da identificação com seus semelhantes, pelo amor e o bem: quando assim agem, entram plenamente na lei, e todos os atos que fora desse motivo se produzirem são como preparação, como ensaios de sua atividade; e todas as prevaricações, como paradas em sua marcha, mas nunca retrocessos no caminho avançado. Daí vemos que os atos, cuja motivação é o amor puro e sem mácula aos nossos semelhantes, aumentam o progresso; e os atos cuja motivação é o egoísmo e a ambição, servem depois, na vida infinita do ser, para que ele dedique sua atividade e suas forças, sua inteligência e sua vida, a fazer o bem em troca do mal que fez; e, portanto, na vida eterna do ser, todos os atos são determinantes de outros, e todos eles são totalizados e somados para realizar o progresso; e vemos também como o ser que julgamos ser mau porque é mais atrasado, progredindo redime-se e se torna bom; no final o amor triunfa e sua lei se impõe a todos as outras e impera como soberana.

A Criação obedece a um ato de amor infinito e todos os seres são como uma faísca. Aumentando sua intensidade, essa faísca torna-se luz e depois sol que vivifica inúmeros seres que estão mais atrasados na escala do progresso. Deste modo, o ser criado chega a ser providência relativa de seus irmãos, colocando todas as suas faculdades a serviço da lei moral, que é a lei suprema do universo.

Capítulo XVIII

Considerações sobre o fim e destino dos seres

Se consultarmos o dogma de qualquer religião positiva, dentre as infinitas que existem e já existiram sobre a face da Terra, veremos que o destino dos seres é de dois tipos.

Há alguns, privilegiados por um favor especial ou por graça concedida que, por terem nascido em país onde se professa a religião que se acredita ser a única verdadeira, gozarão, imediatamente ou depois de um período mais ou menos longo, de uma felicidade infinita, superior a todas as terrenas tal como humanamente foi possível conceber a maior felicidade.

Este conceito de felicidade futura ou bem-aventurança é diferente dependendo do clima, gostos e cultura de cada país. Para aqueles que vivem em ódio contínuo, a maior felicidade consiste em chegar a um ponto onde a vingança possa ser satisfeita a cada momento, e onde o maior prazer seja o de brigar. Para quem vive em países tórridos, a felicidade é ir para lugares onde há belas fontes e jardins encantadores; e se a sensualidade os consome, lá eles têm belas mulheres, de rosto e feições provocantes para saciar sua luxúria. Se são de países frios, a felicidade suprema consiste em ir para lugares quentes e, ao contrário, em ir para lugares frescos quando se têm habitado em países tropicais. Por último, se a religião tem alguma nuance espiritualista, então os prazeres variam e são menos materiais, consistindo no prazer de ouvir música deliciosa acompanhada de doces cantos, de ver a face do Ser Supremo resplandecente de luz maravilhosa e contemplar belezas superiores àquelas da Terra.

Enquanto certos seres têm todas essas ou parecidas venturas, outros, os ímpios ou os hereges de cada religião, aqueles que transgrediram a lei moral e principalmente o dogma, estão condenados a sofrer torturas sem

fim, também em lugares especiais, onde há seres cujo maior prazer consiste em atormentá-los.

Também de acordo com os gostos, clima e cultura de cada país, os tormentos têm variado. Ali onde o valor pessoal é estimado acima de tudo, os covardes são os que merecem a condenação eterna e vão para lugares onde a fome, o frio e a sede os consomem. Outras vezes são vermes que roem seus corpos, águas abrasadoras que os queimam sem consumi-los para aumentar seu tormento, ganchos que destroem seus membros; em suma, quaisquer torturas conhecidas aqui, são multiplicadas na outra vida. Não há mais termos do que estes: salvação ou condenação; portanto, os purgatórios de todos os tipos são lugares transitórios de onde finalmente se sai. Ou a felicidade suprema ou a suprema tortura; felicidade sensual e tortura arquitetada principalmente para satisfazer o ódio ou a sensualidade mais embrutecedora.

Segundo o Espiritismo, o destino e meta dos seres é ir realizando sua essência, desenvolvendo suas faculdades, tendo como meio a prática do bem por amor a nossos semelhantes. Este é o fim: o bem; e este é o meio: o amor. Amando realiza-se o bem e todos os seres tendem a se amar, tendem a se identificar, a fazer suas as tristezas e alegrias dos outros para se ajudarem uns aos outros, para se fortalecerem em suas adversidades, para se consolarem em suas tristezas. Todos os seres são irmãos porque provêm da mesma origem; não de um suposto Adão, mas da mesma Causa criadora, que é Deus; todos têm faculdades iguais, todos, os mesmos meios de desenvolvimento, e as diferenças que existem entre eles são pequenas, tendo igualdade de natureza; e pelo adiantamento sucessivo, pelo aperfeiçoamento contínuo, eles vão entre si se aproximando de Deus, que é a bondade Suprema que estende sua mão protetora a todos, e todos, por sua vez, devem imitá-lo, tentando ser, na esfera de sua possibilidade, providência de outros seres para ajudá-los a conquistar o lauro a que cada um aspira.

Não há destino final, porque nenhum destino é eterno. A vida é infinita, e a cada etapa alcançada segue uma nova, a cada empresa realizada segue outra empresa iniciada. Como o progresso é indefinido e a vida é eterna, seu destino vai sendo cumprido eternamente sem nunca chegar a se esgotar.

Tal é o destino e o fim de todos os seres na Criação. Do que se deduz também que sendo o espírito o ser inteligente da criação, todo ser inteligente é perfectível, seja o animal ou o homem. E se isso vem abater nosso orgulho, já devemos tê-lo curado a partir do momento em que vimos que este mundo é muito insignificante apesar de nossas pretensões, e que a vida também é muito mesquinha, embora as religiões positivas façam depender dela nada menos do que o destino final de além-túmulo, por tempo ilimitado.

Se tudo prospera, tudo melhora, tudo avança e tudo progride na Criação, não é concebível que o animal, que tem inteligência, deva desaparecer, deva ser reduzido ao nada, sendo que o nada não existe, e a aniquilação daquilo que já é também não é possível.

Os seres, então, são eternos, independentemente das formas orgânicas que revestem temporariamente, e seu progresso não depende de uma ou outra forma, antes ao contrário, segundo o estado de progresso alcançado, eles precisam e tomam uma ou outra forma orgânica.

Nesse senso, a doutrina espírita pode-se dizer que explica o darwinismo até certo ponto em sentido contrário. Longe de submeter o progresso do ser às condições dos diferentes organismos, subordina o progresso dos organismos ao funcionamento adquirido nas faculdades do ser que as vai desenvolvendo. O ser, então, embora se adapte aos organismos, é superior a eles, pois independe de qualquer forma corpórea e existe antes e depois de suas encarnações.

Capítulo XIX

A causa absoluta

Todos os povos em suas diferentes crenças sempre reconheceram um além melhor, algo superior a eles que poderia influenciar seus destinos, ao qual deviam suas vidas e do qual podiam temer males quando não obedeciam seus mandatos. Daí o temor aos fenômenos naturais que cortavam o fio da nossa existência: o rio transbordante, o terremoto, o vulcão, o vento do furacão, o mar tempestuoso, eram objeto de adoração pelo pavor que infundiam neles. Em contraste, o campo com seus belos prados, o sol com seu resplendor ardente e a lua com sua luz plácida, as árvores e os animais que lhes produziam benefícios eram objeto de adoração em forma de agradecimento: daí os dois deuses, do bem e do mal, em correspondência com os fenômenos ou seres que produziam coisas boas ou más para eles.

Era natural que, deificando fenômenos e coisas naturais, as pessoas também fossem deificadas; e os reis e imperadores, considerados naturalmente superiores aos demais mortais, eram representações da mesma Divindade, como encarnações da entidade que transcendia a esfera comum dos humanos. Aos poucos, à medida que a cultura ia aumentando, o conceito, ora naturalista, ora antropomórfico, de Divindade, foi sendo depurado também.

Os homens rudes e grosseiros imaginariam um Deus, dotado das mesmas paixões e da mesma ferocidade; mas quando a razão gradualmente vai se sobrepondo aos sentidos e compreende as coisas em sua verdadeira natureza, não como parecem à primeira vista, o conceito de Deus vai se elevando, e também o conceito do mundo, do homem e do dever; do mesmo modo que os sentimentos iam sendo depurados e enobrecidos, removendo muito do particular, egoísta e mesquinho que havia neles.

Do que foi dito pode-se inferir que, como a ideia de Deus foi engrandecendo-se cada vez mais, ao mesmo tempo em que nosso espírito

ia se depurando, os princípios que nossa razão aceita deverão também ir ficando mais esclarecidos e aperfeiçoados, sem jamais atingirem um caráter absoluto; pois a criatura estará sempre a uma distância infinita da Divindade.

Para começar, a ideia de um deus cruel e vingativo que castiga os filhos pelas faltas dos pais até a quarta e quinta geração, parece-nos hoje absurda e contrária à ideia do Deus que deve ser o protótipo da bondade e da misericórdia. Aquele Deus vulgar, que tem um povo preferido, a quem envia dons que a outros nega, que realiza milagres prodigiosos a cada momento para mantê-lo em sua obediência, embora raramente o consiga, que às vezes se arrepende do que fez e muda de parecer como qualquer mortal, é um Deus muito pequeno que não cabe mais em nossa forma de conceber hoje a Divindade.

Aristóteles, pelo movimento de todas as coisas, chegava à existência de um motor imóvel, segundo o qual Deus seria o primeiro motor imóvel do Universo. Outros pensadores, reconhecendo o mundo como efeito, consideravam Deus como a Causa Primeira de tudo aquilo que é, e descartando panteísmos espiritualistas e materialistas que confundem o mundo com o Ser de Deus, outros filósofos e reformadores religiosos admitiram uma espécie de dualidade entre o mundo e seu autor: Deus neste caso é o Criador do mundo e o mundo foi tirado do nada por Deus.

Mas esses conceitos são muito parciais e insuficientes para nos dar uma ideia correta do Ser Supremo. A existência de Deus como motor não explica os atributos do Ser Supremo e o modo como ele atua no Universo; da mesma forma, a existência de Deus como causa também não explica até que ponto o efeito tem as propriedades da causa da qual deriva e quais são essas propriedades. Por último, o dualismo não explica e não pode explicar como Deus se comunica e influi no mundo.

Temos de admitir, porque assim se impõe à nossa razão, que não há nem pode haver separação entre a causa e o efeito, que são simultâneos; pois efetivamente não pode haver um Criador que não crie, e ele é Criador desde o momento em que cria, não antes; e como não se pode supor em Deus um período de espera ou um período de inatividade, no qual, tendo a faculdade de criar, não a exercesse, sendo Deus ato puro ou atividade pura, verifica-se que a Criação é coetânea com Deus, essa Criação é eterna como Ele.

Ora, é impossível que algo resulte do nada, pois implica contradição o fato de Deus tirar algo do que não existe. Deus, neste sentido, não cria, forma ou produz de si mesmo. Também não podemos dizer que se exteriorize no sentido de que o efeito está fora dele: Deus está em sua obra como imanente que é em tudo que dele procede.

As criaturas são efeito ou obra sua, mas participam dos atributos, das propriedades de sua essência; portanto, contêm um germe de vida e de atividade infinita, com qualidades que eternamente devem desenvolver. Deus também não poderia dar um infinito real, mas sim latente, de faculdades, porque então ele se anularia a si mesmo e seria Deus se dissolvendo na Criação.

Nem é possível admitir que a Criação seja um ato de força ou uma necessidade do Criador. O Criador não cria (admitindo esta palavra no sentido que dissemos) por força, nem para se glorificar a si mesmo: o Criador cria por amor; e em virtude de um gesto de amor a Criação existe *ab aeterno*, e em virtude de uma força infinita de amor, a Criação é, a Criação continua e a Criação será, porque o milagre da Criação repete-se todos os dias. Deus não parou de criar: Deus cria, ou melhor, produz ou forma seres e mundos que, em virtude de leis eternas, se desenvolvem na infinidade do tempo e do espaço.

Que diferença, entre essa ideia do Criador, como a concebemos hoje, e a ideia de um Deus pessoal que cria seres predestinados, que destina a um lugar de bem-aventurança eterna e deixa os outros em uma mansão, onde vivem para todo o sempre continuamente atormentados! Isto no que diz respeito à Justiça e Bondade de Deus.

Quanto à Providência, segundo o conceito usual, Deus é Providência, porque *às vezes* intervém no mundo, principalmente nas grandes ocasiões, quando as nações estão em perigo, e o verifica com intermitência, quando considera que precisam, fazendo grandes prodígios, como punir com doenças cruéis aqueles que transgrediram, vendo assim o castigo de Deus nos flagelos e calamidades humanas.

Porém, segundo a doutrina espírita, Deus é eternamente Providência, porque eternamente cria ou produz e eternamente faz com que as coisas sejam modificadas e transformadas para serem o que ainda não foram e realizar em um número infinito de formas e existências toda a perfeição essencial que em si contêm, que, sendo infinita, precisam para realizá-la

toda a infinidade de formas, estados e fases de que são suscetíveis. Portanto, não é possível que esta Providência se esgote jamais, que seria tanto como esgotar aquela torrente infinita de amor divino que nos atrai para as esferas superiores, que nos anima e nos fortalece, e que faz com que nossas ações tenham apenas transcendência para o bem.

Comunicação do espírito de Luís (*)

(*)Obtida no Círculo *Diodoro-Luis*, de Madri.

QUERIDOS IRMÃOS

As almas que voluntariamente se provam para a justa compensação de suas faltas, são degredadas para mundos inferiores àqueles de onde provêm, e sofrem, além da saudade da pátria que abandonaram, o peso das correntes materiais, que temporariamente as prendem e aprisionam em um corpo que os submete aos mais cruéis sofrimentos. Em tal situação, quase não sobra tempo para o espírito lidar com o aperfeiçoamento intelectual, necessário para se conhecer e trabalhar no seu aprimoramento.

Há momentos, porém, em que o espírito recebe impressões dolorosas ou agradáveis, e então, o sentimento acumulado durante outras existências, e também pelas impressões recebidas na dolorosa vida que a terra facilita, expande-se e transborda até inundar completamente a alma toda e adormecer o corpo com os eflúvios que fluem do coração. É então quando as lembranças e reminiscências se fazem sentir e chegam até ele inspirações desconhecidas que o atraem para esferas mais altas, onde presente que existe a realidade da vida que irá satisfazer seus desejos e aspirações.

Esses sentimentos naturais, que poucos homens podem experimentar exceto em momentos muito determinados, em outros constituem sua existência normal; e sob o prisma das vagas lembranças e de fervilhantes ilusões, todos os seus atos se manifestam e sua inteligência se deleita. À força de sentir, de pensar e de sonhar, exteriorizam o sentimento que frequentemente os domina, e sob múltiplas formas representam as ideias sentidas ou sonhadas, unindo ao presente o infinito do passado e o eterno futuro.

Esses homens são chamados de artistas e têm entre vocês um valor relativo ao entretenimento que produzem no espírito, ao efeito recreativo que produzem nos sentidos, e ao sentimento, que nos espíritos rudes e refratários às sensações puras, despertam as mágicas notas, cantadas ou choradas pelo artista.

Poucos são os que conseguem penetrar com o sentimento e iluminar com a razão: essas são obras que ultrapassam o conhecimento comum e exprimem uma beleza superior à que os ignorantes podem sentir e conhecer. No entanto, todo artista que com o pensamento cria e com o sentimento embeleza, sabe que as torrentes de sua inteligência ou de seu entusiasmo não se perdem: ele as abandona à posteridade para que perenemente mereçam e refresquem as inteligências superiores que vêm à carne para sofrer, adormecendo um passado de mais puras alegrias.

E o que seria desses espíritos, submersos nas dores materiais e combatidos pelas paixões do corpo e os erros sociais, se não existissem esses monumentos que divinizam a humanidade e atestam sua procedência, indicando os caminhos pelos quais ela irá avançar rumo à perfeição infinita! Por isso tem-se reconhecido nas obras de arte, não só a síntese dos conhecimentos e a expressão máxima da beleza real que os homens podem sentir, mas também a voz dos séculos que canta para as humanidades a história de suas dores e de suas vitórias...

Para vocês, a arte é também, como expressão suprema do sentimento e síntese da perfeição na Terra, a manifestação mais sublime do espírito, através da qual ele pode se elevar e pairar no espaço e sentir mais doces harmonias, sóis mais brilhantes e luzes de mais variadas nuances. Ali, sobrepondo-se aos atrativos da matéria, sente espiritualmente a inspiração de espíritos queridos que antes se conheceram e se amaram.

Digo-vos que o sentimento artístico, revelando perfeição moral, é a forma representativa do progresso e o estado em que o espírito pode se comunicar mais facilmente com os espíritos desencarnados. Por isso sempre se acreditou que o artista recebe inspiração de seres superiores. Antigamente era dada forma de beldades aéreas à representação mítica das ninfas, que respectivamente presidiam as festas em honra das artes e inspiravam aos homens os mais sublimes pensamentos; agora essas crenças são desprezadas, e sem imagens e sem crentes há, no entanto, poetas inspirados, músicos admiráveis e pintores notáveis. É que não são

as crenças que formam o sentimento artístico; é o trabalho que, ao esculpir nosso progresso, nos depura, nos purifica e aperfeiçoa, e o estado de perfeição relativa nos dá a medida do sentimento.

Há muitos espíritos que são grandes artistas porque sentem, e esse sentimento que se condensa e evapora no coração, sem dar forma e representação ao pensamento que gera, atinge outras regiões, transcende a outros espíritos que podem sentir e apreciar essas formas íntimas do sentimento; e eles se encarregam mais tarde de revelar aos homens o resultado desses trabalhos que pareciam ocultos. Que nos importa a forma, o lugar e o tempo em que nossas ações tenham ressonância e produzam efeito! Por acaso essas correntes ocultas, que relacionam universalmente todas as inteligências, não produzem mais atividade, mais harmonia e mais beleza do que os atos que se revelam aos sentidos corporais?

Das formas como os pensamentos se transmitem e os atos se refletem estamos nos ocupando atualmente, e acredito não termos perdido o tempo aproveitando a ocasião propícia desta sua agradável reunião para nos unirmos a vocês sob esta bela forma do sentimento, que finalmente será aquela que irá nos identificar por toda uma eternidade.

É a manifestação do sentimento, a aspiração que o anima e alenta, a mais fácil, a mais bela e a mais apreciada forma de comunicação entre o mundo carnal e as vidas extra-carnais. Este estudo que nos ocupa irá nos fornecer explicação simples e natural para uma infinidade de fenômenos de comunicação que os anais da história registram e muitos outros que irão ocorrer no presente e no futuro.

Mas não pensem que a comunicação mais delicada e intensa se produz através da relação imediata dos espíritos: esta forma de comunicar é tosca, limitada e confusa. Como que os homens da Terra, após tantos séculos, ainda não aprenderam a se comunicar entre si de forma direta, clara e precisa! E se de alguma forma a comunicação entre eles chega a comover e a se dilatar com certa intensidade e amplitude, é por causa da arte que frequentemente une as ideias e os sentimentos para um objetivo nobre e elevado.

Daqui, observando tranquilamente, e com a delicadeza que nossos meios de sensação nos permitem, sentimos constantemente o murmúrio confuso de notas rudes e discordantes que os homens exalam em meio ao tumulto, de ideias, afetos e interesses, que os move e inquieta. Todos esses rumores

se perdem nas camadas da atmosfera, produzindo nas primeiras sons confusos e discordantes, e nas últimas, o último movimento da onda que se amortece.

De vez em quando, rasgam os espaços e se perdem nas atmosferas de outros mundos, aflições da alma e sorrisos do coração que comovem as mais tênues ondas do éter, advertindo os habitantes do espaço que dois suspiros se cruzam de mundo a mundo para se sentirem e se comunicarem, confundindo neste beijo interastral de duas almas um mesmo pensamento, talvez um mesmo desejo e sempre um amor puro que em todos os lugares e de todos os pontos aproxima os seres e transmite as mais delicadas sensações.

Do mesmo modo que na noite escura as estrelas do firmamento reverberam seus raios nos átomos líquidos que giram suspensos na atmosfera terrestre; do mesmo modo que vocês contemplam esses fingidos resplendores, e sentem mais facilmente a inspiração que esses raios transmitem; do mesmo modo também chegam a nós os reflexos das almas puras, que nos momentos de expansão que a carne lhes permite, dilatando-se, reverberam os átomos espirituais que preenchem os espaços, trazendo seus sentimentos e levando o aroma de seu amor que em forma de inspiração, comove e domina os seus sentidos.

Adeus.

APÊNDICE

Discurso pronunciado por Manuel Sanz Benito no Primeiro Congresso Espírita Internacional de Barcelona. - Sessão de 10 de setembro de 1888

O Sr. Presidente. O Dr. Sanz Benito tem a palavra.

O Sr. Sanz Benito. Senhoras e senhores: Caros irmãos e amigos: Lamento de coração que minha pobre inteligência e minha humilde palavra sejam as encarregadas de desenvolver neste Congresso (onde vozes tão autorizadas e eloquentes já ressoaram), um tema muito superior às minhas forças: demonstrar que a doutrina espírita não é apenas religiosa e moral, mas altamente científica; que fornece soluções para uma infinidade de problemas apresentados e até hoje não resolvidos, e que, racional em seus princípios e evidente em seus resultados, aspira a lançar as bases da Ciência universal.

Assim como a luz desvia-se de sua direção original ao passar por um cristal devido à refração de seus raios, as ideias desviam-se de sua pureza original quando interpretadas por inteligências toscas como a minha. No entanto, assim como através do cristal podemos contemplar o panorama que à nossa visão se oferece, eu gostaria também, apesar da refração que a

doutrina espírita tem de sofrer por minha causa, que vocês possam contemplar a grandiosidade dessa mesma doutrina.

Ah, senhores! No momento em que a mente repara no progresso das ideias através dos tempos, quão admirada fica vendo que aquilo que um dia foi considerado grande seja posteriormente considerado pequeno, e que o que antes era desprezado porque se acreditava insignificante, seja agrandado em valor a ponto de não poder ser reconhecido depois! Esta Terra em que vamos embarcados, considerada por muitos séculos como imóvel no espaço, à qual os luminares do firmamento serviram de cortejo, e que era a sede do *rei da criação*, hoje em dia é com razão apreciada, em virtude das descobertas astronômicas, como uma gota de água perdida na imensidão dos mares, como um grão de areia que o *simoun* ergue no deserto, menos ainda, como um átomo no infinito; e daquela categoria a que o erro geocêntrico a elevava, desceu à categoria de simples planeta, necessitado de luz e calor, do movimento e da vida de outros astros. Do mesmo modo, a doutrina espírita, que até há pouco tempo era julgada como passatempo de ociosos ou como preocupação de ignorantes, torna-se hoje o novo astro que irá iluminar o campo da pesquisa científica para conhecer um mundo sempre sonhado, mas nunca entrevisto, e que hoje mostra-se a nós radiante de esplendor e beleza; e dali, de onde se considerava que nada era possível extrair a não ser o movimento de alguns móveis, surgiu uma doutrina que busca estabelecer as bases da Ciência universal, baseada em princípios evidentes e derivados de fatos simples, como simples eram os fatos que levaram à descoberta da gravitação universal.

Impossível nos guiarmos nas investigações científicas pelos meros dados do sentido material, pois seu alcance é muito limitado e a interpretação é errônea se a razão não nos adverte com frequência de sua falácia. Esses astros de longa cabeleira, cometas errantes que à primeira vista nos surpreendem, terror um dia das almas simples, fatídicos agoureiros de incontáveis calamidades, são diante de nossa razão mundos em formação, que, em vez de produzir males, parecem destinados pela Providência a ir repondo hidrogênio e carbono em outros mundos gastos em sua atividade vital. Assim também no fenômeno da morte, onde o olho não percebe nada mais do que o cadáver de um ser que jaz inanimado e rígido, cujas forças foram aniquiladas com o último batimento do coração e o derradeiro

estertor da agonia; lá onde tudo, ao que parece, nos infunde a ideia da morte como a perda da vida, como a cessação da existência, tendo de se dizer o último adeus ao ser que tanto se amou, a razão veio nos demonstrar que essa morte não existe, que o ser não interrompe sua vida nem por um segundo e nada mais faz do que entrar em uma nova fase de vida e transformação, em uma nova etapa de seu progresso. Longe de suas forças ficarem esgotadas e suas faculdades destruídas, nele se apresentarão maiores, agindo com mais energia em outro estado, onde as relações entre o ser e os seres, de sua individualidade com a Criação, acontecem de outra maneira mais fácil e melhor. (*Muito bem. Aplausos.*)

Mas eu estava dizendo, senhoras e senhores, que a doutrina espírita afirma e apresenta a solução de alguns problemas importantes no campo da pesquisa científica, mostrando assim que não pretende ser outra religião positiva, com novos dogmas, novos ritos e cerimônias, e com um plantel de sacerdotes que prosperam à custa de outros, sob pretexto de abrir as portas de um céu extranatural, ou com ameaça de precipitá-los no fogo eterno se não obedecerem aos seus mandatos; a doutrina espírita vem adicionar seu grão de areia à grande obra do labor humano que, pelo esforço de sucessivas gerações, tem ido aos poucos expandindo seus limites.

Um desses problemas importantes, pois dele depende a solução de muitas outras questões, é o referente ao *conceito de força e matéria*. São duas coisas diferentes ou uma só? A força depende da matéria ou é apenas uma propriedade da matéria?

A doutrina espírita mostra que não existe tal dualidade de elementos, nem distinção essencial entre força e matéria; que todas as forças, por mais sutis e etéreas que suponhamos que sejam, sempre se manifestam a nós como materiais e, portanto, essa força nada mais é do que um estado da mesma matéria em um grau mais alto de atividade atuando sobre estados inferiores; e o que nós chamamos de matéria é outro *estado* em um grau maior de passividade, tendo por conseguinte uma simples relação de causa a efeito, mas sem jamais se darem como elementos distintos ou separados. As forças mais sutis e incoercíveis são sempre as mais poderosas, as mais influentes, as que, compenetrando as outras, produzem os resultados mais importantes, existindo uma série indefinida de estados materiais, desde o mais concreto da matéria sólida, apreciável aos nossos

sentidos, ao mais etéreo e dinâmico, que move e anima muitos outros estados inferiores, mas que escapa à nossa lerda percepção sensitiva. Portanto, não é mais a unidade das forças e a unidade da matéria o que nós afirmamos, mas a unidade dos elementos cósmicos na Criação. (*O público segue com muita atenção os argumentos do orador.*)

Desse modo, o próprio espírito não é um ser abstrato, vago, sem forma determinada, quando considerado fora do organismo carnal, mas é sempre um ser limitado e circunscrito pela matéria, da qual é sua força animadora; e a matéria é o meio, o veículo que lhe serve para realizar seus atos e verificar suas operações, sempre agindo na matéria e pela matéria.

Então, se a força, sem deixar de ser matéria, atua como elemento motor da matéria mais condensada, a força é um estado particular da matéria em atividade; se supomos um volume qualquer de matéria agindo expansivamente e sem existir qualquer força para o contrariar, por pequeno que ele fosse chegaria a preencher um espaço infinito; e pelo contrário, se apenas a força centrípeta atuasse, por maior que fosse esse volume, ele se reduziria ao ponto matemático; e o espaço, o tempo e a eternidade, tudo estaria compreendido nesse ponto matemático: porque espaço, tempo e eternidade não têm realidade em si mesmos; são relações do infinito com o finito que nós estabelecemos.

Outro ponto muito importante, impossível de resolver até hoje, é o relativo à *união do espírito e do corpo*. Considerados como dois elementos de natureza diferente, e para alguns, como Descartes, de natureza incompatível, o homem era conceituado como o resultado da união de duas entidades opostas, a combinação bilateral de dois elementos diferentes, o espírito e o corpo, sendo aceita sem discussão a definição aristotélica do homem como animal racional. Para o Espiritismo o homem não é a união ou composição de dois elementos diversos, o homem é simplesmente *um espírito encarnado, o espírito racional em funções orgânicas correspondentes ao seu estado*, sendo o corpo um meio temporário de relação entre nosso ser e o mundo externo, que serve para transmitir ao espírito as impressões que recebe do exterior, e para devolvê-las modificadas pela atividade psíquica, agindo e reagindo externamente com seu auxílio.

Isso explica a diversidade de inclinações, a amplitude no desenvolvimento das faculdades e a diferente intensidade na atividade que os seres demonstram desde a infância, pois os pais não são, como se

costuma dizer, aqueles que dão o ser, não são a causa geradora e sim os *meios geradores* para que nosso ser se manifeste em uma fase determinada da existência, que chamamos de encarnação, pois nosso ser preexiste ao organismo, sendo sempre uno, íntegro e total, individual e indivisível, portanto anterior à natureza carnal.

Como os filósofos e os santos Padres que desta questão se têm ocupado, tomavam a existência do espírito a partir da fecundação e alguns deles até de momentos posteriores, não podiam explicar racionalmente esta diversidade de aptidões e tendências que os seres apresentam entre si. Nem essas diferenças poderiam ser explicadas pela influência germinal, como queriam os materialistas, porque na reprodução orgânica só se transmitem movimentos e forças materiais, cuja atividade persiste mais ou menos tempo, mas sem que seja produzido e desenvolvido o menor átomo de inteligência e nem a mais humilde manifestação do instinto. (*Aplausos.*)

Então, se nosso ser é anterior e superior ao organismo transitório que ele toma como meio de relação, a encarnação não consiste em que o espírito venha a se unir com um organismo já existente; e o corpo também não precede à encarnação do espírito, mas a encarnação é um ato simultâneo do desenvolvimento do ser.

Além disso, se não admitirmos a preexistência de nosso espírito à vida carnal, seria necessário tachar a Causa absoluta de arbitrária, visto que começando a existir os seres no momento de nascer para a vida planetária, alguns tiveram grandes faculdades e tendências para o bem, e outros faculdades muito limitadas e rudes inclinações, os primeiros logo se manifestando como gênios e benfeitores, e os últimos como idiotas, loucos e perversos.

Relacionada intimamente a essa questão está a de saber *se os seres progridem pela virtualidade e eficácia dos organismos, ou pelo contrário, a atividade psíquica é o que imprime nos seres o desenvolvimento e a amplitude das faculdades.* Até o momento a ciência parece se decidir pela teoria darwiniana, que proclama a adaptação orgânica e a seleção natural como leis que determinam a mudança e transição dos seres nos diversos pontos do globo. O Espiritismo tenta dar uma explicação mais racional do progresso sucessivo dos seres não considerando essas leis como causa, mas antes como efeito. Não são os organismos se transformando e se modificando e passando de umas espécies a outras os que produzem o

avanço e o desenvolvimento do espírito: é o espírito, pelo contrário, que, desenvolvendo-se e aperfeiçoando-se em sua atividade essencial, adquire a cada vez condições de vida mais perfeitas e adequadas ao estado em que temporariamente possa estar se manifestando. A adaptação e seleção natural correspondem, por conseguinte, ao elemento inteligente que nos infinitos estados que vai adquirindo condiciona-se às formas orgânicas correlatas ao seu estado de aperfeiçoamento.

Isso não quer dizer que os organismos não progridem. Toda função desenvolve o órgão, e é natural que os seres, se desenvolvendo e progredindo nos organismos, esses organismos, por sua vez, se desenvolvam e progridam; mas é muito diferente que esse progresso se deva à virtualidade do transformismo orgânico, a que se deva à espontaneidade e à atividade do ser que anima o organismo. De onde se deduz também que os seres não partem de um germe ou célula que contém em si as formas preestabelecidas, virtualmente contidas nela, pelas quais o ser deve necessariamente passar, desenvolvendo-se em virtude da eficácia orgânica e em tempo indeterminado: os seres são e existem independentemente das formas orgânicas (sem por isso serem independentes da forma material), e não estão sujeitos a moldes determinados ou fixos; antes, em virtude de seu desenvolvimento essencial, maior ou menor de acordo com sua própria atividade, podem atuar em diferentes organismos, sem ter que passar por uma escala precisa de adaptação orgânica. Por isso a teoria unicelular não explica, muito menos satisfaz, quando se trata de indagar sobre o início e o desenvolvimento sucessivo dos seres. (*Aplausos*).

E como os seres preexistem à organização e, portanto, nosso espírito é anterior a este momento de sua vida eterna, que chamamos de vida planetária ou encarnação, cabe perguntar: *Onde tem sua origem?* Na razão absoluta, em sua manifestação criadora; e como todos os seres têm igual procedência, nós não podemos admitir os critérios de certas escolas filosóficas e religiosas que defendem a criação de seres de natureza diferente, uns superiores ou anjos, outros inferiores ou homens. Não cabe essa dualidade de Criação: *os seres são todos iguais em essência ou em natureza*, e as diferenças que existem entre eles, por maiores que nos pareçam, são apenas de estado, de grau, de progresso em seu eterno aperfeiçoamento. (*Aplausos*).

Para esclarecer esta ideia gostaria de colocar um exemplo; observem o diamante quando é extraído das entranhas carboníferas e vejam como ainda não tem brilho algum; mas à medida que o lapidário o vai polindo e esculpindo suas faces, ele brilha com matizes deslumbrantes, refletindo a luz que recebe. Foi sua natureza que mudou? Não: ele foi apenas polido, mas tão carbono era antes como depois. Da mesma forma o espírito, através de suas existências e pelo desenvolvimento essencial de sua atividade, vai se aperfeiçoando, polindo sua natureza, refletindo cada vez mais a luz da verdade que brilha no universo, mas sendo sempre o mesmo, essencialmente idêntico. (*Grandes aplausos.*)

E sendo que o ser participa da causa que o produz e esta causa é infinita, os seres todos têm uma natureza a desenvolver ao infinito, ou seja, o progresso não tem fim, não pode ter fim, porque o ser contém uma natureza essencialmente perfeita e infinita. Realmente, o finito não existe como estado permanente: todos os estados do ser são transitórios e mutáveis, e o ser realiza sua natureza em uma série de estados sem fim que amplificam constantemente sua atividade e ampliam a esfera de sua irradiação. Dessa forma, a criatura é limitada em sua maneira de estar, tanto em suas propriedades quanto nas relações que mantém com o mundo exterior e que devem se multiplicar indefinidamente; mas sempre infinita quanto a seu ser, eterno e progressivo. Assim compreende-se que, sendo os efeitos de natureza análoga às causas, Deus, causa absoluta do universo, tenha criado ou produzido seres de natureza essencialmente perfeita, como um germe que pode ser desenvolvido através de sua atividade no infinito.

As encarnações são apenas fases ou estados temporários da vida eterna do ser; E assim como para estudar os movimentos do planeta é preciso relacioná-los com os do sol e de outros astros do nosso sistema, para estudar a importância e o valor de uma vida planetária, é preciso levar em conta sua relação com outras fases anteriores.

A Criação não é, como se supôs, uma glorificação externa do Criador. Deus não cria ou produz por necessidade ou para sua glória: a Criação, como expressão da vontade e inteligência divinas, é coetânea com Deus na eternidade, e *sua lei é o amor infinito* que preside às outras leis do universo, a lei suprema à qual as restantes leis da Criação estão subordinadas. O herói e o mártir que se sacrificam no holocausto de uma ideia, a mãe que

dá sua vida para salvar a do filho, o sábio que dedica a sua a descobrir uma verdade que será útil a seus semelhantes, todos caminham, de maneira reflexiva ou instintivamente, impulsionados por essa necessidade suprema de amar, que é a expressão mais sublime da vida do espírito. Deus também nos aparece aqui como a Providência eterna, zelando pelo progresso de suas criaturas, não intervindo por capricho para conceder curas milagrosas ou para variar as leis da natureza, mas incentivando todos os seres a amar mais, a se compenetrar mais, a unirem seus esforços e desenvolverem sua atividade para sentirem e participarem melhor de sua natureza. De tal forma que se os seres progredirem, se os seres avançam, não é apenas em virtude de uma natureza inata em seu ser: é que eles são atraídos, movidos ou impelidos por essa força infinita de amor, em virtude da qual Deus se manifesta como Providência eterna de suas criaturas. (*Estrepitosos e prolongados aplausos*).

Outra questão grave, cuja solução da parte dos filósofos e teólogos nunca satisfaz a razão, é a do *bem e do mal*. Se o mal existe, como é consentido por Deus, amor infinito? Não pode ou não quer evitá-lo? Não poder argumentaria impotência, e não querer, falta de amor por suas criaturas. Para o Espiritismo a solução é clara e conclusiva: o mal não existe. Não é uma quantidade menor de bem, nem é o oposto do que é bom: o mal simplesmente não tem realidade; as dores, as tristezas, as perdas e desenganos, todos os sofrimentos que nos afligem, tudo, absolutamente tudo, serve e se adiciona mais ou menos ao bem.

Com o mal acontece o mesmo que com o frio e a escuridão, que também não têm realidade, nem pouca nem muita, pois, se bem a afirmação é exata, a negação é absurda: se o calor e a luz existem, o frio e as trevas não podem ter realidade, e somente terão existência subjetiva para o ser que assim o sinta ou aprecie; mas ali onde dizemos que há escuridão por falta da luz necessária para ver, outros seres veem com mais clareza, e ali onde entorpecidos de frio ficamos entanguidos, pode haver outros seres que gozem da suficiente temperatura para viver. Da mesma forma, o que denominamos mal, é mal apenas se comparado a outro bem: aquele mal tão grave da escravidão foi em tempos passados um bem na medida em que implicava o perdão da vida ao infeliz prisioneiro, e os males da ordem física ou moral que nos afligem iremos considerá-los, mais à frente, como meios e instrumentos eficazes de progresso, porque sem sentir as necessidades

que o mundo, a sociedade e a limitação de nossa vida nos oferecem, nosso progresso seria impossível. (*Muito bem. Aplausos*).

Quanto à moral, a doutrina espírita, que quer ser científica, não pode aceitar os critérios das religiões positivas que as fazem derivar do princípio de autoridade: seus preceitos ser cumpridos não por se ajustarem aos princípios do bem e da justiça, mas porque Deus, Cristo ou Maomé assim ordenam. O Espiritismo baseia a moral no bem: e assim como não acreditamos que o princípio da atração universal, descoberto por Newton, tenha valor apenas porque este homem eminente o descobriu, mas porque é verdadeiro, também não cremos que os princípios morais obriguem a seu cumprimento porque Jesus ou Moisés, Buda ou Confúcio os formularam, mas porque são leis da nossa vida racional, já que o bem, como a verdade e a beleza, têm seu valor em si mesmos, não pelo mérito daqueles que vão revelando à humanidade esses princípios. Então, se bem os fiéis das religiões positivas devem *obedecer* os mandatos delas, os espíritas não obedecem mas cumprem os preceitos de eterna moral e justiça. (*Muito bem. Prolongados aplausos*).

Por último, senhores, não é apenas no campo da filosofia, da ciência e da moral que o Espiritismo pretende esclarecer dúvidas e corrigir erros, mas irá trazer sua grandiosa influência para a *esfera da Arte* para que ela, por sua vez, influencie também de forma mais efetiva a cultura dos povos.

Com critérios diferentes e sentido oposto, duas escolas principais lutam no campo da Arte; idealismo por um lado e realismo por outro. Para a primeira, a Arte deve expressar o que a vida deve ser, não o que ela é; para a segunda, o essencial é mostrar as dores e misérias da humanidade, para que, diante do quadro sombrio que ela nos oferece, busque remédio. O Espiritismo, trazendo para sua esfera a pluralidade de vidas da alma, fará com que a natureza não seja violentada como faz o idealismo, apresentando nesta existência o malvado arrependido ou castigado e a virtude sempre triunfante; nem, como faz a arte realista, que o vício e a corrupção prevaleçam, senão que o artista, de acordo com a realidade, irá ter à sua disposição quantas vidas quiser e precisar para nos fazer ver, sem transições repentinas ou milagres inverossímeis, como aquele ser que antes aparecia como réprobo e malvado, é depois o herói ou o mártir que dá a vida pelo bem da humanidade.

E se com a pluralidade das existências a esfera da Arte é engrandecida, também continuará sendo, e muito, pela comunicação entre seres encarnados e desencarnados, que nos dará a conhecer novos heróis, cujas façanhas serão cantadas pelo poeta e reproduzidas pelo pintor; heróis até agora desconhecidos, cujas obras já começamos a conhecer, e que, mostrando-nos suas dores e torturas, suas trabalhadoras e vicissitudes, ao mesmo tempo que nos servem de consolo nesta luta da vida, irão nos servir também de encorajamento para perseverar na obra de redenção de nossa própria consciência e na redenção de nossos irmãos que sofrem. (*Aplausos*).

Por tudo isso, senhores, e mais ainda que poderia ser acrescentado, poderão entender que a doutrina espírita, longe de ser desprezada, merece que nos ocupemos dela com seriedade, e que se a princípio parecia pouco importante, hoje a vemos como grandiosa influência; assim como aquelas faíscas que brilham no firmamento e que os sentidos nos mostram muito pequenas, um exame melhor nos faz ver que são sóis gigantes, diante dos quais nosso próprio sol é insignificante.

Mas por enormes que sejam essas maravilhas estelares, mesmo assim nós devemos nos considerarmos maiores ainda. O grande Victor Hugo já dizia: "Há uma coisa maior que o mar e esse é o céu, e há uma coisa maior que o céu: o interior da alma humana". De fato, todos esses sóis que hoje resplandecem com fulgor devem ir se extinguindo com o tempo para emprestar seus elementos a outros que novamente irão se formar; mas nossa alma, nosso ser eterno imutável, permanecerá sempre através dos espaços e os tempos, continuando sua marcha progressiva sem jamais saciar sua sede ardente de conhecer e amar na fonte inesgotável de verdade e beleza do Universo. Tenho dito. (*Ruidosos, repetidos e prolongados aplausos. O orador é parabenizado*).

